



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E PRÁTICAS SOCIAIS

**CORA CORALINA E MARY OLIVER: A POESIA NOS DIFERENTES SOLOS E
CONTEXTOS À LUZ DA ECOCRÍTICA**

MISLAINY PATRICIA DE ANDRADE

**Brasília/DF
2019**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E PRÁTICAS SOCIAIS

MISLAINY PATRÍCIA DE ANDRADE

**CORA CORALINA E MARY OLIVER: A POESIA NOS DIFERENTES SOLOS E
CONTEXTOS À LUZ DA ECOCRÍTICA**

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Henryk Siewierski.

**Brasília/DF
2019**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henryk Siewierski
(Orientador) – PósLit/TEL/UnB – Presidente

Profa. Dra. Rita de Cassi Pereira dos Santos
Membro externo

Prof. Dr. Eclair Antonio Almeida Filho
Postrad/LET/UnB – Membro externo

Profa. Dra. Cintia Schwantes
PósLit/TEL/UnB – Membro

Profa. Dra. Elga Pérez-Laborde
PósLit/TEL/UnB – Suplente

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de Andrade, Mislainy Patricia
dm678c Cora Coralina e Mary Oliver: a poesia nos diferentes
solos e contextos à luz da ecocrítica / Mislainy Patricia de
Andrade; orientador Henryk Siewierski. -- Brasília, 2019.
156 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Cora Coralina. 2. Mary Oliver. 3. Literatura. 4.
Ecocrítica. 5. Tradução. I. Siewierski, Henryk , orient. II.
Título.

A Deus.
Ao meu irmão Fernando.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Henryk Siewierski, orientador desta pesquisa, por ter me transmitido conhecimento, segurança e tranquilidade nesta trajetória.

À Universidade de Brasília, ao PósLit e à Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade de realizar este projeto.

Aos amigos dos Estados Unidos da América, que não mediram esforços para contribuírem com minha pesquisa, em especial à Lee Regal, Miriam Achenbach, Bruno Salústio, Lídia Lopes, Raquel Garcia, Hefer Santos, Felipe Souza, John Liberis, Jeffrey More, Ken Chamberlain, Omar Jammal, Lukas Oliveira, Sidney Filho e Gracia Menezes.

Aos meus pais Iraci e Irai, aos meus irmãos Edilene, Edson, Edimilson e Rogério, e a minha avó, Conceição, pelo apoio, carinho e compreensão. Eles ficarão orgulhosos ao verem seus nomes estampados aqui.

À professora Dr^a Célia Câmara de Araújo, admiradora desde muito de Cora Coralina, leitora deste trabalho. Mulher guerreira que, na sua maturidade, soube unir preparo intelectual ao amor pelo artesanato, encontrando tempo na vida agitada da cidade grande, Rio de Janeiro, para cultivar o espírito recomendado por Cora, buscando a simplicidade do campo.

Ao colega de doutorado, Dennys Silva-Reis e à amiga Dilma Machado pela parceria nos trabalhos acadêmicos realizados durante os quatro anos do doutoramento.

À Adriana Bezerra, Elenice Andalécio, Eliseu Brito, Luciene Arcanjo, Raphael Costa, Regina Emos e Valéria Rosa pela amizade sincera.

Desistir? Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério. É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.

(Cora Coralina)

I don't want to end up simply having visited this world.

(Mary Oliver)

RESUMO

O presente estudo é uma leitura reflexiva, à luz da perspectiva ecocrítica e de teorias ecofeministas, de contos e poemas de Cora Coralina (1889-1985) e de Mary Oliver (1935), respectivamente, brasileira do estado de Goiás e norte-americana do estado de Ohio. O estudo focaliza a relação telúrica de cada uma com a natureza e seu meio social, em particular, durante o período em que viveram, Cora, na cidade de Goiás e, Oliver, em Provincetown, Massachusetts, cidades onde produziram a maior parte de seus escritos. O olhar comparativista permite sinalizar e interpretar relevantes convergências, marcadas pela sensibilidade feminina, na representação da natureza, com a ênfase no nascimento e nos ciclos da vida, comuns a todos os seres vivos. A observação de uma cumplicidade, respeito e devoção de ambas para com a natureza leva também a uma reflexão sobre a importância de uma relação dialógica com as culturas por vezes chamadas de primitivas. A representação poética da natureza não deixa de ser também uma forma de celebração da vida em suas diversas manifestações. Na poesia de Cora, encontramos maior comprometimento com temas sociais que dão voz aos marginalizados, às minorias, e à luta pela igualdade entre os seres. As vozes de ambas as poetisas, que representam poéticas e tradições literárias e culturais diferentes, no espelho da proposta ecocrítica convergem como argumentos fortes de um projeto de educação, conscientização, e preservação ambiental cada vez mais articulado e necessário no mundo de hoje.

Palavras-chave: Cora Coralina. Mary Oliver. Ecocrítica. Ecofeminismo. Poesia e Natureza.

ABSTRACT

The present study is a reflective reading of Cora Coralina (1889-1985), from the Brazilian State of Goiás, and of Mary Oliver (1935), from the State of Ohio in the United States of America, based on the ecocriticism framework and ecofeminist theories. The study focuses on the telluric relationship from each poet with nature, and their social environment, particularly during the period in which they lived: Cora in the city of Goiás, Goiás, and Oliver in Provincetown, Massachusetts; small cities in where both poets produced most of their literary work. The comparativist point of view allows us to highlight, and interpret relevant convergences, marked by the feminine sensibility in the representation of nature, emphasizing the birth and the life cycles, common to all living beings. The observation of complicity, respect, and devotion from both poets to nature, also leads us to reflect about the importance of a dialogical relationship with the cultures, sometimes called primitives. The poetic representation of nature is also a way of celebrating life in its multiple manifestations. In Cora's poetry, we find a greater commitment with the social issues that give voice to the marginalized; the minorities, and to the struggle for equality among beings. The voices of these women poets who represent poetics and literary and cultural different traditions, in the mirror of the ecocritical framework, are converged on strong arguments of an education, awareness, and environmental preservation project, increasingly articulated, and necessary in our current world.

Keywords: Cora Coralina. Mary Oliver. Ecocriticism. Ecofeminism. Poetry and Nature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cabana onde morou Henry David Thoreau, às margens do lago Walden, em Concord, Massachusetts, EUA	22
Figura 2. Placa informativa da réplica da cabana onde viveu Thoreau.....	22
Figura 3. Walden Poud, Concord, Massachusetts, EUA.....	23
Figura 4. <i>Paps of Anu</i> – colinas que representam os seios fartos de Dana	29
Figura 5. <i>Paps of Anu</i> – mamilo construído no topo da colina por um amontoado de pedras, levadas por peregrinos como oferenda à Dana.....	30
Figura 6. Rua Dom Cândido, cidade de Goiás.....	44
Figura 7. Beco do Mijo, cidade de Goiás.....	45
Figura 8. Rua do Horto, cidade de Goiás	45
Figura 9. Cora Coralina preparando seus doces de frutas cristalizadas para a venda	47
Figura 10. Casa Velha da Ponte — casa de Cora Coralina, cidade de Goiás.....	49
Figura 11. Mary Oliver (à direita) e sua companheira Cook (à esquerda).....	54
Figura 12. Provincetown, vista do Pilgrim Monument	55
Figura 13. Provincetown durante o verão	56
Figura 14. Primeira escola de artes da cidade, chamada Cape Cod School of Art, fundada em 1899, por Charles Webster Hawthorne	57
Figura 15. Casa de Mary Oliver em Provincetown (frente).....	58
Figura 16. Casa de Mary Oliver em Provincetown (quintal)	58
Figura 17. Rio Vermelho e quintal da casa de Cora Coralina, cidade de Goiás	76

Figura 18. Maria Grampinho pelas ruas de Goiás.....	97
Figura 19. Boneca de pano inspirada em Maria Grampinho.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 AS TRILHAS DA ECOCRÍTICA	17
1.1 A ecocrítica: dos primórdios à atualidade	17
1.2 A natureza vista como objeto	18
1.3 Reverberações da ecocrítica	21
1.4 A ecocrítica feminista e o ecofeminismo	28
1.5 A literatura e a natureza	36
2 CORA CORALINA E MARY OLIVER.....	40
2.1 Cora Coralina	40
2.2 Goiás e seus cenários.....	44
2.3 Sobre o documentário: Cora Coralina - Todas as Vidas, de Renato Barbieri	49
2.4 Mary Oliver.....	52
2.5 Provincetown e seus cenários.....	53
2.6 Entrevista exclusiva de Maria Shriver com Mary Oliver.....	59
3 LEITURA ECOCRÍTICA – 1	69
3.1 Cora Coralina	69
3.2 O Cântico da Terra	69
3.3 Oração do Milho.....	71
3.4 Meu Epitáfio.....	73
3.5 Rio Vermelho	73
3.6 As Maravilhas da Fazenda Paraíso.....	76
3.7 Eu Voltarei	78
4 LEITURA ECOCRÍTICA – 2	81
4.1 Mary Oliver.....	81

4.2	May	82
4.3	Humpbacks.....	83
4.4	I Own a House.....	85
4.5	In Black Water Woods	86
4.6	A Poem for Blue Heron.....	88
4.7	Cold Poem.....	90
4.8	The Turtle.....	91
5 DIALOGANDO COM AS POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS		
ENTRE AS POETAS		93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		106
ANEXOS		110
	Anexo A – Contos e poemas de Cora Coralina.....	110
	Anexo B – Entrevista completa de Maria Shriver com a poeta Mary Oliver em Inglês	125
	Anexo C – Tradução para o Português da entrevista concedida pela poeta Mary Oliver à jornalista Maria Shriver	132
	Anexo D – Contos e poemas completos de Mary Oliver em Inglês e respectivas traduções para o português.....	140

INTRODUÇÃO

*Eu nasci ouvindo os cantos/das aves da minha
serra/ e vendo os belos encantos/ que a mata
bonita encerra/ foi ali que eu fui crescendo, fui
vendo e fui aprendendo/ no livro da natureza/
onde Deus é mais visível/ o coração mais
sensível/ e a vida tem mais pureza.*

(Patativa do Assaré)

O presente estudo vincula-se tanto à linha de pesquisa de Estudos Literários Comparados quanto ao eixo dos Estudos da Tradução, do Programa de Pós-Graduação em Letras — Literatura e Práticas Sociais, da Universidade de Brasília, e tem como objetivo uma leitura e reflexão sobre a poesia de Cora Coralina (1889-1985) e de Mary Oliver (1935), respectivamente, brasileira do Estado de Goiás e norte-americana de Ohio, à luz da ecocrítica, cujos pressupostos teóricos e metodológicos sintonizam com importantes aspectos e características predominantes de suas obras.

Derivado da junção das palavras “ecologia” e “crítica”, o termo “Ecocrítica” surge inicialmente em 1978, sendo cunhado por William Rueckert, no artigo *Literature and Ecology: an experiment in ecocriticism*, publicado, porém, apenas em 1996, no primeiro volume de artigos sobre essa área de estudos, intitulado *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*, organizado por Cheryll Glotfelty e Harold Fromm. A aproximação da *práxis* literária ao campo de fenômenos ecológicos demarcou, então, a inserção inaugural da chamada ecocrítica como um dos campos dos estudos literários.

Ao reunir, de modo pioneiro, os vastos e diversificados campos da literatura e do meio ambiente, Rueckert configurou a pedra angular de um horizonte crítico-teórico reconhecido hoje como importante na relação entre a produção cultural do homem e a natureza que o sustém. A partir de então, os estudos ecocríticos começaram a se desdobrar e alcançar novos horizontes. Todos os artigos que compõem esse livro de referência têm como base a ecocrítica, e assinalam a relação do homem com o meio ambiente por meio da literatura. De acordo com Garrard, a ecocrítica “é o estudo da relação entre o humano e o não humano, ao longo de toda a história cultural humana, que acarreta uma análise crítica do próprio termo ‘humano’ (GARRARD, 2006, p. 16).

Oliver já tem sido estudada à luz da ecocrítica por alguns pesquisadores americanos, a exemplo de Janet McNew, já para Cora, não consta, até o presente momento, nenhum registro oficial de estudos nessa área.

A escolha das autoras se justifica não apenas por um interesse de ordem pessoal, e uma inegável sensação de pertencimento a essas realidades reais e ficcionais, como também por já ter vivido no contexto rural, diretamente ligada à natureza, mas, igualmente, por encontrar em ambas uma sintonia literária muito forte, um fio condutor passível de uma exploração mais profunda e inédita, pois é um caminho, certamente, pelo menos não oficialmente, trilhado.

Cora Coralina é hoje a figura literária feminina mais emblemática e que mais bem representa o estado de Goiás, em especial a cidade de Goiás. Por sua vez, a obra da norte-americana Mary Oliver se apresenta como relevante para este estudo por ser a que mais representa os estudos ecocríticos norte-americanos, e, por dispor de características literárias similares às da obra de Cora, já que igualmente essa obra ilustra uma profunda comunhão com o mundo natural.

Durante pesquisas nas universidades e bibliotecas do Estado de Massachusetts, como Harvard e UMASS, nos Estados Unidos da América, nos anos de 2016 e 2017, apresentei a poeta Cora Coralina a alguns professores e pesquisadores do campo da literatura. Na ocasião conheci Miriam Achenbach, coordenadora da biblioteca municipal da cidade de Marlborough, responsável por me apresentar, juntamente com a professora Lee Regal, a algumas autoras americanas, a exemplo de Mary Oliver, cuja obra estudei até estar convicta de que ela seria a poeta escolhida para dialogar com Cora Coralina nesta pesquisa. Percebi que ambas estariam direta ou indiretamente ligadas às propostas dos estudos ecocríticos.

Durante o período em que estive nos Estados Unidos da América, fiz questão também de conhecer de perto a pequena cidade litorânea da poeta Mary Oliver, Provincetown, localizada nas extremidades de Cape Cod, Massachusetts. Visitei ainda sua casa que se encontra fechada desde que a poeta se mudou para a Flórida em 2016. Mais adiante, falarei detalhadamente sobre este cenário que muito inspirou a poeta norte-americana.

Sob a perspectiva da ecocrítica e de teorias ecofeministas, esta pesquisa tem como objetivo central investigar e comprovar a relação da produção literária de Cora Coralina e de Mary Oliver com a natureza no contexto da cidade de Goiás, situada no estado de Goiás, Brasil, e na cidade de Provincetown, no estado de Massachusetts, Estados Unidos da América, cenários em que viveram as poetisas, e onde foi escrita a maior parte da obra de ambas. Em continuidade, apresento um estudo da vida e da obra das autoras, suscitando um

necessário intercâmbio cultural comparativo entre o contexto brasileiro, representado por Cora Coralina, e o norte-americano, representado por Mary Oliver. Empreendi, ainda, a tradução para a língua portuguesa dos contos e poemas de Mary Oliver analisados neste estudo.

Ao me envolver com as obras de Cora Coralina e de Mary Oliver, compreendi, ainda, a importância de associar a natureza às próprias identidades femininas das escritoras, o que me instigou a compreender e a classificar suas produções, bem como suas relações com o espaço natural, segundo a perspectiva ecocrítica e algumas teorias ecofeministas. Assim, por intermédio de um diálogo entre Cora Coralina e Mary Oliver, objetivei apresentar, também, possíveis descobertas inéditas, com base na proposta interdisciplinar da ecocrítica, que poderão ser instrumentos de valia para a nova proposta educacional de conscientização e preservação do meio ambiente, ou seja, da nossa casa.

Em termos de metodologia, empreendi um estudo comparativo e conteudístico de caráter qualitativo, com embasamentos teóricos específicos e atualizados sobre Cora Coralina e Mary Oliver, bem como teorias associados à ecocrítica e aos estudos ecofeministas, os quais nortearam a análise dos contos e poemas selecionados e traduzidos para este estudo.

Pelo fato de as autoras escolhidas participarem de culturas e realidades sociais distintas, esta pesquisa sintetiza por meio das lentes da ecocrítica, semelhanças e diferenças pontuais entre elas. Nesse sentido, fez-se importante analisar a construção dos significados atribuídos aos espaços concernentes às questões ambientais, culturais, sócio-históricas e literárias, além de comparar e argumentar sobre a subjetividade poética das autoras na descrição dos elementos da natureza, supostamente projetados em suas obras por intermédio das relações de convívio, devoção e interação, bem como conceitos, percepções e afinidades com o natural.

Mary Oliver, norte-americana, imersa em uma realidade social e cultural bem diferente da de Cora Coralina, é autora de uma obra que teve início no estado de Ohio, a qual prosseguiu em Provincetown, na região da Nova Inglaterra, Estado de Massachusetts, para onde Oliver se mudou em 1960. Foi em uma casa em que habitou com sua companheira, a fotógrafa Molly Malone Cook, por quase cinquenta anos que Oliver escreveu grande parte dos seus livros, até se mudar, em 2016, aos 82 anos de idade, para a Florida. Seus escritos são notadamente ricos em detalhes descritivos da natureza, fortemente influenciados pelos autores Whitman e Thoreau, tornando-se conhecidos por suas observações claras do mundo natural. A sua criatividade poética é inspirada em elementos e fenômenos da natureza, de onde nascem seus contos e poemas. Mary Oliver parece tratar a natureza como se esta dispusesse de alma,

em latim *animus*, literalmente sopro, “o que anima”. Daí advém o seu universo ficcional, ouvindo, sentindo e tentando comunicar-se com o espaço que a circunda. Para a autora, entender a natureza configura o único caminho possível para se chegar à compreensão do mundo em que vivemos.

Por sua vez, Cora Coralina, cujas raízes se firmaram às margens do Rio Vermelho, na cidade de Goiás, apresenta em seus textos literários um pródigo leque de experiências vividas e, em suas memórias, revividas. Possuidora de uma linguagem peculiar e de uma dicção autêntica – como é possível observar em suas obras e registros encontrados na mídia em geral, e largamente difundidos em canais da internet – Cora compôs sua obra a partir de relatos da história de pessoas do interior do Brasil, em particular do povo da cidade de Goiás, contando, a sua maneira, acima de tudo simples e direta, os fatos ocorridos naquela época pelos becos e ruas históricas da sua pequena cidade, bem como relatando a tradição secular da região, repassada de geração a geração. Se a linguagem de Cora parece às vezes até rebuscada e erudita, isso se deve ao fato de ela trazer um pouco do modo de falar do século em que nasceu, o século XIX. Mas Cora não traz desse século apenas um modo antigo de expressão. Sempre alguns passos à frente de seu tempo, Cora, numa época em que o Estado de Direito praticamente inexistia no Brasil, traz em sua obra as múltiplas vozes da sociedade, ecoando metaforicamente em denúncias e memórias de marginalizados, desvalidos e esquecidos. Seus versos gritam pela criança que por costume era severamente castigada, sem voz e sem vez, a não ser a de servir aos adultos, dá voz às prostitutas exploradas e torturadas em plena luz do dia, e, mais que isso, seus versos dão voz aos não humanos: ao burrinho mais carregado do que suas forças poderiam aguentar, à plantinha e mesmo à água suja que corre nos becos de Goiás. Essa voz se confunde à voz da própria poeta, pois como ela registra em seus poemas narrados, é o amor que os une. Nesse aspecto, o verso “amo e canto com ternura todo o errado da minha terra¹” funciona como síntese dessa denúncia, e é o amor que faz a simbiose entre poeta e o ambiente cantado nesses versos.

Cora, assim como Oliver, apropria-se com frequência dos elementos da natureza em suas obras. É possível perceber que a autora demonstra um grande apego à terra, às frutas e às plantações do seu pomar, às águas, em especial ao Rio Vermelho, e ao verde de forma geral. Cora mostra que, ao se identificar com a terra, o ser humano se mistura à natureza, e se une aos outros seres e elementos naturais, formando com eles um único ser, e uma única fonte de vida, ocupantes do mesmo espaço ímpar, que alimenta e é alimentado pelos seres da natureza.

¹ CORALINA, C. Becos de Goiás. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1996, p. 93.

Para embasamento teórico, além dos já citados William Rueckert, Cheryll Glotfelty e Harold Fromm, recorri a Cheryll Glotfelty, cujos pressupostos veem na ecocrítica a possibilidade de estudo entre a literatura e o meio ambiente, visando compreender como a natureza está representada no contexto literário e qual a relação do homem com tudo que o cerca. Foram analisadas ainda as posturas ecocríticas de Greg Garrard, bem como dos autores Greta Gaard, Simon C. Estok e Serpil Oppermann, que discorrem sobre as perspectivas internacionais da crítica ecofeminista, entre outros temas.

Esta tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro, “As trilhas da ecocrítica”, foram abordados alguns estudos teóricos relacionados à Ecocrítica, desde os anos 70 até a contemporaneidade, além de algumas perspectivas atuais sobre a ecocrítica e a crítica ecofeminista. Também foram tratados, de modo breve e panorâmico, aspectos da relação possível entre a literatura e a natureza.

No segundo capítulo, intitulado “Cora Coralina e Mary Oliver”, estudei a biografia das autoras e a importância das suas obras para o campo dos estudos da ecocrítica. Procurei discorrer, ainda que brevemente, sobre as cidades de Goiás e de Provincetown, cenários da maior parte da produção literária das autoras.

No terceiro e quarto capítulos, “Leituras Ecocríticas – 1 e 2, foi feita uma análise mais profunda de alguns contos e poemas das poetisas Cora Coralina e Mary Oliver, baseada na perspectiva ecocrítica.

E por último, no quinto capítulo, “Dialogando com as possíveis convergências e divergências entre as poetisas em estudo”, foram apresentados pontos marcantes como os elementos naturais e suas representatividades por meio de metáforas e, por fim, busquei responder à questão norteadora deste estudo.

Sem dúvida, envolver-se com o universo literário das escritoras Cora Coralina e Mary Oliver é empreender uma viagem no tempo, na cultura e na história, viagem esta capaz de presentear o viajante com descobertas inéditas, que são, certamente, ferramentas pontuais para o aprimoramento dos estudos ecocríticos e ambientais.

1 AS TRILHAS DA ECOCRÍTICA

What then is ecocriticism? Simply put, ecocriticism is the study of the relationship between Literature and the physical environment. Just as feminist criticism examines language and literature from a gender-conscious perspective, and Marxist criticism brings as awareness of modes of production and economic class to its Reading of texts, ecocriticism takes an Earth-centered approach to literary studies.²

(Cheryll Glotfelty)

1.1 A ecocrítica: dos primórdios à atualidade

Não se pode falar da ecocrítica sem antes fazer menção ao campo semântico que envolve a ecologia. O termo “ecologia” surgiu em 1866, criado pelo biólogo e filósofo alemão Ernst Heinrich Haeckel (1834-1919). Segundo Haeckel, trata-se da junção das palavras gregas *oikos* e *logia*. A primeira, etimologicamente, refere-se à “casa” ou “morada”, e a segunda se associa a “estudo”. Desse modo, um dos possíveis significados para a palavra “ecologia” seria o “estudo da morada”. Nessa perspectiva, a natureza pode ser compreendida como “a casa de todos”.

Nesse contexto, com o propósito de atrelar os estudos literários à natureza, nasce o termo “ecocrítica”. Segundo Rueckert, estudioso responsável pela criação do vocábulo, “levar a literatura à ecologia é unir dois princípios de criatividade para que os seres humanos ajam em conformidade com o restante da biosfera” (1996, p. 119). Para o autor, essa união também seria uma forma de (re)aproximar a cultura da natureza, pois durante muito tempo se pensava que, para ser culto, era preciso afastar-se do mundo natural, até então sinônimo de inculto, já que predominava a noção de que não poderia haver cultura em que prevalecesse a natureza.

²Então, o que é ecocrítica? Simplificando, a Ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o meio ambiente. Assim como a crítica feminista examina a linguagem e a literatura a partir de uma perspectiva consciente de gênero, e a crítica marxista traz os modos de produção, e as classe econômicas para a leitura de seus textos, a ecocrítica tem uma abordagem centrada na Terra para os estudos literários. (Tradução minha)

A ecocrítica é considerada um dos campos interdisciplinares mais recentes dos estudos literários e culturais. Em uma perspectiva cultural, a ecocrítica analisa o papel que a natureza desempenha na formação de uma determinada comunidade cultural em cada momento histórico, examinando como o conceito de “natureza” é definido, quais os valores atribuídos ou negados a ela, e de que forma a relação entre o meio natural e o ser humano é assimilada. Essa vertente cultural da ecocrítica permite avaliar como esses conceitos de “natureza” são condicionados historicamente, revelando, principalmente, as construções literárias e artísticas que passaram a moldar as percepções e reflexões atuais sobre o meio ambiente e seus elementos naturais.

Embora as relações homem/natureza, arte/natureza estejam desde sempre presentes na literatura e nas artes em geral, é, apenas em meados da segunda metade do século XX que essas relações passaram a ser vistas sob um viés claramente ecológico, surgindo assim o termo ecocrítica nos meios acadêmicos. Mais precisamente, o termo aparece, como se disse, com Rueckert, em artigo publicado em 1978, mas é apenas em 1996, já no ocaso do século passado, que ocorreu sua inclusão como novo ramo de estudos literários. Tal aparecimento se deu, obviamente, em função das preocupações do homem com os transtornos desencadeados pela pouca atenção que a espécie humana vem dando a sua “casa”.

A ecocrítica pretende analisar o texto literário de modo a perceber o comprometimento, por parte de quem escreve, com a “casa” onde habitamos, deixando para trás o pensamento de uso e, por que não dizer, abuso dessa casa que, mais do que o planeta, se estende ao conceito de espaço cósmico. Assim, visando melhor entendimento dessas relações arte/natureza e suas repercussões na literatura, foi necessário fazer todo um percurso, pelo menos no chamado mundo ocidental, que veio a desencadear nossos atuais meios de produção de bens e de consumo. Tal percurso derivou na crise ambiental em que hoje nós nos encontramos, sendo esse “nós” não meramente humano: é o planeta como um todo que sofre e dá sinais de impossibilidade de suportar os abusos cometidos pela espécie humana, daí as repercussões dos estudos de ecologia nas mais variadas áreas.

1.2 A natureza vista como objeto

Desde a Idade Média, a chamada cultura ocidental defende, em geral, uma ideologia fundamentada na exploração da natureza. A partir do surgimento das instituições cristãs, há uma inegável valorização da dimensão humana motivada pelo próprio cristianismo e pela propagação do entendimento do homem como um ser privilegiado, pois é herdeiro da natureza e da vida eterna, cabendo, na maioria das interpretações do pensamento cristão, a

dicotomia sujeito/objeto na relação homem/natureza, respectivamente. Ademais, a espécie humana acreditava estar situada no campo sagrado, autoconsiderando-se a única capaz de superar as demais, até mesmo alcançando a transcendência após a morte, como se disse. Partindo desse pressuposto, difundiu-se a ideia de que Deus criou os animais, as plantas e mesmo a totalidade de matérias disponíveis no planeta para servirem à espécie humana, não apenas como alimento e força de trabalho, mas também para o enriquecimento e prosperidade material dos homens.

Remontando ao Renascimento, percebe-se a ocorrência de uma equivocada, porque destrutiva, progressão das relações entre o homem e a natureza. Surgem, no Ocidente, um novo homem e uma nova forma de olhar para o mundo e para o próximo, por assim dizer. O Renascentismo, movimento artístico, literário e filosófico do fim do século XIV que se propagou da Itália para os demais países da Europa, marca “o segundo nascimento do homem”, no sentido de retomada dos valores da Antiguidade, da renovação religiosa, das concepções políticas e do próprio naturalismo, com incisivo interesse pela investigação direta da natureza e pela ciência moderna, ainda incipiente nesse período. Mas é a escalada mesma do cientificismo que redundará no equívoco hoje apontado pelos estudos ecológicos, estes que se debruçam sobre modos de preservação da “casa”.

Desponta, assim, no período renascentista, uma nova maneira de pensar e agir, a partir da qual o homem, tendo por objeto a natureza, passa a se ver como sujeito que usa a natureza como fonte e centro de indagações e de conhecimento, isto é, ela é seu objeto. A apreensão da realidade e do universo não mais era religiosa e dogmatizada, mas, progressivamente, racional e empírica.

O chamado humanismo se associava diretamente ao antropocentrismo. Desde então, o homem tem-se deixado levar pela busca constante da felicidade e da saciedade dos desejos individuais, ancorada, a busca, necessariamente, no acúmulo de bens materiais. Como decorrência, a exploração demasiada e inconsequente dos recursos naturais, e, por que não dizer, do próprio homem, o que sabidamente vem ameaçando a preservação das espécies, inclusive a humana.

Seguindo essa lógica, vários cientistas e ambientalistas passaram a desvendar a “utilidade” e o benefício de cada espécie animal e vegetal para os humanos. Todos nós, por exemplo, conhecemos a classificação, até bem pouco tempo usada como apoio didático nas escolas, que separava algumas espécies como “úteis” ou “nocivas”, para citar apenas uma das reverberações do pensamento cientificista nas escolas. Segue um fragmento do artigo *Animais*

úteis e nocivos? da bióloga Mariana Araguaia, uma crítica à tradição ensinada nas escolas. O artigo foi publicado no Canal do Educador, da revista Brasil Escola³.

Perceber e, pior ainda, ensinar sobre os animais e a natureza, dessa maneira, é bastante errado, já que reforça, desde cedo, a supervalorização de alguns organismos vivos em detrimento de outros. Além disso, esses fatos dão “carta branca” para que muitas atrocidades sejam cometidas, como os maus-tratos e matança injustificada de animais, uso indiscriminado de pesticidas e destruição de florestas nativas; já que estamos partindo de uma visão que privilegia unicamente o que, à primeira vista, é útil ou nos agrada.

Grande parte da humanidade ainda conserva os paradigmas da civilização ocidental, alinhando-se aos valores da ordem vigente, não se considerando parte integrante do cenário natural e tampouco compreendendo a inter-relação de suas vidas com a de outros seres não humanos. A natureza tem sido compreendida ainda como algo distante e alheio ao cotidiano do homem, ou simplesmente como um instrumento utilitário para suprir, por meio de intervenções e modificações, os desejos e interesses pessoais.

Para mudar essa inclinação dominadora do homem sobre a natureza, o primeiro caminho foi buscar compreender a subjetividade dos seres humanos, estimulando-os à reflexão sobre aspectos sociais, culturais e ambientais. Desse modo, atesta-se que os estudos literários vinculados à vertente ecológica vieram para contribuir com essa nova proposta de abordagem crítica. Em meio a crises ecológicas e conflitos sociais sobre a gestão e distribuição dos recursos naturais que marcaram a transição da Idade Média até a atualidade, surge o “pensamento verde” na literatura, o que hoje se conhece como estudos ecocríticos.

Essa nova área de estudos ganha força diante de um número crescente de preocupações e compromissos ambientais provindos da literatura, da música, do cinema, da pintura, bem como de outras artes e da ciência. Além de colaborar significativamente para um diálogo interdisciplinar entre a literatura e a ciência, a ecocrítica contribui também para novas reflexões acerca das relações entre o ser humano e a natureza.

³ ARAGUAIA, M. Animais úteis e nocivos. **Brasil Escola**, [S.d]. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/animais-uteis-nocivos.htm>. Acesso em: 15 nov. 2018, às 23h.

1.3 Reverberações da ecocrítica

A proposta de análise ecocrítica do espaço natural pode ser entendida como uma intervenção direta na sociedade, na política, na cultura, bem como em debates socioeconômicos que envolvem discussões sobre a conscientização e a preservação ambiental. No que diz respeito à crítica literária, a ecocrítica seria uma ponte interdisciplinar entre a ciência, a cultura e a literatura. Vale ressaltar que a ciência ainda é vista como a representação mais verdadeira da natureza nas culturas ocidentais. Essa mesma ciência contribui significativamente para a evolução do pensamento ambientalista desde a década de 1960, valorizando a credibilidade que os estudos ambientais têm na sociedade atual.

Partindo da suposta ambiguidade em torno da compreensão a que a ecocrítica remete, ou seja, entre sua ligação com a ciência e a cultura, talvez não seja surpresa que sua inserção no meio acadêmico ainda não tenha estabelecido vínculos tão significativos entre as abordagens literárias e científicas. Tudo porque a ecocrítica procura abordar a natureza mais enfaticamente por seu viés estético e não pelo científico, considerando, no mais das vezes, a análise científica prejudicial para a apreciação estética, pois para esta (científica), há ainda a dicotomia sujeito (cientista) vs objeto (natureza).

Com o intuito de mostrar neste estudo que as preocupações com as relações homem/natureza não são meros modismos de nossos tempos, apesar de, como foi mostrado, o reconhecimento como área de estudo ser recente, cabe destacar aqui a relevância das pesquisas e relatos do filósofo, poeta e naturalista Henry David Thoreau. Escrita em 1854, *Walden or, Life in the Woods* [Walden ou a Vida nos Bosques], trata-se de uma autobiografia, tida como sua obra mais expressiva acerca da natureza. É ainda uma manifestação da sua independência pessoal, uma experiência social e de autoconhecimento. *Walden* é considerado um marco das manifestações poéticas contra a civilização industrial, o qual, na época, ganhou força nos Estados Unidos da América. Thoreau, insatisfeito com o modo de vida norte-americano, propôs a eliminação do desperdício e o retorno ao estilo de vida simples, indo ele mesmo viver em um bosque de frente ao lago *Walden*, em Concord, Massachusetts, nos Estados Unidos da América, onde passou dois anos, dois meses e dois dias, escrevendo e observando a natureza e as mudanças ambientais.



Figura 1. Cabana onde morou Henry David Thoreau, às margens do lago Walden, em Concord, Massachusetts, EUA
 Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 2. Placa informativa da réplica da cabana onde viveu Thoreau
 Fonte: Acervo pessoal da autora

A Revolução Industrial, ocorrida nos Estados Unidos da América no século XIX, trouxe o confronto entre o mito rural-natural e a realidade tecnológica: o refúgio de Thoreau, em *Walden Pond*, é então invadido. No fragmento a seguir, é possível perceber o momento em que a paz bucólica foi interrompida por uma máquina:

O apito da locomotiva penetra em meus bosques. Verão e inverno, soam como um grito de um falcão que pairasse sobre o quintal de um lavrador, informando-me que muitos comerciantes urbanos irrequietos estão chegando ao círculo interno da cidade, ou que mercadores aventureiros do interior chegam do outro lado (THOREAU, 1992, p. 91, *apud* GARRARD, 2006).

É possível constatar, então, no fragmento acima, a resistência de Thoreau à chegada da tecnologia e o seu exercício de contemplação das virtudes e do silêncio na natureza. Segundo Greg Garrard (2006), estudiosos como Marx e Lawrence Buell criticam a postura radical de Thoreau, no entanto, a trajetória do autor e a importância de seus escritos fazem dele uma figura exemplar, cuja obra continua a nos revelar aspectos importantes sobre a posição mutável do meio ambiente na cultura e nos círculos acadêmicos literários norte-americanos e, por que não dizer, nos estudos ecocríticos internacionais.



Figura 3. Walden Pond, Concord, Massachusetts, EUA
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 1989, o periódico fundado por Alice Nitecki já publicava textos e informações referentes à literatura e ao meio ambiente. Despontavam os primeiros rascunhos do que seria a ecocrítica. Na oportunidade, os especialistas se juntaram e uniram forças com outros autores mais jovens, a exemplo dos acadêmicos de pós-graduação, para oficializarem um expressivo grupo de estudos. A partir de então, na década 1990, a ecocrítica e os seus estudos começaram a ganhar mais impulso, inaugurando-se nos Estados Unidos da América, a *ASLE* — *Association for the Study of Literature and Environment* (da qual sou membro desde 2016).

Atualmente, a *ASLE* já possui filiais na Inglaterra e em grande parte da Europa, bem como no Japão, China e Brasil. Na Europa, foi criada uma associação chamada *EASLCE* — *European Association for the Study of Literature, Culture and Environment*, presidida por Greg Garrard.

Em nosso País, os elementos da natureza sempre mereceram destaque na literatura, mas é marcadamente após a semana de Arte Moderna de 1922, com o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, que se empreende uma nova concepção de arte, literatura e identidade brasileiras. Com o propósito de repensar a cultura nacional, artistas e escritores passaram a valorizar mais a natureza e a herança cultural indígena e, com isso, o trabalho de conscientização sobre a importância de se respeitar o meio ambiente e nossos recursos naturais. Enfim, nossa diversidade e riquezas naturais são temas frequentes das produções artísticas e literárias brasileiras, havendo espaço mesmo, a partir de então, para a antropologia, para o tipo brasileiro em simbiose com o ambiente.

Em princípio, a ecocrítica estava voltada a reavaliar a apropriação do mundo natural pelo Romantismo, na sua progênie cultural e nas concepções de natureza formadas nesse período, quando a visão predominante é a da já comentada dicotomia sujeito/objeto. Os estudos ecocríticos vêm, portanto, ampliando essa visão e abordando diferentes questões até então inauditas. Ligada à cultura, à literatura, às artes visuais e à música, a ecocrítica já nasce, por óbvio, interdisciplinar, e busca compreender a história ambiental, a filosofia, a sociologia, a ecologia e a ciência, pois trata-se, neste momento, de uma questão de sobrevivência da espécie humana. Segundo Donald Worster, proeminente estudioso e defensor das causas ambientais, essa busca do conhecimento interdisciplinar se justifica por estarmos passando por um período de grandes crises ambientais.

We are facing a global crisis today, not because of how ecosystems function but rather because of how our ethical systems function. Getting through the crisis requires understanding our impact on nature as precisely as possible, but even more, it requires understanding those ethical systems and using that understanding to reform them. Historians, along with literary scholars, anthropologists, and philosophers, cannot do the reforming, of course, but they can help with the understanding (WORSTER⁴ *apud* GLOTFELTY, 1996, p. xxi).⁵

⁴ WORSTER, Donald. **The Wealth of Nature**: Environmental History and the Ecological Imagination. New York: Oxford University Press, 1993.

⁵ Atualmente, estamos enfrentando uma crise global, não devido ao funcionamento dos ecossistemas, mas sim, devido ao funcionamento dos nossos sistemas éticos. Para superar essa crise, é necessário compreendermos de forma precisa, o nosso impacto sobre a natureza, mas, ainda, é necessário compreendermos esses sistemas éticos e usarmos essa compreensão para reformá-los. Os historiadores, juntamente com estudiosos literários,

Desse modo, e a partir desses autores, tanto a nossa imaginação quanto a nossa compreensão de meio ambiente se ampliam quando analisamos as relações entre o ser humano, o mundo natural (não humano) e o texto literário. Glotfelty (1996, p. xx) chama a atenção de seus leitores para a seguinte questão: “Por que ler literatura como se fosse tudo sobre nós, enquanto muito do que é capturado pelo cânone literário não é humano — é mais do que humano?”. Conforme aponta a autora, a capacidade de nos vermos em cada pequena formiga, ou seja, de antropomorfizar o mundo natural, impele-nos a refletir sobre a nossa própria condição humana.

Glotfelty afirma ainda que os fatos naturais experimentados pelo homem comum e os fatos comprovados pela ciência influenciam a vida e a literatura e, por intermédio da crítica literária, o estudo científico do meio ambiente e de seus elementos naturais nos ajudam a melhor compreender a natureza e a sua força na literatura — algo a operar fora dos princípios e interesses humanos, proporcionando outra visão de mundo. A análise dos textos literários por meio de lentes menos antropocêntricas torna-nos capazes de perceber e revelar formas e fenômenos naturais antes ocultos, os quais, uma vez evidenciados, passam a influenciar no pensamento e comportamento humano. De fato, vários estudiosos do meio ambiente e da crise no sistema ético apontada por Glotfelty estão pensando nesse problema. Suas produções intelectuais, por isso mesmo, vêm revelar tal preocupação, como podemos ver em Danowski e Castro:

mas é da natureza do colapso iminente que ele atingirá a todos, de uma forma ou de outra. Por isso, não são apenas as sociedades que integram a civilização dominante, de matriz ocidental, cristã, capitalista-industrial, mas toda a espécie humana, a própria ideia da espécie humana, que está sendo interpelada pela crise (2014, p. 12)

Para Greg Garrard, o “estudo da retórica” fornece-nos o modelo de uma prática de leitura cultural ligada a interesses morais e políticos, bem como uma prática atenta às interpretações reais e às interpretações figuradas ou construídas da “natureza” e do “meio ambiente” (2006, p. 29). Conforme afirma,

[...] os problemas ambientais requerem uma análise em termos culturais e científicos porque são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural. Isso implicará estudos interdisciplinares que recorram às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental, bem como à ecologia (GARRARD, 2006, p. 29).

Desse modo, os estudos ecológicos são, desde seu nascimento, interdisciplinares, tanto que, atualmente, o “meio ambiente” constitui um dos Parâmetros Curriculares Nacionais da educação brasileira. Além de estar inserido nos PCNs — Parâmetros Curriculares Nacionais de Temas Transversais⁶, os estudos ecológicos abordam a temática ecológica e ambiental em todas as disciplinas que integram a grade curricular das escolas do País, inclusive no ensino da literatura.

O já citado estudioso William Rueckert sustenta que a ecocrítica é “o emprego da ecologia e de seus conceitos ecológicos ao estudo da literatura” (1996, p. 107). O autor apresenta um estudo literário crítico, de base ecológica, embora alicerçado nas Ciências Humanas. Para ele, a literatura é relevante para a humanidade por ser uma fonte de energia inesgotável, transmitida e difundida entre o texto e o leitor por intermédio da interação com a ecologia, unindo, assim, as questões literárias às ecológicas. Defende ainda que, além de ser um exercício de compreensão linguística, a literatura configura fonte de energia, um manancial ético e estético, repleto de força poética e verbal criativa, capaz de envolver as pessoas e o mundo em diferentes contextos.

Energy flows from the poet’s language centers and creative imagination into the poem and thence, from the poem (which converts and stores this energy) into the reader. Reading is clearly an energy transfer as the energy stored in the poem is released and flows back into the language centers and creative imaginations of the readers (RUECKERT, 1996, p. 109-110)⁷.

A subjetividade literária dispõe do poder de despertar a sensibilidade humana e assim transformar a dimensão social e ambiental, proporcionando reflexões e mudanças, bem como um novo conceito de mundo, indo, portanto, ao encontro das finalidades da ecologia. A arte literária pode, portanto, ser uma grande aliada contra a opressão social, atuando em favor de

⁶ BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente**. Brasília: SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018, às 14h.

⁷ A energia flui dos centros de linguagem do poeta e da imaginação criativa para o poema e, daí, do poema (que converte e armazena essa energia) para o leitor. A leitura é claramente uma transferência de energia à medida que a energia armazenada no poema é liberada e volta para os centros de linguagem e para a imaginação criativa dos leitores. (Tradução minha)

uma prática ecológica saudável. No entanto, a ecocrítica não é uma base teórica unilateral, mas uma abordagem ecológica e literária que requer outras disciplinas como apoio para realizar os seus estudos, que são multidisciplinares, ou seja, passíveis de vinculação a diversas perspectivas teóricas que, possivelmente, contribuirão para a compreensão e conscientização do papel do meio ambiente na literatura e na formação sociocultural humana.

De acordo com Rueckert, “in ecology, man’s tragic flaw is his anthropocentric (as opposed to biocentric) vision, and his compulsion to conquer, humanize, domesticate, violate, and exploit every natural things” (1996, p. 113).⁸ O teórico assegura que um comportamento biocêntrico estabelecerá uma conexão entre o humano e o não humano, ampliando as interações entre ambos e, conseqüentemente, evidenciando a importância da natureza para a humanidade. Nessa perspectiva, a ecocrítica deixaria de ser homocêntrica para ser ecocêntrica, ou seja, um sistema de valores centrado na natureza, o que exige uma abordagem completamente diferente. Assim, o que importa em um estudo ecocrítico é, sobretudo, o lugar e o contexto da escrita, propondo traduzir, portanto, a importância do lugar e do contexto de produção e recepção, assumindo um leque de perspectivas, a nos mostrar que não estamos diante de um paradigma da teoria literária inédito, mas, sim, frente ao desenvolvimento de outro campo de estudos. Segundo esse viés, a leitura de textos literários não se reduz apenas a condicionamentos linguísticos e históricos, nem tampouco a padrões metodológicos específicos. O que a metodologia ecocrítica faz é condensar as metodologias de diferentes disciplinas numa proposta de estudo interdisciplinar.

A visão interdisciplinar da ecocrítica leva à construção de uma nova forma de educação ambiental que trata o ser humano como natureza e parte da natureza, traduzindo, assim, as ações do homem com os outros seres e o próprio ambiente de atuação. A partir dessa perspectiva, pude refletir sobre como as autoras Cora Coralina e Mary Oliver interagem e se correspondem com a natureza, em especial nos textos analisados neste estudo. A seguir, apresento alguns conceitos sobre a ecocrítica feminista.

⁸ A maior falha do homem em relação ao meio ambiente é a sua visão antropocêntrica, acompanhada da sua compulsão por conquistar, humanizar, domesticar, violar e explorar todos os recursos naturais. (Tradução minha)

1.4 A ecocrítica feminista e o ecofeminismo

*Feminist ecocriticism has a substantial history, with roots in women's environmental writing and social change activisms, second-wave feminist literary criticism, and co-cultural critique*⁹.

(Gaard, Estok e Oppermann)

Somado a um breve relato sobre a história do ecofeminismo, apresento, nesta seção, a partir da teoria de Greg Garrard (2006) a sua relação com a perspectiva ecocrítica atual.

A natureza tem sido retratada, ao longo da história, como feminina, e as mulheres consideradas a ela mais próximas do que os homens. A conexão fisiológica das mulheres com o nascimento, o crescimento e a nutrição reforça essa associação. O ciclo menstrual, inclusive, ligado aos transcursores lunares, é visto também como prova da semelhança com os ritmos biológicos e as fases da natureza.

As mulheres cumprem um papel histórico e cultural que as associa ao espaço natural, seja para cuidar, ou para retirar dele, os alimentos necessários, bem como vêm sendo aliadas na luta pela preservação da natureza, prevenção do desflorestamento, o controle do lixo tóxico, da poluição da água, entre outros. Nesse sentido, vários movimentos feministas surgiram defendendo a ideia de que a natureza é feminina e o combate ecológico estaria ligado à libertação da mulher. Tal relação de proximidade com a natureza também pode ser justificada em virtude da maternidade. Segundo Shiva (1988), a naturalização da tarefa feminina na reprodução e na vida doméstica aproximou a mulher da natureza.

A figura da “deusa”, a ilustrar a mãe terra, foi uma das primeiras figuras femininas divinas criadas pelos seres humanos. Conforme a mitologia grega, a “Grande Mãe” instituiu sozinha o universo, sendo Gaia a criadora primária, a “Mãe Terra”. Sabidamente, as religiões antigas, como a dos povos vikings e celtas, eram muito ligadas à natureza. Eram povos que cultuavam deusas alçando as mulheres, então, a uma posição de destaque especial, por considerarem os seus vínculos estreitos e potentes com a terra, dispondo, ambas, do poder da

⁹ A ecocrítica feminista tem uma história substancial, com raízes na escrita ambiental e nos ativismos de mudança social das mulheres, na crítica literária feminista do segundo movimento, e na crítica intercultural. (Tradução minha)

fertilidade. Os ciclos da natureza foram descobertos primeiramente pelas mulheres, pois era possível compará-los com os ciclos de seus próprios corpos.

A mitologia celta era centrada na deusa Dana que teria criado a terra, os homens, e os outros deuses por partenogênese. As mulheres nessa cultura eram consideradas íntegras, inteligentes, fortes e guerreiras, as quais atuavam como líderes de nações. Os celtas se auto intitulavam *Thuata de Dannan* [o povo de Dana], sendo esta a “Deusa Mãe”, progenitora, e a representação da força ancestral da Terra, da fertilidade, bem como da vida e da morte. Após a introdução do cristianismo, o culto aos deuses foi proibido, mas o nome da deusa permanece presente em muitas partes da Irlanda, como no Condado de Kerry, chamado *Paps of Anu*, que reproduz na forma de duas colinas, os seios fartos de Dana, cujos mamilos foram sendo construídos por amontoados de pedras, oferendas levadas pelos peregrinos ao longo dos tempos como sinal de reverência e gratidão à deusa.¹⁰



Figura 4. *Paps of Anu* – colinas que representam os seios fartos de Dana

Fonte: Disponível em: <https://www.estudiosirlandeses.org/2017/10/cathair-crobh-dearg-from-ancient-beliefs-to-the-rounds-2017/>. Acesso em: 28 dez. 2018, às 22h.

¹⁰ ARMAO, F. **Cathair Crobh Dearg**: From ancient beliefs to the rounds 2017. Disponível em: <https://www.estudiosirlandeses.org/2017/10/cathair-crobh-dearg-from-ancient-beliefs-to-the-rounds-2017/>. Acesso em: 28 dez. 2018, às 22h.



Figura 5. *Paps of Anu* – mamilo construído no topo da colina por um amontoado de pedras, levadas por peregrinos como oferenda à Dana

Fonte: Disponível em: <https://www.estudiosirlandeses.org/2017/10/cathair-crohb-dearg-from-ancient-beliefs-to-the-rounds-2017/>. Acesso em: 28 dez. 2018, às 22h.

Durante o último máximo glacial, os seres humanos deixaram de ser caçadores e coletores, e passaram a cultivar plantas e a domesticar animais. Foi então que o papel dos machos da espécie se evidenciou, e a figura da deusa feminina passou a dividir espaço com os deuses masculinos, e assim, a noção de “casal” foi sendo construída na sociedade e, aos poucos, da Europa Ocidental à totalidade do que hoje se entende como ocidente, começa a ser compreendida a necessidade de serem dois, um casal, para procriarem. Surge, então, o “casal divino”, quando a deusa mãe e o deus pai, o casal divino, passa a ser cultuado em conjunto. Só depois, com o advento das religiões monoteístas, a figura da deusa feminina foi sendo apagada e, com a difusão do cristianismo, a sociedade começou a se afastar das origens pagãs, e o casal divino foi substituído pelo Deus monoteísta, cujo gênero passaria a ser masculino¹¹.

A grave crise ambiental em que nos encontramos, é, como se vê, um reflexo do desrespeito pela natureza e, por que não dizer, pelo feminino, no distanciamento a que se chegou da natureza, o que nos leva a reflexões sobre um necessário retorno ao respeito à nossa casa, *oikia*, e ao feminino, pois sem isso, o ser humano está ameaçando a si mesmo. Assim, vemos surgir, na década de 1970, o ecofeminismo, que, historicamente, surgiu a partir

¹¹ SUPERINTERESSANTE. **As divindades femininas:** no princípio eram deusas. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/as-divindades-femininas-no-principio-eram-as-deusas/>. Acesso em: 25 dez. 2018, às 14h.

de ações políticas e movimentos feministas, e se propagou por meio das artes, da literatura, da linguagem, da ciência e tecnologia, da filosofia e religião, e também de organizações não governamentais.

O ecofeminismo passou a ser uma bandeira de luta, principalmente para as mulheres das regiões mais pobres e oprimidas, e tem como propósito pôr fim à cultura dominadora e opressiva efetuada pelos homens sobre as mulheres, objetivando uma relação de igualdade e respeito, em prol de uma vida mais digna na Terra. Tal preocupação se estende à defesa e à valorização do meio ambiente e dos seres vivos que nele habitam, bem como à luta pela preservação da vida, como um bem a que todos (humanos e não humanos) têm direito.

Observa-se, como já dito, que a exploração da natureza tem caminhado de mãos dadas com a das mulheres, por sua própria identificação com a natureza no decorrer dos séculos. Essa antiga associação entre o feminino e a natureza acaba ligando a história das mulheres com a do meio ambiente, desenvolvendo na mulher uma sensibilidade que, aliada à sua força natural, tem sido fator determinante no empoderamento ecofeminista, com destaque para diversas líderes, a exemplo de Vandana Shiva, física, filósofa, pacifista e feminista, autora do livro *Staying Alive: Women, Ecology and Development*, publicado em 1988. Shiva é uma das pioneiras do movimento ecofeminista e diretora do *Research Foundation for Science, Technology and Ecology*. Ela integra o movimento *Chipko*, no qual as mulheres indianas protestam contra a exploração florestal industrial, abraçando as árvores que lhes serviam de fonte de sustento, o que deu origem à expressão “*treehugger*” [abraçador de árvores].

De acordo com Mies e Shiva (1993), as mulheres têm uma conexão especial com o meio ambiente, por meio de suas interações diárias. Essa ligação, todavia, tem sido ignorada. Elas afirmam ainda que as mulheres têm atuado como especialistas em conhecimento das economias de subsistência e dos processos ecológicos naturais. No entanto, defendem que esses modos alternativos de saber, orientados para os benefícios sociais e necessidades de sustento, não são reconhecidos pelo paradigma capitalista, já que não conseguem perceber a relação recíproca da natureza com a vida, trabalho e conhecimento das mulheres, com a produção de riquezas. Para as ativistas,

O ecofeminismo apresenta uma necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza (incluindo os seres humanos) mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos. Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como das suas expressões culturais, como fontes verdadeiras do nosso bem-estar e felicidade. Para alcançar esse fim, as ecofeministas utilizam metáforas como “re-tecer o mundo”, “curar as feridas”, religar e interligar a “teia” (MIES; SHIVA, 1993, p. 15).

Os princípios do ecofeminismo vêm sendo aplicados em diferentes momentos e contextos. *A priori*, os princípios foram incorporados aos movimentos *Chipko*, na Índia, no *Women's Pentagon Action*, nos Estados Unidos da América, no *Green Belt*, no Quênia, e no *Love Canal*, também nos Estados Unidos da América, entre outros. Já no Brasil, o ecofeminismo surgiu com a publicação do livro *Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*, de Daniela Rosendo (2015). De acordo com a escritora e filósofa, é possível identificar na literatura ecofeminista diversas interconexões entre a dominação das mulheres, dos animais e da natureza — seja histórica, conceitual, empírica, socioeconômica, seja linguística, simbólica e literária, espiritual e religiosa, epistemológica, política e ética.

Inicialmente, aqueles que se interessavam pelo movimento ecofeminista aprendiam um pouco mais sobre essa complexa temática em conferências e congressos realizados, em sua grande maioria, nos Estados Unidos da América, Reino Unido e Alemanha. No entanto, com o crescimento do tema e a sua disseminação pelo mundo, o ecofeminismo começou a ser ministrado em salas de aulas de universidades renomadas. A iniciativa partiu das professoras Catherine Villanueva Gardner e Janette E. Riley, da Universidade de Massachusetts — UMASS Dartmouth, que ministraram o curso sobre o ecofeminismo e, posteriormente, escreveram o artigo, *Breaking Boundaries: ecofeminism in the classroom* [*Quebrando fronteiras: o ecofeminismo na sala de aula*]. A proposta das docentes era abordar questões ecofeministas locais e globais. Atualmente, o ecofeminismo é ensinado em diversas universidades a exemplo de Harvard University, Colorado College, Oregon State, University of Toronto, San Francisco State University, entre outras.

Mies e Shiva (1993) esclarecem que a tendência de relacionar a mulher à natureza ocorrerá sempre que o ecofeminismo se embasar nas oposições natureza/mulher, cultura/homem. Essa comparação estaria situada entre a alma/mente, emoção/intelecto, espiritualidade/racionalidade, dualismos culturais codificados e cristalizados na cultura ocidental. As autoras acreditam em uma perspectiva ecofeminista que apresente a necessidade de uma interpretação capaz de reconhecer que a vida na natureza entre humanos e não humanos será mantida por meio da cooperação mútua, da consciência da proteção e preservação da natureza e do meio ambiente, bem como as suas diversidades e expressões culturais.

Em relação aos dualismos de valores culturais, Rosendo,¹² ressalta que nós precisamos nos posicionar contra supostos dualismos, que visam justificar a dominação de uns em

¹² ROSENDO, Daniela. **Filosofia ecofeminista**: repensando o feminismo a partir da lógica da dominação. Disponível em: http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/4_ROSENDO,D.%20Filosofia%20

detrimento de outros, seja homem/mulher, seja humano/não humano. Para a autora, toda tentativa de dominação está diretamente ligada a conceitos pré-estabelecidos, e são frequentemente justificadas por princípios de moralidade, em contextos de ordem opressora.

Ainda sobre o que tange à luta de gêneros e de classes, Plumwood, na obra *Feminism and the Mastery of Nature* (1993), assegura que é tarefa do ecofeminismo reconhecer as limitações, os equívocos, os desvios e a força ideológica negativa do essencialismo frente às mulheres, afinal, são elas que têm sustentado hierarquias de caráter social e de gênero entre os sexos. A autora acrescenta ainda a necessidade de se evitar que ocorra, dentro da teoria ecofeminista, uma tendência a enfatizar a afinidade da mulher com a natureza, bem como de tentar impedir que ocorra o extremo oposto, para que não haja a valorização das diferenças fundamentadas em aspectos de gênero, raça ou espécie. Esse pensamento pode gerar um distanciamento entre os seres humanos com a natureza humana e a não humana, diz a autora.

Por sua vez, Puleo, em seu artigo *Mulher, Feminismo e Ecologia*¹³, afirma que o feminismo ainda se encontra em pleno desenvolvimento e discussão, e além dos seus problemas teóricos e práticos, há também a importância de se validar um feminismo ecológico crítico, que proponha soluções à crise de valores sociais, vindos de uma sociedade altamente consumista e individualista. De acordo com a autora, um pensamento crítico feminista e ecológico pode nos oferecer oportunidades de enfrentarmos não somente o fato de as mulheres serem tradicionalmente dominadas nas sociedades patriarcais, mas também, enfrentarmos uma ideologia e uma estrutura de dominação da natureza ligada aos costumes dessas sociedades. Desse modo, objetiva-se que a nossa autoconsciência como espécie humana caminhe rumo à igualdade de mulheres e homens enquanto participantes não somente da cultura, mas, também, da natureza. Para Puleo, “isso inclui tanto a participação das mulheres no âmbito da Cultura quanto da plena aceitação no propriamente humano daqueles elementos menosprezados e marginalizados como femininos (os laços afetivos, a compaixão, a matéria, a Natureza)” (p. 3). Portanto, baseado nas palavras da autora, é possível dizer que desenvolver uma visão mais realista de nossa espécie como parte integrante e contínua da natureza, tratar com igualdade e respeito os seres vivos não-humanos, bem como superar o

ecofeminista.pdf. Acesso em: 26 dez. 2018, às 23h.

¹³ PULEO, Alicia H. Filósofa, Professora da Cátedra de Estudos de Gênero da Universidade de Valladolid. Mulher, Feminismo e ecologia. **Revista Eco** 21, Rio de Janeiro, Edição 97. Disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>. Acesso em: 26 nov. de 2018, às 00h17.

sexismo, o androcentrismo, o racismo e o antropocentrismo são metas atuais que o movimento feminista pretende alcançar.

Greta Gaard e Patrick Murphy, na obra *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy* (1998), numa perspectiva ecocrítica, têm associado a ecologia e o feminismo aos estudos literários e, sob a predominância do feminismo, reúnem-se, atualmente, tornando visíveis movimentos que visam a mudanças sociais vinculadas às lutas feministas e a trabalhos críticos voltados tanto para o reconhecimento e a valorização da diversidade biológica e cultural quanto para o desafio das relações de dominação.

Ecofeminism is a practical movement for social change arising out of struggles of women to sustain themselves, their families, and their communities. These struggles are waged against the “maldevelopment” and environmental degradation caused by patriarchal societies, multinational corporations, and global capitalism. They are waged for environmental balance, heterarchical and matrifocal societies, for continuance of indigenous cultures, and economic values and programs based on subsistence and sustainability. The foundation and ground of ecofeminism’s existence, then, consists of both resistance and vision, critiques and heuristics. Ecofeminism is not a single master Theory and its practitioners have different articulations of their social practice. For the most part, those who set out to articulate its philosophy and worldview do so in the belief that such theorizing will assist specific movements, actions, and practices. Such theorizing will do so through increasing the self-consciousness of its participants and representing its beliefs to those who are open to it (1998, p. 2).¹⁴

De acordo com Greta Gaard e Patrick Murphy (1998), vários grupos feministas corroboram a ideia de que o ecofeminismo não se baseia apenas na consciência das relações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres durante o regime patriarcal, mas, também, no reconhecimento de que essa dominação está ligada à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. “Ecofeminism is based not only on the oppression of women across patriarchal societies. It is also based on the recognition that these

¹⁴ O ecofeminismo é um movimento prático para a mudança social decorrente das lutas das mulheres para sustentarem a si mesmas, suas famílias e suas comunidades. Essas lutas são travadas contra o “mau desenvolvimento” e a degradação ambiental causada por sociedades patriarcais, corporações multinacionais e o capitalismo global. São empreendidos para o equilíbrio ambiental, sociedades heterárquicas e matrifocais, para a continuidade das culturas indígenas, valores e programas econômicos baseados na subsistência e sustentabilidade. A base e o fundamento da existência do ecofeminismo consistem, então, tanto em resistência e visão, como em críticas e heurísticas. O ecofeminismo não é uma teoria única, e seus praticantes têm diferentes articulações de sua prática social. Na maior parte, aqueles que se propuseram a articular sua filosofia e a sua visão de mundo, o fazem na crença de que tal teorização ajudará a movimentos, ações e práticas específicas. Tal teorização buscará aumentar a autoconsciência de seus participantes e apresentar suas crenças àqueles que estão abertos a conhecê-las. (Tradução minha)

two forms of domination are bound up with class exploitation, racism, colonialism, and neocolonialism” (p. 3)¹⁵.

Gaard, Estok e Oppermann ainda ressaltam em sua obra *International Perspectives in Feminist Ecocriticism* (2013), que a ecocrítica feminista promove uma compreensão ontológica da ética, desenvolvendo um discurso possível de mudanças em um mundo em que os discursos racistas e preconceituosos buscam inserir, na sociedade, dualismos e fronteiras físicas de gênero em detrimento da natureza. Tais dualismos tornam-se instrumentos verbais de dominação entre os seres.

Feminist ecocriticism, then, fosters an ontological understanding of ethics, raising ethical awareness about bodily natures, and promoting an ecological-feminist discourse of hope and change. In a world, racist, speciesist, ecophobic, classist, nationalist, and homophobic discourses of “nature”, which have served to perpetuate gendered dualities and bodily boundaries. De-essentializing “nature” as a problematic category, feminist ecocriticism shows how these approaches have been instrumental in the formation of master narratives of domination.¹⁶

Todavia, as sociedades não devem se preocupar apenas com a maneira “como” interagem com a natureza, mas, também, com o modo como interagem “na” natureza. Cabe à ecocrítica problematizar as concepções vigentes das identidades humanas e dos relacionamentos entre humanos e não humanos, expandindo a sua base teórica em diálogos com críticos e pensadores que permitam ampliar o significado de natureza, da cultura, do meio ambiente e, do poder do discurso, da identidade e do gênero.

¹⁵ O ecofeminismo baseia-se não apenas na opressão das mulheres nas sociedades patriarcais. Mas baseia-se também no reconhecimento de que essas duas formas de dominação estão ligadas à exploração de classes, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. (Tradução minha)

¹⁶ A ecocrítica feminista, então, promove uma compreensão ontológica da ética, elevando a consciência ética sobre as naturezas corporais, promovendo um discurso ecológico-feminista de esperança e mudança. No geral, discursos racistas, especificistas, ecofóbicos, classistas, nacionalistas e homofóbicos da “natureza”, têm contribuído para perpetuar dualidades e fronteiras corporais de gênero. A ecocrítica feminista mostra como essas abordagens têm sido instrumentos na formação de narrativas gerais de dominação ao classificar a “natureza” como uma categoria problemática. (Tradução minha)

1.5 A literatura e a natureza

O desafio dos ecocríticos está em manter um olho nos modos como a natureza é sempre culturalmente construída, em certos aspectos, e o outro no fato de que ela realmente existe, tanto como objeto quanto, ainda que de forma distante, como origem do nosso discurso.

(Greg Garrard)

Sem declinar do apelo formal e da instância artística da escrita literária, demarco aqui a relação existente entre a literatura e a natureza. Trata-se de uma ligação que vem de longe, pois, desde os primeiros registros escritos encontrados, a natureza é compreendida como importante fonte de inspiração para a produção de diversos e variados textos.

Tal relação existente entre literatura e natureza remonta ao período clássico. O primeiro texto literário documentado a retratar a natureza recebeu o título de “Os trabalhos e os dias” e foi escrito por Hesíodo (século VIII a.C.)¹⁷. Seus poemas possuíam um caráter coloquial, impregnados por preceitos morais. O poeta grego, durante a juventude, cuidou de um rebanho de ovelhas, além de realizar outras tarefas próprias da vida no campo. Daí a sua obra ser uma combinação de suas experiências com o trabalho no campo, somada à influência de alegorias encontradas em fábulas conhecidas na época.

Após os períodos da Idade Média, tanto no Renascimento quanto no Iluminismo, ocorreu um resgate da cultura e dos valores clássicos greco-romanos, lembrando que na Grécia Antiga bem como no Império Romano a arte tinha como finalidade imitar a natureza. Dessa maneira, os iluministas procuraram reaproximar a literatura e o espaço natural, já que o ideal estético neoclássico visava representar o homem e a natureza existentes em seu entorno.

A poesia neoclássica contém o chamado princípio de verossimilhança, no qual as obras deveriam imitar a natureza, já que, somente a partir do contato com a natureza, o ser humano poderia encontrar a verdadeira felicidade. Era o *carpe diem* [gozar o dia], que aconselha o homem a desfrutar o presente e os prazeres que a vida vinculada à natureza proporciona. Para que esse prazer atinja seu ápice, é preciso aproveitar cada momento intensamente, mas de forma sadia, regrada e equilibrada. Essas características estão presentes

¹⁷ ALVES, Leonardo M. Hesíodo: Os trabalhos e os dias. **Ensaios e Notas**, 2018. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2018/12/14/hesiodo-os-trabalhos-e-os-dias/>. Acesso em: 1º jan. 2019, às 16h.

em grande parte dos poemas que exaltavam a vida campestre na segunda metade do século XVIII. A natureza, porém, ainda se apresentava estática, não participativa, pois o Neoclassicismo tinha a predileção pelo equilíbrio e pela lógica, pelo racional, sendo a natureza considerada, assim, um objeto irracional desse prazer almejado pelo homem. Uma das principais teses desse período propagava que o homem somente seria livre se vivesse em contato com o mundo natural, cujo ambiente serviria como fonte de sabedoria, lugar onde se encontraria a verdadeira beleza e a paz espiritual.

No Romantismo europeu, a natureza é representada com força e vigor. As paisagens são descritas com um sentimentalismo acentuado, e os escritores tentam retratar as belezas naturais de seus países da forma mais exuberante possível, exaltando, principalmente, a cor local, bem como os elementos específicos e representativos de suas regiões.

Pode-se dizer que a literatura e a natureza caminham juntas desde que o homem tentou representar o mundo de alguma forma, como se pode atestar nas escrituras rupestres, bem como o conhecimento da mitologia que leva à percepção de que sempre houve uma tentativa de traduzir e explicar o universo e os seus fenômenos naturais.

É possível falar, atualmente, de um retorno ao mundo sensível, cada vez mais almejado pelas sociedades, ou seja, um retorno não exatamente ao período mítico, quando nem religião nem ciência moldavam ainda o homem, mas um almejado retorno ao sensível, que tem como proposta o retorno às coisas, ou seja, aos fenômenos que são apresentados à consciência humana. Busca-se evidenciar a percepção do mundo indo ao encontro da natureza e do que compõe o interior do homem e, junto, o que lhe é externo. Assim são visíveis as atitudes e os comportamentos humanos a partir do encontro com os elementos naturais e não naturais, vistos dentro do contexto literário, a partir de vivências dos personagens ou do que pode revelar o texto poético. Por sua vez, a análise historiográfica, que faz o registro crítico da história e de seus eventos ao longo dos tempos, expõe os processos mediante as contradições das relações sociais, imersas em determinados contextos, espaços e situações, e o comportamento humano em meio a esse contexto. E, por fim, a análise sociocultural, que entrelaçando os aspectos sociais e culturais, percebe a literatura segundo a sua força simbólica, valorizando-a como um instrumento que revela a visão de mundo do homem em cada época, conferindo ao indivíduo a possibilidade de compreensão do real, que integra a arte e se faz atemporal e não espacial, iluminando, desse modo, com os estudos literários, as situações políticas, sociais, ambientais, sentimentais, religiosas, psicológicas, metodológicas, geográficas e históricas, vividas em épocas distintas.

Em síntese, a literatura revela e amplia o olhar do homem para o mundo através dos tempos, e a natureza, já não mais um mero elemento literário, também vai moldando esse homem de diferentes maneiras, de acordo com o contexto histórico-social. A criação literária, portanto, transfigura a realidade, até porque nela estão refletidos chaves e enigmas, bem como os inúmeros e variados fenômenos que cercam a vida humana.

Daí advém a necessidade de consciência de que não somos o centro das coisas, e sim parte delas, ou seja, parte da natureza; apenas mais um elemento e não o centro, onde tudo seria de “propriedade” nossa. Nós somos tão importantes quanto a pedra, o rio, o oceano, as árvores – somos apenas uma parte desse todo. Vale ressaltar que Cora Coralina, possivelmente, guarda essa consciência de sermos parte na natureza, e não “senhores” dela.

A respeito desse assunto, é relevante citar minha interpretação a partir dos estudos da pesquisadora Célia Câmara de Araújo (ARAÚJO, 2016)¹⁸, sobre os povos ameríndios, aqueles a quem chamamos genericamente “índios”. Estes, muito antes da civilização ocidental perceber a necessidade de cuidar do não humano, já se mostravam preocupados com a relação do homem com a natureza. Como prova dessa consciência já existente, eles nos deixam o legado de um comportamento harmônico e saudável com o espaço natural, um comportamento necessário, com o qual, só agora, passamos a nos preocupar. É válido pensar que, ainda que nosso processo de negação dos conhecimentos e mesmo da cosmologia indígena tenha uma forte reverberação na dita sociedade civilizada, muito dessa cosmologia habita em cada brasileiro, pois, no final das contas, sendo brasileiros somos também ou bastante indígenas. Não é de causar espanto, portanto, pensar que Cora Coralina guarde um tanto dessa consciência cosmológica com a qual deveríamos dialogar mais frequentemente e de modo respeitoso, e não como até hoje comumente fizemos. Em suas palavras:

Alçando diferentes formas de vida à posição de diálogo, está convidada, como em Wittgenstein, a necessária visão sinóptica sem a qual não se pode assegurar a aceitação de um *entreconhecimento* comparativo. Tanto em Wittgenstein quanto em Viveiros de Castro, solicita-se a difícil capacidade de ver-se a si mesmo e ao outro estando de fora, o que significa dizer, antes de mais nada, estar em pé de igualdade: somos tão loucos, ou tão sãos, quanto esses índios são loucos, ou sãos. (ARAÚJO, 2016, p. 139)

Ou seja, Cora Coralina, essa mulher que acolhe os “loucos” de sua cidade, que faz das prostitutas, das crianças sofridas e sem voz, dos burrinhos cansados e maltratados, do milho e

¹⁸ ARAÚJO, C. C. **Linguagem, infância e perspectivismo nos escritos maduros de Wittgenstein**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

do João-de-Barro inspiração de sua poesia e parte importante de seu cotidiano, talvez traga dentro de si uma sabedoria ancestral das culturas renegadas pela chamada cultura ocidental.

Como qualquer produção cultural de um povo, a literatura é fortalecida pela relação formal/estética e conteudística, a partir da qual se empreendem sentidos e ressignificações, bem como se estabelece o contexto social de determinada época. Dessa forma, o texto literário funciona como um produto do contexto histórico-social, que se desdobra em consequentes reflexões. E são dessas inevitáveis discussões e provocações que surgem eventuais respostas. Nessa perspectiva, nasce, então, a ecocrítica, com a proposta de problematizar questões sobre a relação entre o meio ambiente e o ser humano, mas, sobretudo, de conscientizar o homem, o qual, focado na exploração e no crescimento econômico, pessoal e da sua nação, no mais das vezes, olvida a importância de preservar os recursos naturais como forma de se manter vivo e em equilíbrio com o seu *habitat*.

E vindo ao encontro da proposta interdisciplinar da ecocrítica, vale relatar aqui sobre O Caminho de Cora Coralina, uma trilha inaugurada em homenagem à poeta, no ano de 2018, em Goiás. O percurso foi sinalizado pela agência Goiás Turismo em parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade (ICMBio), passando por oito municípios do estado de Goiás, percorrendo aproximadamente trezentos quilômetros. Esses municípios, em grande parte, se localizam na Região Turística do Ouro e dos Cristais, e por três unidades de conservação: os parques estaduais da Serra dos Pirineus, da Serra de Jaraguá e da Serra Dourada¹⁹.

O Caminho de Cora Coralina nos faz reviver as viagens e expedições antigas, além de nos oferecer um cenário rico em paisagens, poesias, arquiteturas, gastronomias, culturas e folclores goianos que despertam no ser humano um grande laço de afeto e respeito em relação à arte e a natureza que o cerca.

¹⁹ CAMINHO de Cora Coralina percorre 300kms com histórias da poeta. **O GLOBO**, 4 mar. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/caminho-de-cora-coralina-percorre-300kms-com-historias-da-poeta-22446627>. Acesso em 30 de outubro de 2019, às 14h.

2 CORA CORALINA E MARY OLIVER

2.1 Cora Coralina

*Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.*

(Cora Coralina)

Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, nasceu em 20 de agosto de 1889 na Casa Velha da Ponte, em Goiás²⁰, e faleceu em 10 de abril de 1985, de pneumonia, no Hospital São Salvador, em Goiânia, aos 95 anos, tendo sido sepultada em sua cidade natal. Era filha do Desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, e da senhora Jacyntha Luiza do Couto Brandão. Apesar de ter cursado apenas até a terceira série primária, Cora foi criada em um ambiente bastante favorável à expressão literária, cujos exemplos podem ser observados na erudição de sua mãe, que tinha por hábito ler muito, inclusive em idiomas como o francês, espanhol e italiano. Era uma mulher considerada intelectual para o seu tempo.

Havia naquela época, uma forte discriminação educacional na sociedade goiana. Era de costume que os filhos homens estudassem na Europa ou em cidades como o Rio de Janeiro e Ouro Preto, por sua vez, as filhas permaneciam na cidade de Goiás, e quando podiam ser alfabetizadas, estudavam com a professora Silvina, à quem Cora presta uma homenagem no conto *Mestra Silvina*, do livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1996, p. 129, 130).

²⁰ A Província de Goiás foi descoberta por Bartolomeu Bueno, o filho, apelidado de Anhanguera. Bartolomeu também construiu uma casa à beira do Rio Vermelho que veio a constituir um núcleo de um arraial que recebeu o nome de Santana. O arraial de Santana logo adquiriu importância e as autoridades da região passaram a estabelecer residência naquela localidade. Em fevereiro de 1736, por meio de um decreto régio Santana foi elevada a vila. Porém, a região ainda estava subordinada ao Governador de São Paulo, D. Luíz de Mascarenhas, Conde de Sarzedas, que só permitiu que o decreto entrasse em vigor em julho de 1739, dando assim à nova vila o nome de Vila Boa de Goiás em homenagem a Bartolomeu Bueno, seu fundador. Contudo, um decreto promulgado por D. João VI e datado de 18 de setembro de 1818 deu o título de cidade à capital da província vindo, com isso, a ser chamada de Cidade de Goiás que foi capital da Capitania, da Província e, depois, do Estado, num período que vai de 1749 a 1937. Fonte: Disponível em: <https://www.ebiografia.com/anhanguera/>. Acesso em: 17 out. 2018, às 10h.

Eu era menina do banco das mais atrasadas.

Minha escola primária...
 Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.
 E ela me refez, me desencantou.
 Abriu pela paciência e didática da velha mestra,
 cinquantanos mais do que eu, o meu entendimento
 ocluso.

A escola da Mestra Silvina...
 Tão pobre ela. Tão pobre a escola...
 Sua pobreza encerrava uma luz que ninguém via.
 Tantos anos já corridos...
 Tantas voltas deu-me a vida...

No brilho de minhas noites de autógrafos,
 luzes, mocidade e flores à minha volta, bruscamente a
 mutação se faz.

Cora Coralina começou a escrever muito cedo e, quando ainda adolescente, participou da vida literária da cidade de Goiás frequentando reuniões, eventos do Clube Literário Goiano e tertúlias promovidas pelo Gabinete Literário da cidade. Em 1908 se tornou redatora do *Jornal A Rosa*.²¹ Cora também colaborou com o jornal *A Imprensa*, onde coordenava uma pauta chamada “Chroniqueta”, escrevendo sobre temas diversos, entre eles, a natureza. Em 1910 publicou o conto *Tragédia na Roça*, no Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo de Goyaz. Na oportunidade, o Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo fez a primeira crítica literária aos seus escritos, e disse: “é a maior escritora do nosso Estado, apesar de não contar ainda vinte anos de idade”. Podemos notar a presença da natureza desde cedo na obra de Cora. A crônica *O canto da Inhuma*²², escrita em 1909, é considerada um de seus primeiros escritos, e já tinha como tema elementos da natureza.

Qualquer pessoa que tenha vivido algum tempo no campo, ou melhor direi, na proximidade das mattas, conhece, sem dúvida, a inhuma e o seu canto extraordinário, incompreensível, único na espécie. O que mais acentua a particularidade desse pássaro é reunirem-se em bando de cinco a sete, formando uma verdadeira orchestra de ritmo impecável e com a competente variedade de instrumentos.

²¹ Um jornal local de caráter literário, criado em 1907 de que eram redatoras Rosa Godinho, Alice Santana, Ana Peixoto — nome de Cora Coralina. Nesta época a alta intelectualidade do Estado de Goiás, quase em sua totalidade, vivia na cidade de Goiás.

²² CORALINA, C. **O canto da Inhuma**. *Jornal Goyaz*, ano XXV, n.1086, p.3, 23 out. 1909. Acervo do Gabinete Literário da Cidade de Goiás.

Cora Coralina também fez publicações na revista *A Informação Goiana*, publicada no Rio de Janeiro, e em jornais do Estado de São Paulo, onde morou durante 45 anos após se casar com o advogado mineiro Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, em 1911. Cora foi mãe de seis filhos, dos quais dois vieram a falecer aos cinco meses de vida. Em 1917, após a morte da prematura Maria Isis Bretas, a poeta começou a cultivar e comercializar rosas na chácara que havia comprado no interior de São Paulo.

Em primeiro de julho de 1925, quinze anos após ter se casado com Cantídio, Cora Coralina se casou formalmente com o esposo, que nessa altura havia ficado viúvo do primeiro casamento, tornando-se judicialmente apto a se casar. Em 1934, Cora fica viúva e se muda para a capital paulista, torna-se amiga do editor José Olympio, e passa a vender os livros da editora.

Em 1956, viúva e com os filhos já criados, Cora, aos 67 anos de idade, regressa sozinha para a cidade de Goiás, indo morar na Casa Velha da Ponte, e começa a lutar pela publicação do seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, pela editora José Olympio. O livro, no entanto, só vem a ser publicado quando já contava seus 76 anos. Cora recebeu várias críticas, dentre elas a do escritor Osvaldino Marques, por meio do artigo “Cora Coralina: professora da existência”²³.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo da vida, Cora Coralina conquistou um estilo literário que lhe permitiu desafiar convenções. Raras foram as mulheres que ousaram ingressar no mundo das letras se assumindo como um eu feminino que imprime uma escrita crítica e solidária. A poeta ocupou, em 1970, a cadeira de nº 5 na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e, em 1984, a cadeira de nº 38 na Academia Goiana de Letras. No mesmo ano, recebeu o troféu Juca Pato, sendo a primeira escritora brasileira a recebê-lo. Foi também homenageada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação como símbolo da mulher trabalhadora rural.

Com uma linguagem simples e harmoniosa, Cora Coralina conta em seus livros o mundo e o espaço natural que a cerca, relatando as estórias do povo de Goiás e daquela época, como se contasse a sua própria história em segundo plano, e em primeiro, viesse a ser a representação e a voz que denuncia e resgata os interesses do povo de Goiás. Ao contar as velhas histórias, é como se a poeta assumisse um papel de guardiã da memória, uma espécie

²³ MUSEU Casa de Cora Coralina. **A vida**. Disponível em: <http://www.museucoracoralina.com.br/site/a-vida/>. Acesso em: 17 out. 2018, às 9h.

de mediadora do passado e do presente, e instituiu, por meio da sua arte singular, traços de uma linguagem rebuscada, recheada de regionalismos. Cora valoriza a norma padrão da língua portuguesa, mas procura não diminuir o valor cultural do modo de falar das pessoas simples, evidenciando características da história, da cultura e da natureza, em um culto de aceitação e valorização às diferenças e ao reconhecimento da importância da “Mãe Terra” para o ser humano.

Cora Coralina deve parte do seu reconhecimento ao poeta Carlos Drummond de Andrade. De acordo com Brito (2009), a poeta já tinha quase noventa anos quando a segunda edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, publicado pela Editora da Universidade Federal de Goiás, em 1978, chegou às mãos de Drummond que, impressionado, escreveu uma carta, reproduzida abaixo, à Cora Coralina, endereçada à Editora Universitária, pois não possuía o endereço da poeta.

Rio de Janeiro, 14 de julho, 1979.

Cora Coralina,

Não tendo o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina.

Todo o carinho, toda a admiração do seu

Carlos Drummond de Andrade²⁴.

Ao reconhecer a riqueza literária de suas obras, Drummond fez a ela elogios que contribuíram para o seu posicionamento no meio literário. Segundo o poeta, Cora saiu de um velho e cômodo apagamto para adentrar definitivamente na cena literária do País e daí para o mundo.

Cora Coralina possui dezesseis livros publicados, três deles foram organizados e publicados por ela mesma, sendo os demais organizados após a sua morte. O último livro organizado por ela foi *Estórias da Casa Velha da Ponte* (2006), que reúne dezessete narrativas. Contadora de “estórias” do cotidiano, Cora busca estratégias ao escrever seus contos e poemas, visando aspectos como a incorporação da oralidade e do cotidiano de Goiás,

²⁴ A carta também se encontra nas contracapas das publicações de Cora Coralina.

as críticas aos costumes da época, a solidariedade, dando ênfase aos marginalizados, à valorização da identidade feminina e à reconstrução de memórias, buscando a singularidade de um instante.

2.2 Goiás e seus cenários

A poeta representa seu mundo por imagens que se relacionam com o seu afeto por Goiás, pautadas por temáticas do dia a dia do interior do Brasil, em particular dos becos e ruas históricas da cidade de Goiás.



Figura 6. Rua Dom Cândido, cidade de Goiás
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 7. Beco do Mijo, cidade de Goiás
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 8. Rua do Horto, cidade de Goiás
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Cora desperta em seu leitor reflexões de ordem sócio-histórico-cultural. Usando uma linguagem simples e direta, ela nos revela uma fina ironia e compaixão, por meio das quais faz críticas e denúncias sociais. Sua obra é marcada por traços de um cotidiano pontuado por conflitos, descobertas, desafios, fé, conquistas, amor e violência, uma trama complexa onde se misturam vários modos de vida e dinâmicas sociais, vividas e observadas num espaço de riquezas naturais, irrigadas pelas águas do Rio Vermelho e alimentadas pelos grandes pomares cheios de variadas frutas e legumes que deixavam farta a mesa de sua casa.

A linguagem de Cora Coralina é clara, mas ao mesmo tempo densa, peculiar e autêntica – uma linguagem que mescla o erudito e o popular, o rural e o urbano. Tanto a linguagem quanto a temática de Cora nos proporcionam diferentes reflexões acerca do conhecimento linguístico, sociohistórico e cultural do povo goiano.

Cora é herdeira das escolas de tradição moderna e modernista, porém, ela cria seu próprio estilo estético. A poeta, a princípio, escrevia crônicas e contos, mas logo após a Semana de Arte Moderna, sentindo-se liberta das tradições literárias da poesia metrificada, começou a escrever poemas (ou prosas poéticas) em versos brancos e livres, e desde então priorizou uma obra criativa e diferenciada, sem apegos à rimas e métricas.

Eu só me libertei da dificuldade poética depois do modernismo de 22, mas não acompanhei o movimento. Não sei como — não posso explicar como — me achei dentro daquela mudança. Em primeiro lugar, poesia para mim é comunicação; em segundo lugar é invenção, porque só o gênio cria. Hoje nós temos que achar a poesia na realidade da vida e a vida toda é poesia. Porque onde há vida, há poesia. Poesia para mim é um ato visceral. É um impulso que vem de dentro e se eu não obedecê-lo me sinto angustiada. [...] Todo o poeta é meu preferido. Gosto dos poetas de 22. Mas para mim o fundamental é a poesia que busque inspiração na realidade. Não suporto os poetas do imaginário que fazem sua arte do caracol das palavras.²⁵

Cora Coralina representa seu mundo em imagens, tornando-as reais dentro do cenário da antiga cidade de Goiás, seja pela memória de fatos ocorridos, seja pelas experiências vividas por ela mesma, sobre as quais a autora lança um olhar crítico a uma cidade repleta de pessoas e costumes diversos. A poeta cursou, como se disse, apenas até a terceira série do primário, sofria restrições impostas pela dominação masculina e, para completar sua condição aparentemente desfavorável, já era idosa ao se estabelecer como escritora. Todos esses aspectos se somaram a uma trajetória que lhe impôs muitas condições consideradas negativas,

²⁵ REVISTA Biografia. **Cora Coralina** [poeta e contista brasileira]. Disponível em: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2012/12/cora-coralina-poeta-e-contista.html>. Acesso em: 27 dez. 2018, às 22h50.

e que a princípio a fizeram conhecida como a velhinha da voz trêmula que declamava poemas — mas ela não desistiu. Já de volta à Casa Velha da Ponte, Cora Coralina passou a sobreviver da venda de doces de frutas colhidas no pomar da sua própria casa. Foi da natureza que Cora passou a tirar o seu próprio sustento. Desde a morte do seu pai, quando a autora era apenas uma recém-nascida, sua mãe e irmãs mais velhas começaram a fazer doces de frutas para sustentar a casa, tradição que Cora herdou e levou para a vida.



Figura 9. Cora Coralina preparando seus doces de frutas cristalizadas para a venda
Fonte: Disponível em: [http://www.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2014/08/cora-colarina-conheca-a-historia-da-poetisa-goiana](http://www.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2014/08/cora-coralina-conheca-a-historia-da-poetisa-goiana). Acesso em: 18 jan. 2019, às 22h.

No conto *Casa Velha da Ponte*, do livro *Estórias da Casa Velha da Ponte* (1996, p. 7-12), a natureza e seus elementos se fazem constantemente presentes. Cora Coralina realça e confere vulto e relevo às paisagens e cenários naturais de Goiás e, em especial, da Casa Velha da Ponte e seu generoso quintal, que se localizam às margens do Rio Vermelho.

CASA VELHA DA PONTE...

Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas. Gerações de rolinhas fogo-pagô descantam teus anos jubilares, desfilando nas altas cumeeiras, aninham-se nas mangueiras rotundas e mariscam suas coisinhas, sementinhas de capim na areia limpa do quintal. Geriarcas largartixas, eternas inquilinas dos velhos muros e paredes brechadas se aquecem ao sol balançando sempre a cabecinha astuta.

[...] A busca aos gravetos do quintal, sempre generosos, para o primeiro fogo, o café da manhã. O pau de lenha. A xícara de sal, a compra resumida de um celamim de arroz...

A batida ansiosa entre velhos e crianças, a intera de vintém de cobre para alcançar o valor de verde e cheiroso quilo de café.

Os grandes inventos da pobreza disfarçada... Beldroegas... Um esparregado de folhas tenras de tomateiro. Mata-compadre de pé de muro. Ora-pro-nóbis, folhas grossas e macias, catadas das ramas espinhentas dum moiteiro de fundo de quintal. Refogados, gosmentos, comidos com angu de farinha e pimenta-de-cheiro, que tudo melhorava, estimulando glândulas vorazes de subalimentados.

O grande quintal gerador de abóboras, pepinos, quiabos e mandioca, abandonado ao mato invasor, na falta do braço escravo. Mangueiras, jabuticabeiras. Goiabas pelas pontas. Frutas no tempo certo. No tempo certo, vermelhas açucenas surgindo, místicas e solitárias, no seu caule esguio, entre pedras calcinadas na aridez da terra cascalhenta.

[...] Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d'água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira. Biquinha, és banho e refrigerio, copo de água cristalina e azul para sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida.

CASA VELHA DA PONTE, és para o meu cântico ancestral uma benção madrinha do passado.



Figura 10. Casa Velha da Ponte — casa de Cora Coralina, cidade de Goiás
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como é possível observar, a natureza é instrumento de inspiração poética e de memória para Cora Coralina, que faz uma viagem no tempo, buscando em suas memórias os momentos que viveu em Goiás, na Casa Velha da Ponte, cercada pelo Rio Vermelho, pelo pomar cheio de árvores, plantações e pássaros, e por toda natureza que constituía seu espaço natural. Cora engrandece a natureza presente a sua volta. Percebo que a autora tem um olhar sensível e observador, capaz de captar detalhes do cenário natural que compõe a sua trajetória de vida, marcada por ciclos históricos, políticos, econômicos e culturais, e que os ciclos da natureza também presenciaram.

2.3 Sobre o documentário: Cora Coralina - Todas as Vidas, de Renato Barbieri

O documentário biográfico *Cora Coralina: Todas as Vidas* (2015)²⁶, de Renato Barbieri, foi livremente baseado no poema *Todas as Vidas*, de Cora Coralina e no livro *Cora Coralina: raízes de Aninha*, de Clóvis Carvalho Britto e Rita Elisa Seda (2009). O filme tem como proposta cruzar a fronteira entre a realidade e a ficção na trajetória de vida e obra da poeta brasileira Cora Coralina, mulher que trabalhou como doceira durante vários anos de sua

²⁶ CORA Coralina: Todas as vidas. Direção: Renato Barbieri. Elenco: Camila de Queiroga Salles Camila Márdila Maju Souza Tereza Seiblit Walderez de Barros. Roteiro: Renato Barbieri. [S. l.]: Asacine Produções, 2015. 1 vídeo (74 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBqBVoBT-4I>. Acesso em: 19 jan. 2019, às 19h.

vida, mas nunca desistiu do sonho de publicar seus versos em forma de livros. O longametrageo de Barbieri dá ênfase na realizaçãoo pessoal de Cora, que mesmo com idade já avançada, e após muitos anos de espera, conseguiu se tornar uma das autoras brasileiras mais importantes da sua geraçãoo.

O diretor Barbieri recorreu a várias atrizes como Zezé Motta, Beth Goulart, Camila Márdila, Teresa Seiblit, Walderez de Barros e Maju Souza, para trazer à tela as múltiplas vozes dos poemas e prosas poéticas de Cora Coralina, bem como histórias e momentos da vida da poeta. A roteirista Regina Pessoa reúne momentos documentais e fictícios que combinam encenações e declamações de poemas, entrevistas dos familiares de Cora, estudiosos, críticos e até mesmo declamações de poemas e uma entrevista com a própria Cora Coralina, gravada há vários anos. O longametrageo tem uma proposta poética e faz uma viagem na vida e na obra de Cora por meio de recriações imaginárias de sua trajetória literária e de vida.

Um dos entrevistados do filme, o neto de Cora, o Professor Paulo Brêtas Salles, diz:

Cora é uma pessoa que traz dentro dela, como ela mesma diz no poema, todas as vidas, e todas as vozes, todas as vozes humanas e vozes da natureza. Todas as vozes da atualidade, todas as vozes do passado, e aquilo que ainda vai nascer. Cora é uma visionária. Cora é uma pessoa que viu muito mais do que está visível pra todo mundo²⁷.

Cora Coralina aborda em sua obra temas sociais que ela defendia e nos quais acreditava. Sua poesia visionária foi direcionada para os excluídos, marginalizados, para os desvalidos - os sem fala, os sem voz. Cora abria as portas de sua casa para acolher a todos, sem discriminações e preconceitos, a exemplo de Maria Grampinho, analisado no próximo capítulo.

A poesia foi a porta de entrada do documentário *Cora Coralina – Todas as Vidas*, desse modo, a produção artística de Cora foi valorizada. Enquanto a crítica se preocupa com o estilo e a estética dos escritos da poeta, bem como com a sua aceitação e posicionamento entre os cânones da literatura brasileira, este longametrageo procurou mostrar por meio de entrevistas e (re)leituras profundas e lúdicas, a essência dos escritos de Cora, seu lirismo e oralidade que trazem registros do passado de um povo, associados à realidade de fatos presentes na sociedade contemporânea. Cora possui uma espécie de faces líricas que, de um

²⁷ SALLES, Paulo B. CORA Coralina: Todas as vidas. Direção: Renato Barbieri. Elenco: Camila de Queiroga Salles Camila Márdila Maju Souza Tereza Seiblit Walderez de Barros. Roteiro: Renato Barbieri. [S. l.]: Asacine Produções, 2015. 1 vídeo (74 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBqBVoBT-4I>. Acesso em 20 jan. 2019, às 17h.

lado são autobiográficas e, do outro, são a representatividade das múltiplas vozes da sociedade, como pode-se atestar no poema *Todas as Vidas*, do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (2006, p. 31-33).

Vive dentro de mim
uma cabocla velha

[...] Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.

[...] Vive dentro de mim
A mulher cozinheira.

[...] Vive dentro de mim
A mulher do povo.

[...] Vive dentro de mim
A mulher roceira.

[...] Vive dentro de mim
a mulher da vida.

[...] Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
A vida mera das obscuras.

A voz que Cora Coralina dá aos seus poemas apresenta, de forma crítica, as diferentes vozes da sociedade. Desse modo, a poética de Cora está vinculada à lírica, porém, isso não a impede de dialogar também com o épico e o dramático. Cora despersionaliza a lírica moderna, e aproxima o seu eu lírico daquele ser excluído e posicionado às margens da sociedade moderna, promovendo, dessa forma, uma multiplicação de “eus”.

Continuando nessa proposta que mostra a atenção e a voz que Cora dispensa às minorias e aos fragilizados, quero destacar outra fala. Desta vez o entrevistado foi o memorialista da cidade de Jaboticabal, Dorival Martins, que ressalta uma campanha social que Cora fez na cidade a favor da proteção dos pobres e necessitados. Segundo o memorialista, essa campanha tomou grandes proporções que chegou a culminar na construção de um asilo chamado São Vicente de Paula. Na oportunidade, a poeta ajudou não apenas com serviços braçais, mas, também, financeiramente e, por vários anos, recolhia roupas e alimentos para eles.

Apesar dos estudiosos entrevistados no documentário não terem usado em nenhum momento o termo “ecocrítica”, é possível observar no longametrageo a ênfase dada à natureza e seus elementos presentes nos escritos de Cora. A entrevistada Rita Elisa Seda, que

é uma das autoras do livro *Cora Coralina: raízes de Aninha*, destacou em sua fala a reverência de Cora à natureza por meio da crônica *O Lixo*, escrita e publicada pela poeta em jornais de Jaboticabal, no interior de São Paulo. A crônica traz a seguinte mensagem: “Converse você poeta desses tempos novos, converse com as sementes e as folhas caídas que pisa distraído. Você vai sobre rodas e caminha sobre vidas que o asfalto recobriu. Quem fala essa mensagem é uma mulher muito antiga, que entende a fala e a vida de um monte de lixo”²⁸. Segundo Seda, na oportunidade, Cora havia encontrado um bulbo de uma planta no lixo, e decidiu levá-lo para casa e cuidar dele para ver que espécie de planta nasceria, e eis que nasceu um belo lírio, que foi sua inspiração.

2.4 Mary Oliver

*Let us come alive
To the splendor
That is all around us,
And see the beauty in ordinary things*²⁹.
(Mary Oliver)

A escritora americana Mary Oliver nasceu no dia 10 de setembro de 1935, em Maple Heights, Ohio, suburbio de Cleveland, nos Estados Unidos da América. Filha de Edward William e Helen M.V. Oliver, ela começou a escrever aos treze anos de idade. Aos dezessete visitou a casa da poeta Edna St. Vincent Millay, em Austerlitz, New York, quando a autora havia acabado de ganhar o prêmio Pulitzer. Na oportunidade, ela se tornou amiga de Norma, irmã da poeta, com quem trabalhou por aproximadamente sete anos, ajudando na organização dos manuscritos de Edna Millay.

Oliver estudou na Universidade do Estado de Ohio e na Universidade de Vassar em meados de 1950, mas nunca concluiu nenhuma graduação. Além de prêmios importantes como o Pulitzer e National Book Award, Oliver recebeu bolsas da Fundação Guggenheim e

²⁸ SEDA, Rita. E. CORA Coralina: Todas as vidas. Direção: Renato Barbieri. Elenco: Camila de Queiroga Salles Camila Márdila Maju Souza Tereza Seiblit Walderez de Barros. Roteiro: Renato Barbieri. [S. l.]: Asacine Produções, 2015. 1 vídeo (74 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBqBVoBT-4I>. Acesso em 20 jan. 2019, às 17:00h.

²⁹ Vamos nos atentar
para a grandeza
De tudo que nos cerca
E enxergar a beleza nas coisas simples. (Tradução minha)

do National Endowment for the Arts. Ela também ganhou o Oscar da Academia Americana de Artes e Letras, os prêmios Memorial Shelley, o American Poetry Society, e o Alice Fay di Castagnola.

Oliver publicou sua primeira coleção de poemas, *No Voyage and Other Poems*, em 1963, aos vinte e oito anos. Sua poesia é de leitura acessível, seus versos são livres, em estilo simples e sem truques tipográficos, bem como oferece aos seus leitores um alcance espiritual por intermédio da poesia, características que se assemelham às de Cora. Desde criança, Oliver tem por hábito caminhar pelos bosques para buscar inspiração direta da natureza para escrever. Andando pelos bosques, com livros de Whitman em sua mochila, ela escapou de uma vida familiar conturbada. Seu pai tinha um comportamento sexualmente abusivo, e sua mãe era considerada uma pessoa negligente. Para Oliver, seu lar era muito desestruturado, e na medida em que a autora caminhava pelos bosques, ela foi percebendo que gostava de se sentir perdida e inserida em uma fonte de inspiração e, desse modo, seu coração se abria e se libertava cada dia mais.

2.5 Provincetown e seus cenários

Em uma visita de regresso a Austerlitz, no final dos anos 50, Oliver conheceu a fotógrafa Molly Malone Cook. Aos poucos começaram a se aproximar e, em 1964, Oliver juntou-se à Cook e foram morar em Provincetown, Massachusetts, onde viveram juntas por aproximadamente quarenta anos, até a morte de Cook em 2005, aos oitenta anos de idade. Cook trabalhou por vários anos como fotógrafa e foi gerente de uma livraria. Já Mary Oliver passava a maior parte do seu tempo escrevendo seus poemas, e buscando inspirações na natureza. Todos os livros de Oliver, até essa data, foram dedicados à Cook.



Figura 11. Mary Oliver (à direita) e sua companheira Cook (à esquerda)

Fonte: Disponível em: <https://www.brainpickings.org/2015/01/20/mary-oliver-molly-malone-cook-our-world/>. Acesso em: 10 dez. 2018, às 19h.

Como pode-se observar no conto a seguir, o meio ambiente e o seu espaço natural vêm passando por grandes transformações naturais, bem como, por mudanças de caráter histórico e cultural. No conto *Provincetown*, do livro *Upstream* (2016, p. 171-175), Oliver diz:

[...] A tiny town as towns and cities are now, but to me it held a perfect sufficiency. Front Street and Back Street. Of course, they had other names, but this is town talk. One traffic light, one doctor, one drugstore. A scattering of restaurants, saloons. And the boatyards.

[...] And then the terrible change began. The great rafts of fish began to vanish. Overfishing, climate change, and little boats that were growing older every year were the causes. In other towns, larger boats were built to travel farther out the sea, something the Provincetown fleet could not do.

A town cannot live on dreams. The change was slow but harsh. The young men and women, boys and girls left to find work and to build another life. And the town became, not all at once but steadily, a town of pleasure. People swarmed in on weekends, and they still do. And it will no doubt go on. And there is no blame in this. The town had to find another way to live.

The tourist business was in. Late into the night the bands played. Closing hours changed, became later. There were weekend people and people who could afford a longer stay or buy a summer home. At the same time, I must say that many of the changes were important.

[...] I don't know if I am heading toward heaven or that other, dark place, but I know I have already lived in heaven for fifty years. Thank you, Provincetown³⁰.

³⁰ Provincetown



Figura 12. Provincetown, vista do Pilgrim Monument
 Fonte: Acervo pessoal da autora.

Provincetown é uma cidade situada na região da Nova Inglaterra, em Cape Cod, Massachusetts. É uma pequena cidade litorânea na costa leste dos Estados Unidos, com

[...] Uma pequena cidade como vilas e cidades são agora, mas para mim, ela possuía uma suficiência perfeita. Front Street e Back Street. Claro, elas tinham outros nomes, mas é como se fala na cidade. Um semáforo, um médico, uma farmácia. Restaurantes espalhados, salões. E os estaleiros.

[...] E então a terrível mudança começou. As grandes jangadas de peixe começaram a ficar escassas. A pesca excessiva, a mudança climática e os pequenos barcos que envelheciam a cada ano eram as causas da mudança. Em outras cidades, barcos maiores foram construídos para viajarem mais distante ao mar, algo que a frota de Provincetown não podia fazer.

Uma cidade não pode viver de sonhos. A mudança foi lenta, mas dura. Os jovens, homens e mulheres, meninos e meninas partiram para encontrar trabalho e para construir outra vida. E a cidade tornou-se, não de uma só vez, mas gradativamente, uma cidade de prazeres. As pessoas invadiam a cidade nos finais de semana, e assim continua até hoje. E, sem dúvida, continuará sendo. E não há culpado nisso. A cidade tinha de encontrar outra maneira para viver.

O negócio turístico chegou. Tarde da noite as bandas tocavam. Horários de encerramento mudaram, passaram a ser mais tarde. Havia pessoas de fim de semana, e pessoas que podiam pagar uma estadia mais longa, ou comprar uma casa de veraneio. Assim, devo dizer que muitas das mudanças foram importantes.

[...] Não sei se estou indo para o céu ou para aquele outro lugar escuro, mas eu sei que já vivi no céu por cinquenta anos. Obrigada, Provincetown. (Tradução minha)

aproximadamente 3.000 moradores. Porém, no verão sua população chega a 60.000 moradores temporários.

Oliver sempre priorizou a vida singela e amizades antigas e verdadeiras como a do encanador, a do farmacêutico, e a dos vizinhos que em sua maioria eram pescadores portugueses. Com o passar dos anos, Provincetown foi se tornando uma cidade cheia de pontos turísticos, e as relações comerciais tomaram conta da cidade. Começaram a surgir várias lojas, bares, restaurante e casas noturnas, e o ambiente que antes era calmo e de paisagens bastante naturais, tornou-se mais urbano, com hábitos noturnos, passando a atrair turistas de todas as regiões dos Estados Unidos da América.



Figura 13. Provincetown durante o verão
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Provincetown também é conhecida como a cidade dos homossexuais, fator que contribuiu para que Oliver e Cook se sentissem bem à vontade por lá. Oliver sempre explorou a natureza que a cercava para a sua produção literária. Todos os dias a autora fazia suas caminhadas matinais, e sempre levava consigo seu bloco de notas para não perder nenhum *insight* poético que pudesse ocorrer. Segundo ela, é importante escrever as coisas

instantaneamente, para não perdermos a maneira como estamos pensando naquele exato momento.

A pequena cidade de Oliver sempre foi berço de escritores e artistas que vieram de Portugal e também de diferentes regiões dos Estados Unidos da América. No verão de 1899, Charles Webster Hawthorne fundou a primeira escola de artes da cidade, chamada *Cape Cod School of Art*. Na figura a seguir, pode-se ver imagens de alguns artistas que foram homenageados pela comunidade de pescadores da histórica cidade.



Figura 14. Primeira escola de artes da cidade, chamada Cape Cod School of Art, fundada em 1899, por Charles Webster Hawthorne
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 15. Casa de Mary Oliver em Provincetown (frente)
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 16. Casa de Mary Oliver em Provincetown (quintal)
Fonte: Disponível em: <https://buildingprovincetown.wordpress.com/2010/01/07/535-commercial-street/>.
Acesso em: 11 nov. 2019, às 14h.

Dos quase cinquenta anos em que morou em Provincetown, quarenta ela viveu juntamente com Cook, com quem se sentia bastante segura e amada. Entretanto, após a morte de Cook, Mary decidiu se abrir um pouco mais para a vida social, enfrentando seus medos e traumas de infância e falando mais abertamente sobre eles, mesmo que, aparentemente, um pouco tardio. Atualmente, morando na Flórida, Mary Oliver procura levar uma vida social mais aberta, diferente da vida que ela levava em Provincetown. E, embora a poeta já tenha recebido vários prêmios e homenagens, além de ser uma das poetisas mais vendidas da América, Oliver quase nunca se deixa entrevistar, e nem mesmo se expõe ao público. Só após seis anos consecutivos de tentativas, a escritora e jornalista Maria Shriver conseguiu entrevistá-la e também levá-la para participar da Conferência Anual de Mulheres na Califórnia, em 2011, onde também foi palestrante a ex-primeira-dama dos Estados Unidos, Michelle Obama. Na oportunidade, Oliver resolveu falar abertamente sobre sua vida e, pela primeira vez, falou sobre a agressão sexual que sofreu por parte de seu pai, quando ainda bem pequena.

Segundo Oliver, por vários anos ela teve pesadelos decorrentes dessas agressões, o que para ela ocasionou uma grande perda da sua infância. A autora se considera vítima de uma desestrutura familiar, pois teve sua infância marcada por acontecimentos trágicos, e foi no mundo da poesia a natureza, que ela encontrou equilíbrio. Oliver ainda se considera uma pessoa triste e reclusa, mas, após a morte de Cook, ela começou a lutar fortemente contra isso e, se considera uma pessoa mais aberta, acessível e feliz.

2.6 Entrevista exclusiva de Maria Shriver com Mary Oliver

Visando conhecer um pouco mais sobre a poeta Mary Oliver, transcrevo a entrevista exclusiva concedida à jornalista e escritora Maria Shriver em 2015³¹. Devido ao seu comportamento sistemático e reservado, infelizmente, não me foi possível entrevistá-la pessoalmente, embora eu tenha tentado fazê-lo.

Para Oliver, a poesia é um “chamado”: mesmo não nos sentindo aptos a atendê-lo, é preciso aceitá-lo. Segundo Oliver, todos nós temos um coração com fome, e uma das coisas de que sempre temos fome é de felicidade, e ela disse ter feito o que lhe foi possível para se sentir feliz.

³¹ SHRIVER, Maria. 2015. Maria Shriver Interviews the Famously Private Poet Mary Oliver. **Oprah.com Magazine**. Disponível em: <http://www.oprah.com/entertainment/maria-shriver-interviews-poet-mary-oliver/all#ixzz5EK6MfrVc>. Acesso em: 20 ago. 2017, às 9h.

Maria Shriver: Mary, you've told me that for you, poetry is and always was a calling. How do you know when something is a calling?

Mary Oliver: When you can't help but go there. We all have a hungry heart, and one of the things we hunger for is happiness. So as much as I possibly could, I stayed where I was happy³².

A família de Oliver não valorizava muito o seu chamado para o mundo da poesia, porém, em Provincetown, junto de sua companheira Cook, ela construiu uma “doce história” de reconhecimento, cumplicidade e parceria.

Maria Shriver: When you would wander in the woods and write, did people ever think you were crazy?

Mary Oliver: My parents didn't care very much what I did, and that was probably a blessing. But in Provincetown now, there's a little story that is sweet. They say if Mary is taking a walk, and she begins to walk slower and slower, and finally she's standing still scribbling, you know it was a successful walk³³.

Oliver se considera mais repórter do que poeta. Ela considera não possuir a estrutura de um trabalho verdadeiramente poético, mas ao menos se comprometeu consigo mesma, quando ainda bem jovem, que escreveria da melhor forma que pudesse. E, como escritora, ela estava consciente de todas as limitações que a escolha de ser escritora lhe imporia, e chegou a listar algumas coisas que ela sabia que nunca poderia ter na vida.

Maria Shriver: What does it mean to you to be a poet?

Mary Oliver: I consider myself kind of a reporter — one who uses words that are more like music and that have a choreography. I never think of myself as a poet; I just get up and write. For most of my life, I haven't had the structure of an actual job. When I was very young and decided I wanted

³² **Maria Shriver: Mary, você me disse que, para você, a poesia é e sempre foi um chamado. Como você sabe quando algo é um chamado?**

Mary Oliver: Quando você não pode deixar de fazê-lo. Todos nós temos um coração faminto, e uma das coisas das quais temos fome, é a felicidade. Eu permaneci o máximo que pude onde eu me sentia feliz. (Tradução minha)

³³ **Maria Shriver: Quando você andava e caminhava pelo bosque escrevendo, as pessoas achavam que você era louca?**

Mary Oliver: Meus pais não se importavam muito com o que eu fazia e isso, provavelmente, foi uma bênção. Mas em Provincetown, agora, há uma pequena história que é doce. Eles dizem que se Mary está fazendo um passeio, e começa a caminhar lentamente, rabiscando, sabemos que a caminhada foi bem sucedida. (Tradução minha)

to try to write as well as I could, I made a great list of all the things I would never have³⁴.

Entre as coisas que Oliver acreditava nunca poder possuir como poeta seria: uma boa casa, um bom carro, roupas elegantes, e frequentar bons restaurantes, mas, mesmo assim, continuou escrevendo seus versos por amor à literatura.

Maria Shriver: Wouldn't have?

Mary Oliver: Would not have, because I thought poets never made any money. A house, a good car, I couldn't go out and buy fancy clothes or go to good restaurants³⁵.

Oliver sempre quis apenas escrever poemas, e nada mais. Ela passou por muitas dificuldades ao longo da vida, mas não desistiu do seu objetivo. Procurou trabalhar algumas horas por dia em um trabalho regular, e sempre manteve ao seu lado um bom livro para ler, o seu bloco de notas para escrever e, frequentemente, ia à praia para pegar moluscos para complementar suas refeições diárias. Ela se sentia bem vivendo dessa maneira simples. O seu maior desejo não era ser como todas as outras pessoas, mas sim, não ser notada, apenas queria ser deixada sozinha em seu mundo particular.

Maria Shriver: Did you ever ask yourself, "Why am I doing this? Should I change course and maybe try to get some of the things on that list?"

Mary Oliver: Never. I've always wanted to write poems and nothing else. There were times over the years when life was not easy, but if you're working a few hours a day and you've got a good book to read, and you can go outside to the beach and dig for clams, you're okay.

Maria Shriver: So many kids and people feel "different," and they think they're the only ones who feel that way.

³⁴ **Maria Shriver: O que significa para você ser uma poeta?**

Mary Oliver: Eu me considero uma espécie de repórter – alguém que usa as palavras, que são mais como músicas, e que têm uma coreografia. Eu nunca penso em mim como uma poeta; Eu apenas me levanto e escrevo. Durante a maior parte da minha vida não tive a estrutura de um trabalho real. Quando eu era muito jovem, decidi que queria escrever da melhor maneira que pudesse, e fiz uma lista grande de todas as coisas que eu nunca teria. (Tradução minha)

³⁵ **Maria Shriver: não teria?**

Mary Oliver: Não teria, porque eu achava que os poetas não ganhavam dinheiro para comprar uma casa, um bom carro. Eu não poderia sair e comprar roupas luxuosas, ou ir a bons restaurantes. (Tradução minha)

Mary Oliver: It wasn't that I wished I could be like everybody else. I very much wished not to be noticed, and to be left alone, and I sort of succeeded³⁶.

Atualmente, Oliver é uma escritora bem conhecida nos Estados Unidos, mas para ela quem se tornou conhecida não foi ela, mas sim, a pessoa pública de Mary Oliver, pois ainda existe dentro de si uma mulher que só ela mesma conhece, diz a poeta. Mesmo trabalhando para amenizar esse seu lado misterioso e privativo, Oliver considera ainda ter um comportamento recluso.

Maria Shriver: Sort of succeeded? You're one of the best-known writers around.

Mary Oliver: But that's the public person. Apparently, I've been considered a recluse³⁷.

Oliver se considera como parte da natureza, e para concretizar esse sentimento ela gostava de caminhar pelos bosques e praias. Assim, em comunhão com a natureza, a poeta se sentia mais segura e renovada espiritualmente, além de encontrar inspiração para a sua arte. Por intermédio da sua poesia criativa fundamentada e inspirada no mundo natural, Oliver acredita construir um mundo melhor e viver mais feliz.

Maria Shriver: Are you happiest sitting at the desk or walking in the woods?

Mary Oliver: Probably walking in the woods, because I do feel like I vanish and become part of the natural world, which for whatever reason has always felt safe to me³⁸.

³⁶ **Maria Shriver: Você já se perguntou: "Por que estou fazendo isso? Devo mudar de rumo, e talvez tentar obter algumas das coisas dessa lista?"**

Mary Oliver: nunca. Eu sempre quis escrever poemas e nada mais. Houve momentos ao longo dos anos em que a vida não era fácil, mas se você está trabalhando algumas horas por dia, e tem um bom livro para ler. e pode ir para à praia procurar por moluscos, você está okay.

Maria Shriver: Muitas crianças e pessoas se sentem "diferentes", e pensam que são as únicas que se sentem assim.

Mary Oliver: Não significa que eu quisesse ser como todo mundo. Desejei muito não ser notada, e ser deixada sozinha e, de certa forma, consegui. (Tradução minha)

³⁷ **Maria Shriver: Um tipo de sucesso? Você é uma das escritoras mais conhecidas por aí.**

Mary Oliver: Mas essa é a pessoa pública. Aparentemente, eu ainda sou considerada reclusa. (Tradução minha)

³⁸ **Maria Shriver: Você é mais feliz sentada na mesa ou caminhando pelo bosque?**

Mary Oliver: Provavelmente caminhando pelo bosque, pois eu sinto como se eu desaparecesse e me tornasse parte do mundo natural que, por alguma razão, sempre me pareceu seguro. (Tradução minha)

Palavras como amor, alegria, louvor e constância, estão entre as favoritas da poeta. Para Oliver, escrever sobre a natureza e seus elementos naturais é uma forma que ela encontrou para demonstrar seu sentimento de gratidão pela vida, e esquecer-se dos problemas vividos na infância.

Maria Shriver: Why did you first turn to a creative art?

Mary Oliver: Well, I think because with words, I could build a world I could live in. I had a very dysfunctional family, and a very hard childhood. So I made a world out of words. And it was my salvation.

Maria Shriver: Do you have a favorite word?

Mary Oliver: A few [laughs]. Love, mirth, praise, constancy...³⁹

Outro aspecto importante na poesia de Oliver é que ela procura não escrever sobre temas que a deixam triste. Ela busca conforto, diversão e alegria em seus poemas para que os seus leitores também possam se sentir bem com eles. Ela ressalta que o mundo não é perfeito, mas ela tem o cuidado de manter o foco no que a faz melhor e mais esperançosa.

Maria Shriver: You were talking earlier about how you felt happy writing and being in nature, so you moved toward happiness. So many people think that poets are tortured souls.

Mary Oliver: [...] I don't usually mess around with what makes me unhappy when I'm writing. I want to write poems that will comfort, maybe amuse, enliven other people. I don't mean that the world is all great and wonderful. But I'm careful to — I try to keep the emphasis on the good and the hopeful⁴⁰.

³⁹ **Maria Shriver: Por que você escolheu uma arte criativa?**

Mary Oliver: Bem, acho que com as palavras eu poderia criar um mundo em que eu pudesse viver. Eu tive uma família muito disfuncional, e uma infância muito difícil, então, eu fiz um mundo de palavras. E foi minha salvação.

Maria Shriver: Você tem uma palavra favorita?

Mary Oliver: Algumas [risos] Amor, alegria, elogio, constância ... (Tradução minha)

⁴⁰ **Maria Shriver: Você estava falando anteriormente sobre como você se sentiu feliz escrevendo e estando na natureza, então você “se mudou” para a felicidade. Tantas pessoas pensam que os poetas são almas torturadas.**

Mary Oliver: [...] Eu não costumo mexer com o que me deixa infeliz quando estou escrevendo. Eu quero escrever poemas que consolem, que talvez possam entreter e animar outras pessoas. Não quero dizer que o mundo seja totalmente lindo e maravilhoso, mas sou cuidadosa – tento manter a ênfase no bom e no esperançoso. (Tradução minha)

Oliver argumenta sobre o poema *The Journey*, da obra *Dream Work* (1986) que, aparentemente, trata de temas sombrios da sua vida pessoal. Segundo a poeta, ela não imaginava ter escrito sobre ela na obra, mas que hoje tornou-se evidente para ela que, contrariamente ao seu desejo, foi bem isso que fez. Ela diz se sentir feliz com isso, pois atualmente a autora tem buscado ser mais aberta, e quem sabe, mais honesta consigo mesma. Ele afirma que ser agredida sexualmente na infância acarretou em vários prejuízos, como traumas e pesadelos frequentes, dos quais ela só conseguiu falar em alto e bom tom, pela primeira vez, nessa entrevista.

Maria Shriver: So you never wanted your poetry to be a place where you worked out your own struggles. And yet "The Journey," my all-time favorite poem, seems to deal with darker themes.

Mary Oliver: Well, looking back, I'm shocked to see that I wrote that. Because I was always very private about my life, and yet the poems in *Dream Work* [1986] are not so private as I thought. I'm glad I wrote them, and I'm doing a little more of that now — using personal material. I want to be braver and more honest about my life. When you're sexually abused, there's a lot of damage — that's the first time I've ever said that out loud⁴¹.

Oliver acredita que a agressão sexual sofrido na sua infância, levou-a a procurar sempre por sua invisibilidade social, mas com a ajuda de terapeutas, atualmente, ela se sente curada, mesmo que tardiamente.

Maria Shriver: Can you tell me about that?

Mary Oliver: Well, that's why I wanted to be invisible, I'm sure. And it certainly made it hard to trust. But with the help of a few real good people, I finally feel healed — kind of late in life. I've been working with a wonderful guy for the past five years or so⁴².

⁴¹ **Maria Shriver: Então você jamais quis que sua poesia fosse uma maneira de resolver suas próprias lutas. No entanto, "The Journey", meu poema favorito de todos os tempos, parece lidar com temas mais sombrios.**

Mary Oliver: Bem, olhando para trás, fico chocada ao ver que escrevi isso. Porque eu sempre fui muito reservada em relação a minha vida e, no entanto, os poemas no livro *Dream Work* (1986) não são tão particulares quanto eu pensava. Fico feliz por tê-los escrito e estou fazendo um pouco mais disso agora — usando conteúdo pessoal. Eu quero ser mais corajosa e sincera sobre a minha vida pessoal. Quando se sofre uma agressão sexual, muitos danos permanecem — essa é a primeira vez que eu falo sobre esse assunto em voz alta. (Tradução minha)

⁴² **Maria Shriver: Você pode me falar mais sobre isso?**

Mary Oliver: Bem, é por isso que eu queria ser invisível, tenho certeza. E, certamente, isso me tornou uma pessoa desconfiada. Mas com a ajuda de algumas pessoas realmente boas, eu, finalmente, me sinto curada — posso finalmente confiar em alguém que me ajude. Eu tenho feito terapia com um profissional maravilhoso nos últimos cinco anos. (Tradução minha)

Oliver fala também sobre a ausência de amor e proteção por parte da sua mãe o que, certamente deixou marcas em seu comportamento. A poeta saiu da casa dos pais logo após ter concluído a *high school* [Ensino Médio]. Oliver defende a importância do amor e da proteção materna na infância, problema que segundo a poeta, tem afetado milhões de crianças, a exemplo dela mesma, que teve uma infância precária.

Maria Shriver: A therapist in Provincetown?

Mary Oliver: Yes. I'm now able to understand, one, that it happened, which a child fights and doesn't want to acknowledge, and two, that it affected certain things in my behavior. It was probably the reason I left home the day after I graduated from high school — I couldn't wait a minute. And why I was needy a great deal of my life, because I didn't get sufficient mother-love and protection. That can make people very — well, there are millions of people walking around the world who had insufficient childhoods, and I just happen to be one of them⁴³.

Mary Oliver tem buscado forças em precursores que antes ousaram falar sobre si mesmos nos seus poemas. Segundo a autora, sua poesia nunca foi, diretamente, influenciada pela sua vida pessoal ou pelo que ela gostaria de viver. Seu desejo era apenas escrever. Quando Cook ficou doente, ela passou a se sentar à noite do lado de fora da casa para escrever e, para isso, usava uma lanterna. Durante o dia ela se mantinha ocupada cuidando da companheira com câncer, e não tinha mais tempo para fazer suas caminhadas pelo bosque e para fazer suas anotações.

Maria Shriver: You have lived a very unique life, a life really individual and fearless.

Mary Oliver: Well, it was never a temptation to be swayed from what I wanted to do and how I wanted to live. Even when Molly got ill, I knew what to do. They wanted to take her off to a nursing home, and I said, "Absolutely not." I took her home. That kind of thing is not easy. I used to go out at night with a flashlight and sit on a little bench right outside the house to scribble poems, because I was too busy taking care of her during the day to walk in the woods⁴⁴.

⁴³ **Maria Shriver: Um terapeuta em Provincetown?**

Mary Oliver: Sim. Agora sou capaz de entender, primeiro, o que aconteceu para que uma criança lutasse tanto para não ser notada e, segundo, como isso afetou certas coisas no meu comportamento. Foi, provavelmente, a razão pela qual saí de casa no dia seguinte a minha formatura no colegial — não pude esperar um minuto sequer. E por que eu era carente de uma boa parte da minha vida? Porque não recebi amor e proteção materna. Saber lidar com essa dor pode fazer muito bem às pessoas. E existem milhões de pessoas que tiveram infâncias precárias vagando pelo mundo e, eu, simplesmente, sou uma delas. (Tradução minha)

⁴⁴ **Maria Shriver: Você viveu uma vida muito única, uma vida realmente individual e destemida.**

Após o falecimento de Cook, Oliver se sentiu muito solitária e, num determinado momento, ela precisou se decidir entre duas alternativas: ou compraria uma pequena cabana na floresta e se fecharia lá com seus livros, ou abriria todas as portas da sua casa (que antes estiveram sempre fechadas), e começaria a escrever uma nova história de vida. Foi então que Oliver optou por abrir as portas da sua casa e do seu coração, no intuito de alcançar sua cura interior. Oliver afirma que viveu um relacionamento muito sólido e amoroso com Cook, no entanto, considera a companheira muito dominante e fechada, o que a deixou ainda mais reclusa durante todo o tempo em que estiveram juntas. Segundo afirma Oliver, ela tem buscado, após o falecimento de Cook, aproximar-se mais dos amigos, e a falar e escrever mais abertamente sobre sua vida pessoal, ou seja, chegar mais perto de si mesma. Ela diz ainda que se sente sozinha, porém, está diferente agora.

Maria Shriver: You had a 40-year relationship with Molly. How did her death change your life?

Mary Oliver: I was very, very lonely.

Maria Shriver: You've written in your work that you rarely spent any time apart. How did you avoid being crushed by losing her?

Mary Oliver: I had decided I would do one of two things when she died. I would buy a little cabin in the woods, and go inside with all my books and shut the door. Or I would unlock all the doors — we had always kept them locked; Molly liked that sense of safety — and see who I could meet in the world. And that's what I did. I haven't locked the door for five years. I have wonderful new friends. And I have more time to be by myself. It was a very steadfast, loving relationship, but often there is a dominant partner, and I was very quiet for 40 years, just happy doing my work. I'm different now⁴⁵.

Mary Oliver: Bem, nunca foi uma tentação ser influenciada pelo que eu queria fazer e como queria viver. Mesmo quando Molly adoeceu, eu sabia o que fazer. Eles queriam levá-la para uma casa de repouso onde cuidam de enfermos, e eu disse: "Absolutamente não". Eu a levei para casa. Esse tipo de coisa não é fácil. Eu costumava sair à noite com uma lanterna e sentar em um pequeno banco do lado de fora da casa para rascunhar poemas, pois naqueles dias eu estava sempre muito ocupada cuidando dela para caminhar no bosque durante o dia. (Tradução minha)

⁴⁵ **Maria Shriver: Você teve um relacionamento de 40 anos com Molly. Como a morte dela mudou sua vida?**

Mary Oliver: Eu fiquei muito solitária.

Maria Shriver: Você escreveu em seu trabalho que raramente passavam algum tempo separadas. Como você evitou ser devastada ao perdê-la?

Mary Oliver: Eu decidi que quando ela morresse eu faria de duas, uma coisa: ou eu compraria uma pequena cabana no bosque, entraria nela com todos os meus livros e fecharia a porta, ou eu iria destrancar todas as portas (nós sempre as mantivemos trancadas, Molly gostava dessa sensação de segurança), para ver o que eu poderia encontrar no mundo. E eu escolhi destrancar as portas. Não tranco mais a porta há cinco anos. Eu tenho novos amigos maravilhosos. E eu tenho mais tempo para ficar sozinha. Foi um relacionamento muito firme e amoroso,

Mary Oliver se concentra no silêncio, procurando escutar, assim, as ocorrências da natureza, e se sente bastante confortável no espaço que existe entre a terra e o céu, considerada por ela a fina membrana que separa o animal humano do não humano. Oliver diz ainda sobre a capacidade de se inserir no mundo espiritual e “real”. Para a autora, não podemos nos privar nem de um, e nem do outro, para não perdermos o espetáculo por completo. Nessa perspectiva, Oliver acredita que devemos estar no mundo “real” para entendermos o espiritual, e que devemos ser espirituais para podermos, realmente, aceitar o mundo como ele é.

Maria Shriver: Do you think it's possible to contain the spiritual world and also be of the "real world" in 2011?

Mary Oliver: I definitely believe that. And I think if you skimp on one or the other, you're not getting the whole show. You have to be in the world to understand what the spiritual is about, and you have to be spiritual in order to truly be able to accept what the world is about⁴⁶.

Oliver fala da sua esperança do homem em relação à natureza e diz não ter muita esperança de que a Terra permaneça da mesma forma sempre, pois ela já tem se modificado muito.

Maria Shriver: Is that the poet's goal? Or is the goal to make people look at nature in a different way? Is it to touch their soul? Is it for them to feel delight?

Mary Oliver: All of those things. I am not very hopeful about the Earth remaining as it was when I was a child. It's already greatly changed. But I think when we lose the connection with the natural world, we tend to forget that we're animals, that we need the Earth. And that can be devastating. Wendell Berry is a wonderful poet, and he talks about this coming devastation a great deal. I just happen to think you catch more flies with honey than with vinegar. So I try to do more of the "Have you noticed this wonderful thing? Do you remember this?"⁴⁷

mas muitas vezes ela era uma parceira dominante, e fiquei muito quieta por 40 anos, apenas feliz por fazer o meu trabalho. Mas agora eu sou diferente. (Tradução minha)

⁴⁶ **Maria Shriver: Você acha que é possível ser do mundo espiritual e, também, do "mundo real" em 2011?**

Mary Oliver: Eu definitivamente acredito que sim. Acho que se você economizar em um ou outro, você não está recebendo o espetáculo por inteiro. Você precisa estar no mundo para entender sobre o que é o espiritual, e você precisa ser espiritual para realmente saber aceitar o mundo como ele é. (Tradução minha)

⁴⁷ **Maria Shriver: Esse é o objetivo da poeta? Ou o objetivo é fazer as pessoas olharem para a natureza de uma maneira diferente? É para tocar a alma deles? É para eles sentirem prazer?**

Mary Oliver: Tudo isso. Eu não tenho muita esperança de que a Terra permaneça como era quando eu ainda era criança, já está muito alterada. Mas acho que quando perdemos a conexão com o mundo natural, tendemos a

Para Oliver, ter seu valor reconhecido, seria ter reconhecido, primeiramente, o seu esforço em tentar, por meio de sua poesia, mostrar o valor da Terra, e a forma como ela deve ser compreendida. A poesia de Oliver é um louvor ao mundo e a quem o fez. É um alerta, por assim dizer, para o fato de que, se perdermos a conexão com o mundo natural, poderemos nos esquecer de que somos animais e, por consequência, de que precisamos da Terra, o que seria devastador, diz a poeta.

esquecer que somos animais, que precisamos da Terra. E isso pode ser devastador. Wendell Berry é um poeta maravilhoso e fala muito sobre essa devastação vindoura. Eu só acho que você pega mais moscas com mel do que com vinagre. Então, tento questionar coisas como "Você notou que coisa maravilhosa? Você se lembra disso?". (Tradução minha)

3 LEITURA ECOCRÍTICA – 1

*Em qualquer parte da Terra um homem estará
sempre plantando, recriando a Vida.
Recomeçando o Mundo.*

(Cora Coralina)

3.1 Cora Coralina

Várias são as ciências e as disciplinas que exaltam a força da natureza e da Terra, reconhecendo a necessidade e a relevância das reflexões a respeito das questões ambientais, notadamente sobre a importância do ambiente natural, imprescindível à sustentação da vida. Necessária a conexão dos estudos relativos à natureza, ao homem, ao meio ambiente para que seja possível uma relação mais respeitosa entre o humano e o não humano, com a finalidade de identificar — com pontualidade e amplitude — a problemática ambiental contemporânea.

A seguir, farei uma leitura de alguns fragmentos de contos e poemas da poeta brasileira Cora Coralina e, mais adiante, da poeta norte-americana Mary Oliver.

3.2 O Cântico da Terra

Corroborando minha percepção sobre a escrita de Cora, trago o poema *O Cântico da Terra*, do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, (2006, p. 210), no qual Cora faz um diálogo entre a terra, a vida, o meio ambiente e a natureza humana. Para além disso, há uma singela homenagem ao lavrador, este que costumeiramente é tão esquecido por todas as bocas que comem graças a esse trabalho tantas vezes silencioso, solitário e exaustivo.

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da coberta de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.

De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Cora Coralina exalta a Mãe Terra, a nossa grande Gaia, em um ato de devoção ao elemento da natureza, o barro, que, segundo o relato bíblico, Deus usou para nos criar, igualando assim o ser humano aos demais seres vivos, que também nascem da Terra, e para ela voltarão no final do ciclo da vida de cada um.

No fragmento abaixo, Cora nos remete à antiga visão patriarcal em relação à mulher comparada à Terra. Nesse período, da mesma forma, o feminino era comparado à Terra e aos ciclos da natureza, quer seja, como se disse, pelos ciclos menstruais, quer seja pela fertilidade e capacidade de gerar e criar filhos. O trabalho com a metáfora sobressai nos versos de Cora de modo a unir a maternidade, o feminino, à vida, ao amor.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A seguir, Cora faz uma homenagem ao lavrador, e a voz poética continua a se assumir mãe provedora de todos, e também desse trabalhador essencial à manutenção da vida, muitas vezes tornado invisível em nossas sociedades tecnológicas, aquele que tira da terra o seu sustento e o sustento de todos. Essa voz lembra ainda, como se disse, que, ao final do ciclo de vida, é para ela, a Terra, que tudo volta, em um processo de interação e interligação. Assim, há um despertar para nossa condição humana diante da natureza e dos seres vivos não humanos, todos parte do mesmo universo natural, todos habitantes da mesma “casa”.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

A Terra é, para Cora Coralina, a fonte original de toda espécie, o alicerce seguro para os nossos pés, acolhendo, ao mesmo tempo em que nos sustenta de pé, tudo o que se planta:

dela colhemos, por meio dela nos alimentamos. O respeito de Cora pela terra pode ser entendido, no campo da ecocrítica, como um instrumento de conscientização e preservação da natureza, tendo em vista que, para a autora, a Terra é a nossa origem, nossa vida, e o nosso fim. A transformação material de todos os seres, sejam eles humanos ou não, é um fenômeno que está ligado às mãos do Criador, responsável pelo sentido e a razão da vida de todos que nascem, crescem, vivem e descansam na Terra.

3.3 Oração do Milho

No poema *Oração do Milho*, do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (1996, p.156-157), Cora Coralina fala sobre o grão de milho e sobre o grão do trigo, classificados por ela como sendo o trigo, alimento do fidalgo, e o milho, alimento do humilde. Ambos, no entanto, têm alcance universal. Ressalta-se, neste poema, o trabalho com a personificação: o milho, em atitude de humildade, dirige-se ao Criador em oração, tal qual uma “pessoa” da terra.

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.
Ponho folhas e hastes, e se me ajudardes, Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.

O milagre da natureza que fecunda o grão de milho, e faz dele alimento para humanos e não humanos mostra-nos a importância de cada elemento natural para a subsistência dos seres que vivem na Terra. Ao germinar, o milho apresenta a dádiva do nascimento que, sustentado pela fertilidade da Terra, celebra o milagre da vida.

Sou a planta primária da lavoura.
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
e de mim não se faz o pão alvo universal.
O justo não me consagrou Pão da Vida, nem
lugar me foi dado nos altares.
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.
Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
alimento de rústicos e animais do jugo.

Seguindo na figura da personificação, Cora faz ainda uma crítica à desigualdade social quando contrapõe o milho ao trigo, enfatizando o contraste entre o rico/trigo e o pobre/milho, e também entre o patrão/trigo e o operário/milho. O milho, na sua simplicidade, é a representatividade dos seres marginalizados e excluídos e que, por vezes, são explorados e conduzidos às tarefas e funções úteis e indispensáveis a todos, mas que são, ao mesmo tempo, ignorados e desvalorizados pela sociedade.

[...] Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão
do eito.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
Sou a farinha econômica do proletário.
Sou a polenta do imigrante e amiga dos que começam
a vida em terra estranha.
Alimento de porcos e do triste mu de carga.

O milho é um alimento universal de identidade pobre, porém, alimenta todos os seres sem discriminação de raças, culturas e classes, igualando desse modo, os seres humanos uns aos outros, e aos animais, pois ambos se alimentam do mesmo grão que provém da mesma terra, e que se torna, apesar de não pertencer à nobreza do trigo, um alimento primordial, substancial, e nutritivo. Cora busca enfatizar a importância da igualdade entre os seres como parte integrante da mesma natureza que os sustém.

[...] Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizestes necessário e humilde.
Sou o milho.

O milho, mesmo não tendo a sua importância devidamente reconhecida pela sociedade, num tom metafórico e religioso, agradece a Deus em oração pelo dom da vida. Desse modo, agradece também por sua simplicidade e valor. O “grão-ouro-milho” que ao cair por acaso na terra, ou num cultivo feito pelas mãos do homem, doa-se em múltiplos grãos capazes de sustentar os seres que nela vivem.

Eis o milagre da vida acontecendo diante de nós. Cora nos dá a ver esse milagre que tantas vezes passa despercebido diante dos nossos olhos. Sustentado pelo que o nutre, o milagre da vida se auto justifica e, como círculo, participa da cadeia alimentar em busca de um equilíbrio entre a “natureza racional” e a “natureza irracional”, detentora de uma força maior, capaz de desafiar o comportamento e a consciência humana para o respeito e preservação dos valores os mais humildes, no entanto, fundamentais, pois são a provisão que garante a vida das futuras gerações.

3.4 Meu Epitáfio

No poema *Meu Epitáfio*, da obra *Meu Livro de Cordel* (1976, p. 106), Cora relaciona a própria vida à Terra e aos elementos naturais, e ao exaltar a integração entre a natureza humana e não humana, destaca a essencialidade da terra — e da Terra — para a manutenção da vida. No fragmento do poema a seguir, Cora se eterniza na natureza chamando a atenção para o fenômeno dos ciclos naturais da vida no meio ambiente, onde nada morre, mas sim, renasce, vive e “morre” em outro ser vivo. Cora fala de um “simbolismo vegetal” ao conectar o seu corpo material ao verde das plantas que, enraizadas sobre o seu túmulo, tornam-na eternamente viva na vida de outras vidas que nascerão a partir desse corpo transformado em substâncias capazes de nutrir outros corpos. Aqui é também importante apreciar a humildade revelada por meio dessas palavras que igualam corpos humanos aos corpos vegetais.

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Como pode-se observar neste epitáfio de Cora, é evidente a relação da poeta com a proposta ecocrítica que caracteriza a ligação de suas raízes poéticas ao meio ambiente, ou seja, a associação do seu corpo físico aos ciclos da vida que, ao se materializar, renasce em outro ser que, por sua vez, será mantido vivo e renovado no espaço natural. E é, mais uma vez, fazendo uso da metáfora que Cora traduz sua percepção de entrelaçamento com tudo que é vivo.

3.5 Rio Vermelho

Na prosa poética *Rio Vermelho*, do livro *Villa Boa de Goyaz* (2001, p. 101-103), Cora nos apresenta seu reconhecimento e gratidão pelo rio, bem como a relação que ela faz dele com a sua própria vida, tanto na infância e adolescência quanto na sua velhice. A poeta faz uma espécie de diálogo com as águas do Rio Vermelho que, aos seus olhos, quando passavam pela Casa Velha da Ponte em sua tenra juventude, eram mais lentas, podendo assim falar com

ela, contando histórias que traziam, histórias apanhadas ao longo de um percurso ignoto e desconhecido, cuja trajetória e parada são infindas.

A importância do Rio Vermelho é tão grande na formação da poeta que seu próprio pseudônimo tem nele origem: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas torna-se Cora Coralina, em outras palavras, Coração Vermelho, em alusão a esse rio ao qual ela pedia a bênção a cada manhã. Numa cidade cheia de “Anas”, Cora Coralina se distingue de todas elas, batizando-se nessas águas que tanto lhe revelaram sobre a vida.

[...] Nasci nas margens desse rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou e perfumou a flor da minha adolescência, acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia. As águas sempre correntes, sempre apressadas, quando passavam pela velha casa onde nasci, iam mais vagarosas, mais lentas e contavam-me longas e formosíssimas histórias das margens por onde andavam, dos bosques onde refletiam a verde roupagem das árvores, do ignoto donde vinham e do desconhecido para onde iam, cantando e falando e correndo sempre...

A água, para Cora, é um elemento da natureza que traz uma mensagem de vida, de purificação e de renovo. Cora se comunicava com a natureza, e parecia compreender as mensagens que as águas transmitiam a ela. Sua obra e sua vida estão assim em perfeita ligação.

[...] E eu ficava longas e compridas horas, olhando pasmada para essas águas que corriam, corriam sem nunca se deterem, sem nunca se cansarem, atenta para essas histórias de maravilhas e de sonhos que só eu ouvia.

Esse diálogo subjetivo entre Cora e a natureza nos apresenta a grande devoção e amor da poeta pelo mundo natural.

As grandes e históricas cheias do Rio Vermelho são a justificativa da origem do seu nome “Rio Vermelho”. Com as grandes chuvas, o barro que desce das encostas e serras deixa as águas do rio vermelhas e bravias.

[...] Pelas cheias, quando as chuvas lentas e monótonas fazem os dias goianos úmidos e tristonhos, a água do rio toma cor de sangue do seu nome e num coro de vozes formidandas entoa um cantochão funéreo e grave.

Cora dialoga com a natureza, e transborda sentimento pelas lembranças que as águas trazem da sua terra, da sua infância e adolescência, e mantém nela viva, a fortaleza e inspiração que as águas correntes do Rio Vermelho sempre lhes transmitiam.

[...] Meus ouvidos ouvem sempre a voz amiga, oh!, águas longínquas de minha terra, sempre a correr, sempre a cantar coleando as margens,

dormitando um instante na tranquilidade profunda do remanso, despenhando-se das pedras, vencendo as distâncias, afloradas das largas folhas de taioba e nenúfares verdes, ecoando nas noites de verão a coral sinfonia dos sapos e das rãs que moram no recôncavo das tuas pedras!..

Depois, oh!, rio, de espelhares as pontes, refletires os cais que te marginam e estreitam e as casas que te comprimem e apertam, além, já longe, amplias e cresces, bebendo sôfrego os regatos e córregos humildes que encontras no teu curso, até que, afinal, tu mesmo, grande, enorme, volumoso, entras, te ajustas, confundindo-te para sempre nas águas vastas, ermas e azuis do mais belo dos rios, do desconhecido e maravilhoso Araguaia.

Como é possível observar, Cora relata e descreve os desafios e limitações que o Rio Vermelho enfrenta em seu percurso até desaguar no grande Rio Araguaia. Esse fenômeno da natureza mostra a continuidade e as relações de interdependência da existência no meio natural. Ao se juntar a outros córregos e rios, o Rio Vermelho se eterniza nas águas correntes do Rio Araguaia, maior dos rios goianos. O Araguaia, por sua vez, desemboca no Rio Tocantins, o qual corre até o Rio Amazonas que, por fim, encontra-se com o Oceano Atlântico. O mais diminuto dos córregos segue seu curso, ainda que humilde e desconhecido, mas sem o qual a enormidade e aparente supremacia de um oceano estaria ameaçada. O que Cora retrata são os fenômenos da natureza graças aos quais a vida se torna possível, seja essa vida a de um oceano ou a do menor peixinho que habita um riacho que nutre o Rio Vermelho de Cora.

[...] Oh! Águas antigas e tranquilas! corréis, corréis e eu vendo-vos correr, ouvindo-vos cantar, fiava e desfiava sempre a teia luminosa de meus sonhos.

Oh!, águas feiticeiras, cúmplices do meu grande infortúnio lavai uma vez, na tua piedosa cheia, os sedimentos e resíduos da minha dorida amargura...

[...] Rio abaixo, ao abandono, boiou e rodou, perdendo-se para sempre, a teia emaranhada de meus sonhos mortos...

Na minha alma, hoje, também corre um rio, um longo e silencioso rio de lágrimas que meus olhos fiaram uma a uma e que há de ir subindo, subindo sempre, até afogar e submergir na tua profundez sombria a intensidade da minha dor!

Contemplando o fenômeno constante das águas do Rio Vermelho, Cora se auto desafiava e fazia planos. Cora deposita na correnteza das águas do rio, aqui também personificados, seus sonhos mortos e suas dores, e também sua esperança, sua ânsia por uma realização pessoal, renovação e cura interior das marcas profundas que sua trajetória de vida lhe deixou como legado.



Figura 17. Rio Vermelho e quintal da casa de Cora Coralina, cidade de Goiás
Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.6 As Maravilhas da Fazenda Paraíso

Em 1900, com a chegada de uma grave crise financeira, a família de Cora Coralina precisou alugar a Casa Velha da Ponte e se mudar para a Fazenda Paraíso, de propriedade do seu avô, onde morou até 1905. Essa mudança faz surgir uma nova Cora, e com ela uma poesia telúrica, enriquecida pelos elementos naturais que a cercavam. Em *As Maravilhas da Fazenda Paraíso*, do livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1996, p, 87-91), Cora deixa entrever sua profunda ligação com o natural-rural, apresentando, por exemplo, à trajetória do casal de João-de-Barro, visando garantir a manutenção e reprodução da sua espécie na natureza.

No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,
nos anos da minha adolescência,
era certa e esperada aquela comunicação anual.
A volta dos casais de João-de-Barro,
para levantar suas casinhas novas
nos galhos do grande jenipapeiro.
Raramente retocavam alguma casa velha
das muitas que resistiam pelas forquilhas.
Preferiam fazer novas. Chegavam em alarido,
gritadores alegres. Gente de casa, dizia rindo meu avô.
Era o tempo sagrado da reprodução.

Importante observar que Cora faz, constantemente, uso da personificação, de modo a dizer que a natureza, na figura do João-de-Barro, “gente de casa” – dizia o avô de Cora, é também humana, o que corrobora, como já dito neste trabalho, com a consciência das formas de vida ameríndia para as quais somos parte da natureza e não “senhores” dela. Para além disso, é relevante observar como Cora acompanhava minuciosamente cada detalhe do mundo natural e os registrava em seus versos, um trabalho minucioso e metódico, revelando assim sua enorme sensibilidade e afinidade com os fenômenos naturais, um modelo de comunicação valiosa, pois, até mesmo quem nunca presenciou um casal de João-de-Barro construindo sua morada pode visualizar e presenciar esse acontecimento ao ler as narrativas da poeta.

[...] Nada mais expressivo do que o João-de-Barro e sua
companheira
 procurarem o rego d’água, amassarem o barro com o bico
 e, com as garrinhas, voarem com as pelotas
 e darem começo à casinha, orientada para o sul,
 trazendo de começo sua divisão interna,
 a camarinha do amor onde renovavam
 e defendiam sua espécie.

Cora une poeticamente a natureza aos fenômenos que a ela garantem a (re)produção e a manutenção da vida de todos os seres que nela habitam, unidos por uma grande cadeia de ciclos naturais. Os hábitos do João-de-Barro registrados por Cora ressaltam ainda os desafios diários aos quais somos submetidos para vivermos na natureza, em harmonia, e dela cuidarmos para garantirmos a sua preservação.

[...] Vinha dos campos e da mangueira um cheiro fecundo
 de vegetais e de apoio, mugidos intercalados da vacada,
 que à tarde mansamente descia dos pastos,
 procurando a frente da fazenda.
 O terreiro rústico participava desses encantamentos.
 Naquela comunhão sagrada e rotineira, a gente se
sentia feliz
 e nem se lembrava de que não havia nenhum dinheiro
na casa.

A Fazenda Paraíso foi para Cora um espaço de novas experiências, de produção criativa, de interação com o meio natural e de um rico convívio familiar que se organizava no seu espaço sociocultural: “tínhamos o nosso universo”, diz a poeta no final deste conto.

[...] Às nove horas, vinha o almoço. Uma toalha grossa de tear
 recobria o Taboado escuro.
 Meu avô dizia curta oração. Nós o acompanhávamos

com o prato e a colher na mão.
Ele era servido, depois os pratos iam sendo deslocados
um a um, primeiro os mais velhos.

Acima, é possível observar a presença da religiosidade marcada pela oração antes de darem início à principal refeição do dia, e a hierarquia da tradição patriarcal: os mais velhos tinham seus pratos servidos primeiro.

[...] Mãe-Preta comandava a cozinha. Comia-se com vontade
e comida tão boa como aquela nunca houve em parte
alguma.
O arroz, fumaçando numa travessa imensa de louça antiga,
rescendia a pimenta de cheiro. O frango ensopado em
molho
de açafrão e cebolinha verde, e mais coentro e salsa.
O feijão saboroso, a couve com torresmos, enfarinhada
ou rasgadinha à mineira, mandioca adocicada
e farinha, ainda quentinha da torrada.

Comia-se à moda velha. Repetia-se o bocado, rapava-se
o prato.

Apesar da crise financeira em que a família se encontrava, a fartura estava presente à mesa, garantida pela própria fertilidade local: os alimentos vinham da própria fazenda.

Com um olhar saudosista, Cora narra minuciosamente momentos que viveu na Fazenda Paraíso e resgata, por meio de seus versos, sua integração mais profunda com a família e com o natural-rural, cenário de sintonia entre o social (família) e o natural (fazenda). A mesa farta, onde se encontrava diversidade de alimentos, simboliza, na perspectiva ecocrítica, a sustentabilidade e manutenção de “todas as vidas” na Terra.

3.7 Eu Voltarei

No poema *Eu Voltarei*, do *Meu livro de cordel* (2001, p.71), Cora deixa mais uma grande lição de vida e de comunhão com a natureza. A poeta plantou, para cada filho que teve, uma árvore, no intuito de assim preservar o verde para as gerações futuras. Esse gesto simbólico mostra uma mulher que em tudo esteve à frente de seu tempo, pois o Goiás onde ela viveu a maioria dos seus anos era e é até os dias de hoje um lugar de exploração, devastação e morte do verde, onde o espaço para a criação de lavouras e pastos só faz aumentar, por mais que o conhecimento sobre os males dessa devastação aumente também a cada dia; ou seja, os homens ainda não atingiram o nível de conhecimento sobre o respeito ao

verde que Cora já possuía mesmo antes de a ciência se pronunciar sobre isso de forma exaustiva, como faz na atualidade.

[...] Cada nascer de um filho
será marcado com o plantio de uma árvore simbólica.
A árvore de Paulo, a árvore de Manoel,
a árvore de Ruth, a árvore de Roseta.

Seremos alegres e estaremos sempre a cantar.
Nossas panificadoras terão feixes de trigo enfeitando
suas portas,
teremos uma fazenda e um Horto Florestal.
Plantaremos o mogno, o jacarandá,
o pau-ferro, o pau-brasil, a aroeira, o cedro.
Plantarei árvores para as gerações futuras.

Esses versos mostram, para além do respeito ao verde, o otimismo de Cora, sua fé no futuro. Com seu gesto, ela deixa um legado de pura reverência à Terra. Por meio de seus poemas e narrativas, Cora Coralina, de certa forma, acaba por trabalhar a nossa consciência sobre a importância da “Mãe Terra” em nossas vidas, bem como enfatiza e valoriza comportamentos de afeição para com a natureza, numa proposta que colabora para nossa educação ambiental. Cora mais do que compara, ela equipara o ser humano à árvore, ao mato, aos animais, bem como ao simples grão de milho.

A poeta chama a atenção de seus leitores para o valor da Terra e de seus elementos naturais, e os convida a adotarem uma postura mais ativa em defesa da valorização, preservação e continuação do espaço natural e suas espécies. É relevante refletir sobre os fenômenos apontados por Cora. Ela adverte os humanos sobre o óbvio, porém esquecido: tudo que nos cerca e que tem vida, nasce, cresce, vive, morre, porém, renasce em outras vidas.

[...] Eu voltarei...
A pedra do meu túmulo
será enfeitada de espigas de trigo
e cereais quebrados
minha oferta póstuma às formigas
que têm suas casinhas subterra
e aos pássaros cantores
que têm seus ninhos nas altas e floridas
frondes.

Eu voltarei...

Cora Coralina fala sobre sua suposta morte, quando continuará ligada aos elementos naturais, às plantações e pássaros. E ao falar que a pedra do seu túmulo será coberta por trigo e cereais quebrados como alimentos dados às formigas, é possível perceber o fenômeno do

renascimento: na natureza, o que aparentemente morre, poderá renascer em outro ser vivo. Desse modo, Cora se vê imortalizada, não necessariamente como escritora, mas, como parte da natureza.

4 LEITURA ECOCRÍTICA – 2

Segundo Janet McNew (1989)⁴⁸, dizer que Mary Oliver é uma poeta visionária da natureza é colocá-la em uma tradição poética moderna cujas influências remontam aos tradicionais românticos ingleses. Alguns dos melhores *insights* críticos sobre o lirismo mítico se concentraram nessa tradição à medida que se deslocam de Wordsworth e Keats para Yeats e Stevens, outros grandes escritores críticos como Northrop Frye, Harold Bloom, MH Abrams e Geoffrey Hartman, que enriqueceram as leituras da poesia visionária contemporânea, dando continuidade à consciência romântica. Mas essa crítica também confunde os leitores de Mary Oliver, principalmente em relação às suas ligações míticas com a natureza. As áreas de interesses desses críticos da poesia de natureza romântica geralmente envolvem limites entre o eu e a natureza, mas, também, entre alma e corpo, a consciência e a inconsciência, o sujeito e o objeto, a cultura e a natureza, a linguagem e a mutilação, a imortalidade e a morte, o poeta imaginativo e a criança imatura, bem como, a transcendência e a imanência, binarismos com os quais convivemos e aos quais estamos tão fortemente habituados que já não nos damos conta dessa maneira cartesiana, por assim dizer, de olhar o mundo.

Encontrar um lugar autêntico no padrão tradicional da poesia, ainda é, com certeza, um desafio para as mulheres poetas da atualidade, pois a condição do feminino, por si só, já abarca uma multiplicidade de perspectivas impossíveis de serem apaziguadas por uma interpretação binária.

4.1 Mary Oliver

Para McNew, a obra de Oliver possui um objetivo visionário de construir uma subjetividade que não depende da separação de um mundo de objetos. Pelo contrário, ela trata respeitosamente o sujeito em relação à natureza, modelando assim, uma espécie de identidade que não depende da oposição para uma definição. Conforme McNew, Oliver pode ser comparada com outros grandes poetas líricos americanos que também celebram a natureza, incluindo Marianne Moore, Elizabeth Bishop, Edna St. Vincent Millay, John Muir e Walt Whitman. A poesia de Oliver flutua acima e ao redor das escolas e controvérsias da poesia americana contemporânea. Sua familiaridade com o mundo natural tem um sentimento independente do romantismo do século XIX. Sua poesia é livre, considerada única e

⁴⁸ MACNEW, Janet. **Mary Oliver and the Tradition of Romantic Nature Poetry** (1989). Board of Regents of the University of Wisconsin System. Disponível em: <http://about.jstor.org/terms>. Acesso em: 10 set. 2017.

inovadora, desgarrada de quaisquer padrões pré-estabelecidos — uma característica literária que, como se viu, muito se assemelha à de Cora Coralina.

4.2 May

No poema *May*, do livro *American Primitive* (1983, p. 53), Oliver assegura que a nossa existência é um sentimento de bem-estar, ou seja, o florescimento do nosso corpo físico é capaz de iluminar em nós o que antes era escuro. Com a primavera, quando a natureza floresce, Oliver traz à imaginação o florescer do seu corpo, da sua força física — um milagre da natureza viva, que as estações e os ciclos naturais proporcionam.

May, and among the miles of leafing,
 Blossoms storm out of the darkness —
 Windflowers and moccasin flowers. The bees
 Dive into them and I too, to gather
 Their spiritual honey. Mute and meek, yet theirs
 Is the deepest certainty that this existence too —
 this sense of well-being, the flourishing
 of the physical body — rides
 near the hub of the miracle that everything
 is a part of, is as good
 as a poem or a prayer, can also make
 luminous any dark place on earth.⁴⁹

⁴⁹ Maio

Maio, e entre os quilômetros de folhas,
 florescem da escuridão —
 orquídeas aéreas e orquídeas sapatinho. As abelhas
 mergulham entre elas, e eu também, para recolher
 seu mel espiritual. Silencioso e manso, mas neles
 está a mais profunda certeza de que esta existência também —
 essa sensação de bem-estar, o florescimento
 do corpo físico — transita
 próximo ao centro do milagre onde tudo
 é uma parte, é tão bom
 quanto um poema ou uma oração, e também pode
 iluminar qualquer lugar escuro na terra. (Tradução minha)

O mergulhar nas folhas e flores traduz um gesto de comunhão com o natural, provedora do (re)nascimento e da renovação tanto física quanto espiritual, que assegura a existência e o equilíbrio da vida na Terra. Esse gesto de trazer, como num ciclo, a vida a um outro ser (sem vida), garante ao meio ambiente a continuidade de todas as espécies na natureza. Em outras palavras, é possível dizer, que na natureza nada morre, tudo milagrosamente se transforma, trazendo luz/vida a qualquer espaço escuro na terra - “make luminous any dark place on earth”. Cora Coralina também compartilha desse pensamento de Oliver, como pudemos ver anteriormente, no poema *Eu Voltarei* - “A pedra do meu túmulo será enfeitada de espigas de trigo e cereais quebrados, minha oferta póstuma às formigas [...] e aos pássaros cantores”.

4.3 Humpbacks

No fragmento do poema *Humpbacks*, do livro *American Primitive* (1983, p. 60-62), Oliver se vê no movimentar das baleias, quando se esforçam para se sobreporem à força das águas, ao se posicionarem, assim, sobre a superfície delas. Este ato faz relação com a nossa própria vida, quando nos encontramos, por várias vezes, buscando forças internas para vencermos obstáculos aparentemente superiores aos nossos esforços. Nossa agonia é ainda maior por não sabermos o momento exato da superação, na verdade sequer sabemos se sucumbiremos ou se emergiremos, mas temos, ou devemos ter, expectativas de superação, o que pode acontecer de repente, ajudando-nos a quebrarmos nossos próprios limites, e alçarmos voos mais altos que os imaginados, numa escala de força maior que nos mostrará quão fortes e capazes podemos ser.

A ilustração desse poema bem poderia ser a vida de Aninha, a Ana Lins de Goiás, que se transforma, não sem muito esforço, em Cora Coralina, que nas águas vermelhas de seu rio suplanta distâncias e limitações para atingir as águas dos oceanos que banham os continentes, o mundo, enfim.

[...] We wait, not knowing
just where it will happen; suddenly
they smash through the surface, someone begins
shouting for joy and you realize
it is yourself as they surge
upward and you see for the first time
how huge they are, as they breach,
and dive, and breach again
through the shining blue flowers
of the split water and you see them
for some unbelievable

part of a moment against the sky —
like nothing you've ever imagined — ⁵⁰

A poesia de Oliver leva à reflexão sobre os diversos caminhos que a vida pode nos oferecer, se os quisermos viver. A poeta nos mostra, no fragmento abaixo, a importância de sabermos ouvir a nós mesmos, e ao nosso corpo físico e espiritual, dedicando-nos aos nossos desejos e sonhos enquanto estamos vivos, pois nada vai nos deslumbrar mais do que os sonhos que nos encontram por meio do nosso corpo. De acordo com Oliver, até mesmo a morte física tem pressa de retornar à vida através de um outro ser, voltar “aos campos de fogo cintilante”, onde tudo, assim como a grande baleia, vibra com a musicalidade da vida.

[...] I know several lives worth living.

Listen, whatever it is you try
to do with your life, nothing will ever dazzle you
like the dreams of your body.

its spirit
longing to fly while the dead-weight bones

toss their dark mane and hurry
back into the fields of glittering fire

where everything,
even the great whale,
throbs with song.⁵¹

⁵⁰ **Jubartes**

[...] Nós esperamos, sem saber
exatamente onde isso vai acontecer; de repente
elas rompem a superfície, alguém começa
gritando de alegria, e você percebe
é você mesmo que surge ali com elas
para cima, e você vê pela primeira vez
quão enormes elas são, enquanto elas insistem
e mergulham, e mergulham novamente
entre as brilhantes flores azuis
na água dividida, você as vê
de forma inacreditável
parte de um momento que em oposição ao céu —
como algo que você nunca havia imaginado — (Tradução minha)

⁵¹ Eu conheço várias vidas que valem a pena viver.

Ouçã, seja o que quer que você tente
fazer com a sua vida, nada vai deslumbrá-lo
como os sonhos do seu corpo.

seu espírito
anseia voar, enquanto o peso morto dos seus ossos

jogam sua crina escura, e voltam rapidamente

Por meio de sua imaginação, Oliver se sente capaz de se transformar em outros seres vivos da natureza, mudar de espaço e, desse modo, se inserir em outras vidas e identidades não humanas, lembrando, mais uma vez, as cosmologias ameríndias, nas quais tal capacidade é atribuída aos xamãs. Aqui há mais uma conexão entre as escritas das poetas em foco.

Vejamos mais um fragmento do poema *Humpbacks*, do livro *American Primitive* (1983, p. 60-62):

[...]The sky, after all, stops at nothing, so something
has to be holding
our bodies
in its rich and timeless stables or else
we would fly away.⁵²

4.4 I Own a House

No conto, *I Own a House*, do livro *Swan* (2010, p. 38), Oliver relata fenômenos que ocorrem no verão, como o movimento e formação das nuvens no céu. Sua percepção vê nas nuvens uma tradução da fisionomia humana. Ela nos fala também sobre sua percepção ao observar os pinheiros, considerados por ela astutos e ambiciosos, bem como fala do tordo que alça voo e dança no ar. A poeta considera todos esses fenômenos como parte do seu mundo. Percebi em Oliver, assim como em Cora, o uso frequente da personificação como modo de expressar essa conexão do humano ao não humano, desfazendo, assim, a partição tão frequente entre sujeito e objeto.

Os fortes movimentos da vida descritos por Oliver contrastam com um desejo de silêncio, quietude e paz, aquela paz de nada ter, como ela afirma ao desejar ser como a solitária grama.

I own a house, small but comfortable. In it is a bed, a desk, a kitchen, a closet, a telephone. And so forth — you know how it is: things collect.

para os campos de fogo cintilante

onde tudo,
até mesmo a grande baleia,
dança com a música. (Tradução minha)

⁵² [...] O céu, sobretudo, se congela no nada, então, algo
tem que estar segurando

nossos corpos
em seus estábulos ricos e atemporais ou, assim,
nós voaríamos para longe. (Tradução minha)

Outside the summer clouds are drifting by, all them with vague and beautiful faces. And there are the pines that bush out spicy and ambitious, although they do not even know their names. And there is the mockingbird; over and over he rises from his thorn-tree and dances — he actually dances, in the air. And there are days I wish I owned nothing, like the grass.⁵³

4.5 In Black Water Woods

Em *In Black Water Woods*, do livro *American Primitive* (1983, p. 82), Oliver codifica sua aceitação visionária das verdades imanentes dos ciclos naturais. Na sua subjetividade, Oliver relata sobre a dança das árvores como corpos que “dançam” e exalam fragrância e otimismo. Mais uma vez o recurso à personificação se faz presente. Uma voz poética sensível e quase sobrenatural que reflete sobre a fileira de taboas ao longo da margem do lago azul a conduzia todos os anos às planícies e ao perdido lago negro. Do outro lado desse lago estaria a salvação, cujo significado nenhum de nós, terrenos, saberá.

Look, the tree
are turning
their own bodies
into pillars

of light,
are giving off the rich
fragrance of cinnamon
and fulfillment,

the long tapers
of cattails
are bursting and floating away over
the blue shoulders

of the ponds,
and every pond,
no matter what its
name is, is

nameless now,
Every year
everything
I have ever learned

⁵³ **Eu Tenho uma Casa**

Eu tenho uma casa pequena, mas confortável. Nela há uma cama, uma escrivaninha, uma cozinha, um armário, um telefone. E assim por diante — você sabe como é: as coisas se acumulam.

Quando não é verão, as nuvens ficam à deriva, todas elas como rostos vagos e bonitos. E há os pinheiros que são ásperos e ambiciosos, embora nem sequer saibam seus nomes. E há o tordo; mais e mais ele se levanta de seu espinheiro e dança — ele realmente dança no ar. E há dias que eu gostaria de não ter nada, como a grama. (Tradução minha)

in my lifetime
 leads back to this: the fires
 and the black river of loss
 whose other side

is salvation,
 whose meaning
 none of us will ever know.⁵⁴

Segundo a autora, a natureza e seus elementos podem nos mostrar caminhos e nos conduzir para outras dimensões, onde, talvez, encontraremos respostas para nossos dilemas e anseios mais profundos, aqueles, com os quais, numa vida desconectada da natureza, nem mesmo chegamos a ter consciência, mas com os quais convivemos, muitas vezes com alguma dor inaudita.

Para a poeta, a grande sabedoria desta vida é a possibilidade de nos amarmos uns aos outros, sendo também necessário aceitarmos que chegará o momento de deixarmos partir aqueles que amamos. Pode-se alcançar sossego na aceitação de que todos nós, seres vivos,

⁵⁴ Nas Águas Negras do Bosque

Olhe, a árvore
 Está transformando
 seus próprios corpos
 em pilares

de luz,
 estão emitindo as ricas
 fragrâncias de canela
 e realização,

o longo afunilamento
 de taboas
 está se abrindo e flutuando sobre
 os ombros azuis

das lagoas,
 e cada lagoa,
 não importa qual seja o seu nome, é

sem nome agora,
 Todo ano
 tudo
 que eu aprendi

na minha vida
 me leva de volta à isso: ao fogo
 e ao rio negro da perda
 cujo outro lado

é salvação,
 cujo significado
 nenhum de nós jamais saberá. (Tradução minha)

temos um ciclo natural que será cumprido de acordo com cada propósito preestabelecido pelo mundo físico e espiritual.

To live in this world

you must be able
to do three things:
to love what is mortal;
to hold it

against your bones knowing
your own life depends on it;
and, when the time comes to let it go,
to let it go.⁵⁵

4.6 A Poem for Blue Heron

Oliver também relata sobre situações de necessidade, sobrevivência e limitação. Em *A Poem for Blue Heron*, da obra *American Primitive* (1983, p. 32-33), a poeta descreve o final do mês de novembro, a chegada de mais uma estação de frio e neve, a trajetória da garça azul que percebe que, para sobreviver, será necessário fugir do frio e voar para o sul. Chega uma nova estação, um novo ciclo da natureza que descansará para após o descanso se renovar. Com a mudança de estação, a garça azul, em íntima conexão com a natureza, recebe um desafio, um novo ciclo de vida, um novo caminho a trilhar.

1
Now the blue heron
wades the cold ponds
of November.

⁵⁵ Para viver neste mundo,

você deve ser capaz
de fazer três coisas:
amar o que é mortal;
segurá-lo

contra seus ossos, sabendo
que sua própria vida depende disso;
E, quando chegar a hora de deixa-lo ir,
deixá-lo ir. (Tradução minha)

In the gray light his hunched shoulders
are also gray.

He finds scant food—a few
numbed breathers under
a rind of mud.

When the water he walks in begins
turning to fire, clutching itself to itself
like dark flames, hardening,
he remembers.

Winter.

3
Toward evening
the heron lifts his long wings
leisurely and rows forward

into flight. He
has made his decision: the South
is swirling with clouds, but somewhere,
fibrous with leaves and swamplands,
is a cave he can hide in
and live.⁵⁶

⁵⁶ **Um Poema para a Garça Azul**

1

Agora a garça azul
vadeia nas lagoas frias
de novembro.

Na luz cinzenta, seus ombros curvados
também são cinzentos.

Ela encontra a comida escassa —
narinas congeladas sob
uma camada fria de lama.

Quando a água em que ela caminha começa
a se transformar em fogo, agarrando-se a si mesmo
como chamas escuras, endurecendo,
ela se lembra.

Inverno.

3

No final da tarde,
a garça levanta suas longas asas
e segue em frente

voando. Ela
tomou sua decisão: o Sul
está nublado, mas em algum lugar,
fibroso com folhas e pântanos,
há uma caverna na qual ela poderá se esconder
e viver. (Tradução minha)

Pelas lagoas frias e parcialmente congeladas do mês de novembro, a garça azul caminha sob a luz do dia, já fosca e acinzentada, que reflete nos seus ombros curvados, deixando entrever na imagem da garça certa preocupação. A comida se torna escassa, suas narinas estão em parte cobertas e anestesiadas pela lama congelante. A água aos poucos vai se tornando gelo, que gruda e queima como fogo, e, nesse cenário, a garça azul percebe que o inverno chegou mais uma vez — é hora de mudança. Fenômenos da natureza como o descrito aqui podem ser relacionados à vida humana e às suas etapas que podem ser chamadas de ciclos, que são como desafios necessários para novos enfrentamentos e conquistas que, quase sempre, exigem de nós sabedoria, força e coragem.

4.7 Cold Poem

No mesmo livro, *American Primitive* (1983), Oliver caracteriza o inverno, em *Cold Poem* (p. 31), como uma oportunidade de refletirmos sobre o real conceito de amor, e compreendermos melhor a nós mesmos.

[...]Maybe what cold is, is the time
we measure the love we have always had, secretly,
for our own bones, the hard knife-edged love
for the warm river of the I, beyond all else; maybe

that is what it means, the beauty
of the blue shark cruising toward the tumbling seals.⁵⁷

Segundo Oliver, a estação do frio talvez seja o tempo de mensurarmos o amor próprio, que para o nosso corpo é comparado ao duro *knife-edged love* [Amor afiado a faca], ou seja, a um amor cortante, que pode nos tornar reclusos e individualistas. Para o *warm river of the I* [Rio quente do eu], conforme diz a poeta, o amor pode ser comparado ao ato de presenciar um tubarão azul nadando na direção de focas acrobatas, ou seja, um amor devorador.

[...] In the season of snow,
in the immeasurable cold,
we grow cruel but honest; we keep

⁵⁷ Poema Frio

Mas talvez no frio seja a hora
de medirmos o amor que sempre tivemos, secretamente,
por nós mesmos, o duro amor afiado a faca
pelo rio quente do eu, acima de tudo; talvez

seja o significado da beleza
do tubarão azul nadando em direção às focas acrobáticas. (Tradução minha)

ourselves alive,
 if we can, taking one after another
 the necessary bodies of others, the many
 crushed red flowers.⁵⁸

O inverno é a estação do tenebroso frio norte-americano, na qual os seres se tornam mais cruéis, porém, honestos, pois, na tentativa de permanecerem vivos, buscam sua autoproteção. Em síntese, eu diria que esse comportamento um tanto egoísta é, ao mesmo tempo, uma autoproteção que nos remete a atitudes naturais do nosso instinto de sobrevivência na terra.

4.8 The Turtle

Segundo a cultura xamânica⁵⁹ dos índios norte-americanos, a tartaruga simboliza a estabilidade, a organização, a longevidade, a honra, a paciência e a sabedoria, e está associada à Mãe-Terra, sendo o símbolo mais antigo do planeta Terra. No fragmento do poema *The Turtle* da obra *New and Selected Poems* (1992, p. 123-124), em franco diálogo com essa cultura, Oliver nos mostra a figura da tartaruga, que está sempre focada no seu papel frente à natureza.

[...] of her patience, her fortitude,
 her determination to complete
 what she was born to do —
 and then you realize a greater thing —
 she doesn't consider
 what she was born to do.
 She's only filled
 with an old blind wish.
 It isn't even hers but came to her
 in the rain or the soft wind,
 which is a gate through which her life keeps walking.

She can't see
 herself apart from the rest of the world
 or the world from what she must do

⁵⁸ Na estação da neve,
 no imensurável frio,
 nos tornamos cruéis, porém, honestos; Nós nos mantemos
 vivos,
 se pudermos, agarrando um após o outro
 os corpos necessários, as muitas
 flores vermelhas esmagadas. (Tradução minha)

⁵⁹ LENDA viva. **Xamanismo**. Disponível em: <http://www.lendaviva.com.br/site/xamanismo.html>. Acesso em: 18 dez. 2018, às 23h.

every spring.
 Crawling up the high hill,
 luminous under the sand that has packed against her skin.
 she doesn't dream
 she knows

she is a part of the pond she lives in,
 the tall trees are her children,
 the birds that swim above her
 are tied to her by an unbreakable string.⁶⁰

A tartaruga vive e revive seus ciclos, por meio dos quais ela garante a continuidade da sua espécie. Sua caminhada segue em equilíbrio entre o movimento e o repouso. Ela tem consciência de que é parte daquela natureza, de onde ela nunca sairá, e ali ela vive sem pressa, cumprindo o papel que a ela foi dado.

Esse fenômeno representado pela tartaruga pode nos conscientizar em relação a nossa postura diante da natureza. Muitas vezes, prenhes de vaidade, desejamos para nós um papel que nos immortalize como individualidade, enquanto a Terra e a vida que nela habita em nada será maior, em nada será beneficiada por essa vaidade, por esse desejo de projeção individualizada. Bem ao contrário, apenas conscientes da necessidade de conexão com o todo e desprovidos de soberba quanto a nossa individualidade corpórea poderemos deixar fluir o amor cantado nos poemas de Cora e de Oliver.

⁶⁰ A Tartaruga

[...] sobre sua paciência, sua fortaleza,
 sua determinação para completar
 o que ela nasceu para fazer —
 e então você percebe algo grandioso —
 ela não tem em mente
 o que ela nasceu para fazer.
 Ela só está cheia
 de um antigo desejo cego.
 não é nem dela, mas foi designado a ela
 na chuva ou no vento suave,
 que é um portão pelo qual sua vida continua existindo

Ela não pode se enxergar
 para além do resto do mundo
 ou daquele mundo que ela precisa criar
 toda primavera.
 Subindo a alta colina,
 iluminada sob a areia que se acumulou na sua pele.
 ela não sonha
 ela sabe

ela é uma parte da lagoa em que vive,
 os arbustos são seus filhos,
 os pássaros que nadam sobre ela
 estão ligados a ela por um laço indestrutível. (Tradução minha)

5 DIALOGANDO COM AS POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS POETAS

Partindo dos pressupostos da ecocrítica, é possível observar que a relação das autoras Cora Coralina e Mary Oliver com o espaço natural revela uma proposta de comunicação e interação com o espaço natural, uma percepção poética do ambiente, a qual se une e dialoga com a alteridade, ou seja, as autoras louvam a comunhão entre os seres, sejam eles humanos ou não, demonstrando, com seus escritos, o valor imenso da natureza para nossas vidas. Essa relação que as autoras constroem entre os seres, revelam também o nosso pernicioso hábito de olharmos o ambiente natural apenas como um campo a ser explorado.

Para Cora, a Terra é fonte de sobrevivência e de resistência para os seres que nela nascem, vivem e descansam no final de seus ciclos naturais. A poeta revela a Terra como um corpo vivo, e expressa a sua própria voz por meio dos “corpos” que nela habitam, sejam esses corpos os rios, riachos, oceanos, as árvores, as eras, as plantas com que os animais se nutrem, ou os próprios animais, humanos ou não humanos. Tudo vive em constante transformação, sustentando movimentos e evoluções constantes. O que seduz e inspira a poeta de Goiás é o movimento, é a mudança. Em suma, na metáfora da transformação da pedra estática em poesia, coisa etérea e viajante, temos no poema *Das Pedras*, da obra *Meu livro de cordel* (1996, p. 11), um retrato do trabalho de Cora com as palavras, numa exaltação à mudança, ao necessário enfrentamento dos percalços da vida, sempre lembrando que a transformação nem sempre é suave ou fácil:

[...] Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras
cresceu a minha poesia
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.

Oliver traz no poema *Bone Poem*, da obra *Twelve Moons* (1979), republicada em *New and Selected Poems* (1992, p. 195), exemplos surpreendentes da sua visão sobre o movimento de ciclos naturais e as transformações que os seres vivos passam com o fenômeno da morte física. A poeta relata sobre os restos de alimentos, muitas vezes ossos de animais, que a coruja deixa cair ao se alimentar. Esses restos, ao se fundirem com o solo, vão sendo lentamente absorvidos pela natureza, que mais tarde dará vida a outros seres, tornando-os novamente vivos, como num ciclo natural de retorno à vida, um processo possível de “reencarnação”, que a qualquer momento dará vida, por meio do verde das folhas, a gaiivotas e ratos, que em outro animal poderá voar. E a coruja, que antes devorava, possivelmente poderá ser devorada.

The little under the tree
Where the owl eats — shrapnel

Of rat bones, gull debris —
Sinks into the wet leaves

Where time sits with her slow spoon,
Where we become singular, and a quickening

From light-years away
Saves and maintains. O holy

Protein, o hallowed lime,
O precious clay!

Tossed under the tree
The cracked bones

Of the owl's most recent feast
Lean like shipwreck, starting

The long fall back to the center —
The seepage, the flowing,

The equity: sooner or late
In the shimmering leaves

The rat will learn to fly, the owl
Will be devoured.⁶¹

⁶¹ **Poema Osso**

O resto sob a árvore
Onde a coruja come — estilhaço

De ossos de rato, detritos de gaiivota —
Mergulham nas folhas molhadas

Onde o tempo fica com sua colher lenta,
Onde nos tornamos singulares, e uma aceleração

Para ambas as poetas, na natureza nada pode morrer, e essa visão de imortalidade natural exige de nós a libertação de qualquer crença limitante sobre a nossa vida após a morte. As autoras nos unem aos ciclos naturais da Terra que, para elas, estão relacionados à renovação espiritual e física — morrer seria renascer em outro ser, é recomeçar um novo ciclo. As poetas parecem encontrar conforto e felicidade no seu desejo de poderem se transformar em outras vidas, se materializar na natureza, em um gesto de comunhão natural com a Terra.

A natureza e seus ciclos intermináveis de nascimento e morte estão muito presentes na obra das duas poetas em foco neste trabalho. Nos poemas de Oliver, observei claramente os ciclos das estações, os meses do ano, os animais, entre outros elementos da natureza, que numa proposta de renovação física e espiritual estão em constante mutação. Os ciclos naturais, que para os românticos costumam simbolizar armadilhas e prisões, para Oliver são considerados edificadores, pois é a partir dos restos dos corpos outrora vivos que a vida, maior que qualquer individualidade viva, continuará possível por meio da transição e da transformação física e, nesse entendimento, por que não dizer, espiritual.

Para Cora, a natureza atua como um registro de memórias, de evocação e de lembranças do passado. Tais lembranças foram surgindo como fonte de inspiração de seus poemas ao longo da sua trajetória de vida. Em consonância com seu respeito à natureza e com sua percepção de que a espécie humana é apenas uma parte desse todo, e de que, como espécie, devemos nos conectar com amor e devoção ao espaço natural. Cora, em vários

De anos-luz de distância
Salva e mantém. Oh Santa

Proteína, o santificado cal,
O precioso barro!

Jogado sob a árvore
Os ossos quebrados

Do banquete mais recente da coruja
Inclina-se como um naufrágio, começando

A longa volta ao centro —
O fluxo, suave,

A equidade: mais cedo ou mais tarde
Nas folhas brilhantes

O rato aprenderá a voar, e a coruja
Será devorada. (Tradução minha)

momentos de sua escrita, também faz denúncias sociais numa luta pessoal a favor do respeito e igualdade entre os seres, sejam eles humanos ou não humanos.

A exemplo disso, posso citar aqui a figura emblemática de “Maria Grampinho”, uma senhora cuja origem ninguém sabe, mas que passou a compor o cenário da cidade de Goiás, sendo, porém, por muitos, sempre posicionada às margens da sociedade, sofrendo preconceitos por ser “diferente” dos padrões sociais pré-estabelecidos — sua desigualdade não é aceita por uma sociedade que pretende igualar a todos, seja no modo de falar, de pensar, de se vestir ou de morar. Maria Grampinho, andarilha considerada louca por muitos, goza da amizade e consideração daquela que sabe olhar a alteridade sem lhe querer igual, aceitando-a justamente por ser diferente.

Cora, na sua profunda sensibilidade, adotou Maria Grampinho como sendo um membro de sua família, e deu a ela um lar físico e, por que não dizer, emocional. No porão da Casa Velha da Ponte onde a Maria “de muitas Marias” escolheu viver quando lhe aprazia, ela encontrou liberdade, abrigo e afeto. Tal atitude vem ao encontro do que foi dito anteriormente a respeito das lutas e denúncias sociais que Cora projeta por meio dos seus versos, em prol de uma sociedade mais humana, igualitária e consciente da sua real condição humana na Terra — somos todos igualmente dignos de amor e de confortos mínimos, imprescindíveis à vida menos sofrida.

Do livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1996, p. 39), segue abaixo o poema *Coisas de Goiás: Maria*, que Cora fez em homenagem à Maria Grampinho:

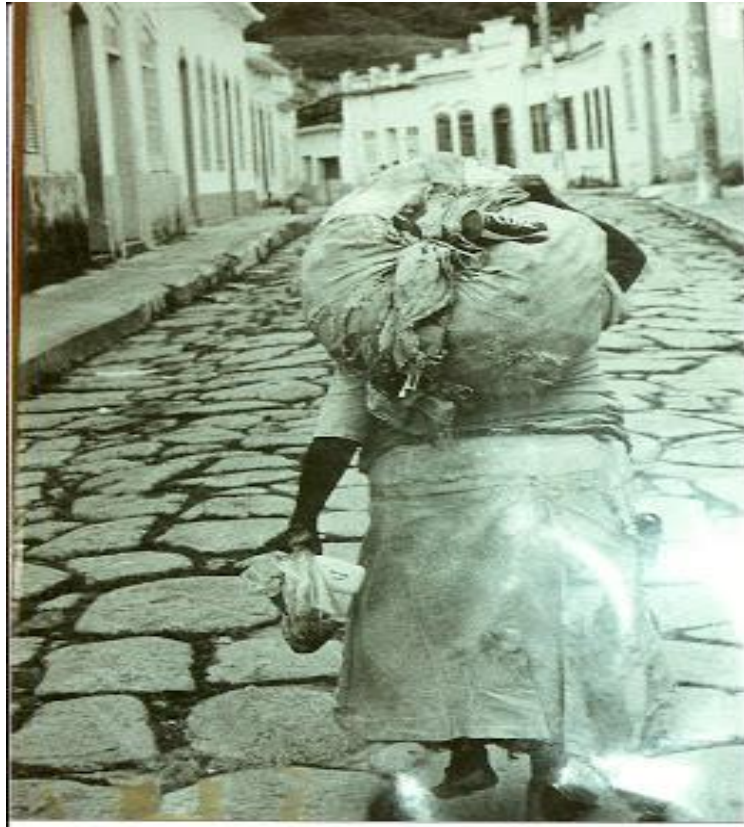


Figura 18. Maria Grampinho pelas ruas de Goiás

Fonte: Disponível em: <http://studiodezzign.blogspot.com/2010/11/maria-grampinho.html>.

Acesso em: 11 jan. 2019, às 14h15.

Maria das muitas que rolam pelo mundo.
Maria pobre. Não tem casa nem morada.
Vive como quer.
Tem seu mundo e suas vaidades. Suas trouxas e seus
botões.
Seus haveres. Trougha de pano na cabeça.
Pedaços, sobras, retalhada.
Centenas de botões, desusados, coloridos, madre pérola,
louça,
vidro, plástico, variados, pregados em tiras pendentes.
Enfeitando. Mostruário.
Tem mais, uns caídos, bambinelas, enfeites, argolas,
coisas dela.

[...] Maria grampinho, diz a gente da cidade.
Maria sete saias, diz a gente impiedosa da cidade.
Maria. Companheira certa e compulsada.
Inquilina da Casa Velha da Ponte.
Digo mal. Usucapião tem ela, só de meu tempo,
vinte e seis anos.

Maria Grampinho se tornou uma figura folclórica da cidade de Goiás e, atualmente, é personagem de músicas, filmes e peças teatrais em todo Brasil, acompanhada por Cora e as

“estórias” de vida que passaram juntas na Casa Velha da Ponte. Maria foi eternizada também na figura de bonecas de pano, cujo artesanato é vendido hoje nas lojas de lembranças da cidade.



Figura 19. Boneca de pano inspirada em Maria Grampinho

Fonte: Disponível em: <http://laboratorioart.blogspot.com/2015/02/maria-grampinho-e-outras-marias.html>. Acesso em: 11 jan. 2019, às 14h15.

Por sua vez, Oliver fala de suas dificuldades em se aproximar do outro, seja esse “outro” parte das minorias ou não. Vale ressaltar aqui um comportamento bastante afetivo de Oliver em relação à sua companheira Cook. Quando em fase terminal do câncer, sua companheira foi cuidada, pessoalmente, por Oliver, pois a poeta não aceitou que ela fosse levada para uma *nursing home* [lugar onde se cuidam de enfermos], como é de costume na cultura dos norte-americanos. “Even when Molly got ill, [...]. They wanted to take her off to a nursing home, and I said: “absolutelt not”. I took her home”, diz a poeta na entrevista aqui estudada. Nossa ancestralidade múltipla que se mistura aos indígenas, africanos e europeus tem como traços culturais o apego e a admiração ao próximo. Os povos de cultura nórdica, como é o caso dos norte-americanos, costumam manter um certo distanciamento do outro, cuja condição de saúde/doença esteja diferenciada.

Nos escritos de Oliver, vê-se a natureza nos proporcionando uma visão profunda das verdades espirituais, uma manifestação, uma realidade maior do mundo natural. Oliver se preocupa em desfazer o dualismo sujeito/objeto. O tema de sua poesia é sempre evidente, sua escrita é límpida, seu leitor sempre sabe, ou pelo menos tem a impressão de saber, o que está sendo dito. Ou seja, Oliver afasta-se de uma linguagem por vezes cara aos poetas, em que vigoram simbolismos e arcaísmos; seus significados são, no mais das vezes, claros, numa poesia atenta ao que realmente ela é, o que nos permite compreender o que pode estar presente em sua escrita, mesmo estando um degrau acima do nosso nível de conhecimento.

A postura crítica aos binarismos assumida por Oliver, portanto, envolve a construção de uma subjetividade que não depende exclusivamente de um mundo de objetos. Ao contrário, ela respeita o ser humano em suas relações com a natureza e seus elementos, como parte dela, em negação à supremacia de um (humano) sobre o outro (a natureza), construindo, assim, uma espécie de identidade que não depende de uma oposição entre ambos para defini-la. Eis aí mais um ponto de encontro entre as poetas.

Pode-se aprender com Cora Coralina e Mary Oliver a viver, a preservar, a respeitar e a usufruir da natureza conforme nos é permitido fazê-lo, pois ambas estabelecem uma relação respeitosa e humilde entre a espécie humana, a natureza, seus elementos e seus ciclos naturais. As poetas dialogam com a natureza de forma semelhante, e sabem tirar dela além do próprio sustento, força e renovação física, emocional e espiritual. No entanto, é possível apontar aqui alguns pontos de divergências, sobre os quais passarei a discorrer, ainda que brevemente.

É importante ressaltar o quanto Cora Coralina se entregava para os acontecimentos e oportunidades, bem como ao seu desejo de conquistar o mundo. Cora saiu da pequena cidade de Goiás para conhecer o desconhecido e viver com seu companheiro em outro estado, sem se casar, numa época em que os preconceitos relacionados a essa condição eram grandes. “Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. Andei por mundos ignotos e cavalei o corcel branco do sonho”, diz a poeta em *Estórias da Casa Velha da Ponte* (2014, p. 8).

Por sua vez, Oliver apesar de ser um pouco revolucionária ao assumir um relacionamento homossexual com Cook, se esconde por anos, e ao se manter escondida, ela não enfrenta nem desafia o mundo e seus traumas. Oliver só passou a viver mais aberta ao convívio social depois da morte da sua companheira. Atualmente, morando na Florida, a poeta tem buscado ser mais aberta consigo mesma e com o mundo. Até então, Oliver sempre teve um comportamento recluso e solitário, e se relacionava apenas com a natureza e seus elementos, e muito raramente com seus vizinhos mais íntimos, como pescadores, o vendedor

da banca de jornal, e o dono da padaria mais próxima. Cora, ao contrário, se relaciona com a cidade, fala do mundo, das prostitutas, das lavadeiras, dos escravos, do trabalhador da terra, das crianças, dos becos e das ruas de Goiás. A poesia de Cora dá voz ao povo goiano, e representa seus anseios, desejos e sonhos, numa soma de objetivos pessoais, que se transformam em denúncias de uma sociedade dividida em classes, onde as minorias ficam às margens, sem voz e sem vez.

Em Cora, a denúncia é clara e direta. Em Oliver, a denúncia acontece de forma enviesada, na interpretação de seu silêncio e reclusão, levando o leitor a se perguntar de onde terá vindo tamanho desejo de solidão.

Oliver só muito tardiamente “consegue se libertar” para claramente denunciar as agressões sofridas. Desse modo, seus poemas apesar de mostrarem conexão e amor ao ambiente natural, diferem em muito dos poemas de Cora na ausência de entusiasmo, na ausência da perspectiva sempre otimista de Cora, que empresta sua voz aos menos afortunados e cujas denúncias sociais das tristezas que a cercam são antes de tudo esperança de mudança, demonstração de fé na vida e, porque não dizer, até mesmo na possibilidade de mudança do ser humano, ou seja, Cora demonstra ter confiança na educação de crianças e, por que não dizer, na educação de adultos. Talvez aí nesse contraste de suas próprias vidas e de seus “diferentes solos e contextos” esteja a maior divergência entre a obra de uma e de outra poeta.

Tanto Cora quanto Oliver possuem, como já foi dito, uma linguagem clara, simples, seus versos são brancos e livres, ambas se afastam de preocupações com a estética. As autoras afirmam que simplesmente começaram a escrever da melhor forma que puderam, sem se preocuparem com padrões literários pré-estabelecidos. Oliver se considera mais uma repórter do que uma escritora. Por sua vez, Cora se considera uma doceira por profissão e poeta do acaso, a voz das minorias.

Ambas as poetisas se apropriam com frequência de metáforas e personificações em seus escritos. Quanto à temática, Cora é comprometida, além dos temas voltados à natureza, às questões e problemas sociais dos marginalizados social e economicamente, como já se falou exaustivamente aqui. Cora usa sua poesia para lutar pela igualdade e a ética entre humanos, entre humanos e não humanos, e humanos e a natureza. Por meio de uma linguagem quase sempre metafórica e rica em vocábulos típicos de sua região, faz uma viagem em memórias e traz à tona as “estórias” e denúncias de cada contexto sociohistórico que a cercava, preocupando-se em transferir a verdadeira essência do seu contexto.

Pude ainda observar nos textos de ambas as poetisas, tanto nas poemas quanto nos contos (e prosas poéticas), a presença da “quebra de linha”, que Oliver denomina como *line breaks*. Para Oliver, as quebras de linhas trazem palavras que ajudam o leitor a se aproximar ao máximo da leitura original do poema, como se fosse a leitura da própria poeta, “[...] it is different, but not too different if I’ve done a good job with the poems, with the words I use, the line breaks”, diz Oliver na entrevista aqui analisada.

Ambas possuem uma poesia telúrica, ou seja, uma poesia que faz reverência à natureza e aos seus fenômenos. Como destaquei, Cora usa seus versos para dar voz aos esquecidos, e Oliver, por sua vez, espera deixar à sociedade um legado, e diz que seu valor literário está ligado à tentativa de fazer as pessoas compreenderem a Terra – “If I have any lasting worth, it will be because I have tried to make people remember what the Earth is meant to look like”, diz a poeta, ainda, na mesma entrevista.

No que tange ao reconhecimento literário pela sociedade, é possível supor que Cora se preocupava em alcançar o seu reconhecimento, fato que a levou a usar um pseudônimo, talvez, para não correr o risco de atribuir os seus versos a outra Ana da cidade. Como se disse, havia inúmeras “Anas” em Goiás, assim batizadas em honra à padroeira da cidade, Sant’Ana.

Oliver, ao contrário, preferiu o isolamento e o anonimato, e procurou dissociar sua pessoa da sua obra. Ela se fecha aos estranhos. Apesar de ter uma boa relação com pessoas mais próximas, como o pescador, o jornaleiro e o padeiro, a poeta prefere não abrir a sua vida pessoal e as portas de sua casa para estranhos e para a mídia, em geral.

E curioso observar que ambas, por volta dos 75 anos de idade, têm suas vidas marcadas por conquistas importantes. Cora, aos 76 anos, publica o seu primeiro livro, isso após retornar à Casa Velha da Ponte, e Oliver, por sua vez, aos 75 anos, após a morte de sua companheira, se sente mais liberta e apta para escrever e falar sobre temas de cunho pessoal, bem como a se abrir mais para a mídia e a crítica. Ela, finalmente, após mais de cinquenta anos “trancada” em Provincetown, consegue “destravar” as portas da sua casa, diz a poeta.

Cora tem uma poesia autobiográfica, apesar de dar voz ao outro e às questões sociais. Oliver, em contraposição, evita relacionar seus poemas a temas pessoais, pois acredita que a poesia não pode ser vista como uma terapia ou remédio. Ela diz, na entrevista para Shriver, que escreve almejando entreter e trazer prazer às pessoas, e não para expor seus problemas, - “I want to write poems that will comfort, maybe amuse, enliven other people”.

As poetisas se divergem, talvez não por acaso, na maneira como traduzem em palavras aquilo que lhes inspiram: para uma, a vida é força, otimismo. Essa é Cora, vermelha, toda coração. Para Oliver, ainda que a vida se traduza em um eterno recomeçar, transparece, em

seus versos uma posição tímida e solitária, de mera observadora dos acontecimentos. Ilustrando aqui numa metáfora das cores, é possível falar que em Cora há o amarelo do sol enquanto em Oliver percebemos uma acentuada cor cinza, certamente pelo peso do trauma tão tardiamente trabalhado na terapia. Mas esse cinza, por vezes, vem iluminado por reflexos de luz. Poesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco, nessas considerações finais e como direcionamento central desta pesquisa, a relação das poetisas Cora Coralina e Mary Oliver com a proposta dos estudos ecocríticos.

Cora apresenta-nos a natureza como base da vida e da morte, cenário de memórias, inspirações, renovação, devoção e fonte de sustento de todos os seres que nela vivem e que, com os ciclos naturais, se renovam.

Cora, mulher forte, capaz de remover pedras, sejam essas pedras metáforas que representam o peso do preconceito enfrentado por sua condição feminina num mundo em que, no mais das vezes, só se confere valor àquelas que possuem beleza física — e é Cora mesmo quem nega possuir tal beleza —, sejam tais pedras o peso da missão auto atribuída de olhar (por puro amor) para aqueles que ninguém ousa enxergar: as prostitutas anemiadas, as crianças que trabalham, o burro que arrasta uma carga maior do que poderia suportar, a florzinha que nasce na fresta fétida de algum beco de Goiás, enfim, Cora que projeta Goiás para o mundo, recoloca sua cidade — antiga capital do estado, em posição de ser olhada, amada e estudada a partir de suas lentes tão capazes de fazer nascer em seus leitores um afeto já quase esquecido entre nós: a compaixão, sem esquecer que essa compaixão inclui todo e qualquer elemento natural, o que vai muito além da cidade de Goiás.

Oliver, por sua vez, apresenta-nos a natureza como um espaço de renovação espiritual e física, a fonte de vida, subsistência, e de inspiração poética diária, hábito que a poeta começou a desenvolver logo após a agressão sexual sofrida por parte do pai, como uma estratégia de fuga à violência, fortalecimento adquirido por meio da arte criativa de escrever poesia, trazendo-lhe, assim, equilíbrio pessoal.

Foi caminhando pela floresta que Oliver desenvolveu um método que se tornou a marca registrada de sua poesia; a autora procura combinar o espiritual com o concreto. O renascer, para ela, não é meramente espiritual, mas intensamente físico. Segundo Oliver, devemos observar o mundo natural ao nosso redor, pois ele sempre vai nos dizer alguma coisa que precisamos saber. Desse modo, ela nos apresenta um mundo de assimilações míticas, e enfatiza sua capacidade de transpor fronteiras para definir a nossa própria capacidade de criar.

Oliver, assim como Cora, enfatiza o nascimento e a vida, e essa sensibilidade feminina é vista com maior clareza na celebração da vida física, comum à natureza humana e não humana. Talvez seja possível identificar neste estudo uma postura ecofeminista e um olhar idealizador da figura feminina frente à natureza, pois os contos e poemas aqui estudados

ajudam-nos a pensar sobre a consciência da mulher em seu poder sobre a continuidade da vida humana, na correlação de tudo isso com o meio ambiente e, embora não haja uma indicação precisa do gênero do narrador e do eu lírico nas obras analisadas, considero que tais obras são vistas como *woman-identified*, ou seja, são marcadas por traços da figura feminina, em sua relação (e até comparação) com a natureza, porém, não são conceituados, pelo menos por esta pesquisa, como sendo de caráter feminista, no que tange à política e à visão feminista radical, mas sim, são textos repletos de uma sensibilidade feminina.

Como pude constatar no decorrer desta pesquisa, a notável relação de cumplicidade, respeito e devoção de Cora Coralina e de Mary Oliver para com a natureza, leva-nos a um ambiente de reflexão, de gratidão, de conscientização e de denúncias sociais, em um viés de caráter interdisciplinar, que pode se tornar um grande aliado ao atual processo global de educação ambiental e, por que não dizer, de educação para o diálogo com o outro, com o diferente de nós. Esse diálogo pressupõe, antes de tudo, uma percepção de que, desde a Modernidade até aqui, pelo menos, a chamada civilização ocidental construiu relações baseadas prioritariamente em dicotomias e hierarquias que lhe deram o direito, por assim dizer, à exploração da alteridade vista como algo de menor importância: a natureza, as crianças, as mulheres, enfim, tudo que até aqui esteve sem voz e sem vez. É desse modo que as vozes das duas poetisas em foco funcionam como um espelho não só da ecocrítica, como também do ecofeminismo conforme vimos em Shiva, por exemplo.

A proposta interdisciplinar de conscientização, preservação e educação ambiental que relacionamos à obra de Cora e Oliver nos desperta para a percepção de que não é necessário transformar a natureza em um reino imaginário de delícias, como já vimos acontecer em algumas escolas literárias, como no Romantismo, mas que é necessário, isso sim, criar a poesia que contribua para a formação de um ser humano mais genuinamente natural e consciente de sua “enorme pequenez”.

Embora seja exagerado dizer que a poesia de Cora Coralina e a de Mary Oliver ainda são negligenciadas, é fato que a obra de ambas ainda não recebeu, sobretudo por parte da academia, o reconhecimento crítico merecido, principalmente na perspectiva da ecocrítica. Portanto, espera-se que esta tese possa contribuir também para que novas pesquisas sejam desenvolvidas, fortalecendo e difundindo este campo de estudo tão vasto e tão relevante.

Esta pesquisa não se encerra aqui. Bem ao contrário, ela abre portas para possíveis reflexões acerca de tópicos importantes, como a possibilidade de se estudar os textos de Cora Coralina nas salas de aula do Ensino Fundamental e Médio, como proposta interdisciplinar de

preservação ambiental, atendendo a demanda do “Meio Ambiente”, como um dos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Enfatizo, também, a importância de se trabalhar textos de Mary Oliver nas aulas de inglês e de tradução, tanto no Ensino Fundamental e Médio quanto na graduação, trabalhando, desse modo, a língua inglesa e, simultaneamente, a conscientização do ser humano em relação à preservação da natureza.

Como professora de Inglês e Estágio Supervisionado de Língua Inglesa do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, proponho-me a desenvolver, junto aos meus alunos, projetos que abracem esses temas e contribuam para uma educação ambiental mais eficaz, capaz de despertar nos seres humanos maior cuidado e respeito com a natureza em todas as suas formas, espécies e manifestações no Planeta Terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. S., P. **Interfaces da natureza em grande sertão: veredas** — um olhar ecocrítico. João Pessoa: UFP, 2006. Disponível em <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6278>. Acesso em: 27 ago. 2016, às 12h.

ALVES, L. M. Hesíodo: Os trabalhos e os dias. **Ensaios e Notas**, 2018. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2018/12/14/hesiodo-os-trabalhos-e-os-dias/>. Acesso em: 1º jan. 2019, às 16h.

AMORIM, A. R. **A Literatura em busca de um conceito**. Disponível em: http://www.uem.br/~urutagua/02_literatura.htm. Acesso em: 7 jul. 2017, às 13h.

ARAGUAIA, M. Animais úteis e nocivos. **Brasil Escola**, [s/d]. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/animais-uteis-nocivos.htm>. Acesso em: 15 nov. 2018, às 23h.

ARAÚJO, C. C. **Linguagem, infância e perspectivismo nos escritos maduros de Wittgenstein**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ARMAO, F. **Cathair Crobh Dearg**: From ancient beliefs to the rounds 2017. Disponível em: <https://www.estudiosirlandeses.org/2017/10/cathair-crobh-dearg-from-ancient-beliefs-to-the-rounds-2017/>. Acesso em: 28 dez. 2018, às 22h.

BRANCH, M. P. **Defining Ecocriticism**: theory and practice — Universidade Internacional da Flórida (agora na Universidade de Nevada — Reno) Flórida: ASLE, outubro de 1994.

BRANDÃO, I. F. O. **Retecendo o lugar da natureza em poemas de autoras Contemporâneas**. 2007. Disponível em: <http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys11/ecrivaines/izabel.htm>. Acesso em: 10 mai. 2016, às 20h.

_____. A ecocrítica na mira da crítica atual. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro n. 20, p. 244-261, 2009. Disponível em: <http://www.revistaterceiramargem.letras.ufrj.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/File/69/59>. Acesso em: 17 set. 2016, às 15h.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente**. Brasília: SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018, às 14h.

BRITO, C. C.; SEDA, R. E. **Cora Coralina**: raízes de Aninha. Aparecida, SP: Ideias & Livros, 2009.

BUENO, E. **O homem da casa do lago**. In: THOREAU, H. D. W. Porto Alegre: L&PM, 2011.

CAMINHO de Cora Coralina percorre 300kms com histórias da poeta. **O Globo**, 4 mar. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/caminho-de-cora-coralina-percorre-300kms-com-historias-da-poeta-22446627>. Acesso em: 30 out. 2019, às 14h.

CEIA, C. **E-Dicionário de Termos Literário**. Disponível em: <http://edtl.fesh.unl.pt/business-directory/7063/ecocritica/>. Acesso em: 7 maio 2017, às 23h.

CORA CORALINA: Todas as vidas. Direção: Renato Barbieri. Elenco: Camila de Queiroga Salles Camila Márdila Maju Souza Tereza Seiblit Walderez de Barros. Roteiro: Renato Barbieri. [S. 1.]: Asacine Produções, 2015. 1 vídeo (74 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBqBVoBT-4I>. Acesso em: 19 jan. 2019, às 19:00h.

CORALINA, C. **Estórias da casa velha da ponte**. 7. ed. São Paulo: Global, 1994.

_____. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1996.

_____. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global, 2001.

_____. **Vintém de Cobre**: meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.

_____. **Meu livro de Cordel**. 18. ed. São Paulo: Global, 2013.

_____. **O canto da Inhumá**. *Jornal Goyaz*, ano XXV, n.1086, p.3, 23 out. 1909. Acervo do Gabinete Literário da Cidade de Goiás.

DANOWSKI, D.; CASTRO, E. V. **Há muito por vir?** Ensaio sobre os medos e os fin. Florianópolis; Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DEAN, T. K. **What is Eco-criticism** (Cardinal Stritch College — nowatuniversity of Iowa). Reunião da Associação de Salt Lake City de Literatura Ocidental. Utah: 6 out. 1994. Disponível em: <http://www.asle.org/site/resources/ecocriticallibrary/intro/defining/dean/>. Acesso em: 5 jul. 2017, às 23h.

GAARD, G.; ESTOK, S. C.; OPPERMANN, S. **International Perspectives in Feminist Ecocriticism**. New York: Routledge, 2013.

GAARD, G.; MURPHY, P. **Ecofeminist Literary Criticism**: Theory, interpretation, pedagogy. Chicago: University of Illinois Press, 1998.

GARRARD, G. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GLOTFELTY, C. **What is Ecocriticism?** (University of Nevada, Reno) Reunião da Associação de Salt Lake City de Literatura Ocidental. Utah: 6 out. 1994. Disponível em: <http://www.asle.org/site/resources/ecocriticallibrary/intro/defining/glotfelty/>. Acesso em: 10 nov. 2016, às 13h.

GLOTFELTY, C.; FROMM, H. **The Ecocriticism Reader**: Landmarks in literary Ecology. Georgia, EUA: British Library, 1996.

GLOTFELTY, C. Introduction-Literary Studies in an Age of Environmental Crisis. *In*: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. (ed.). **The Ecocriticism Reader: Landmarks in literary ecology**. Georgia, EUA: British Library, 1996.

HAISE, U. K. **Science and Ecocriticism**. 1997. Disponível em: <http://www.asle.umn.edu/>. Acesso em: 3 dez. 2017, às 16h.

HOWARTH, W. **Some Principles of Ecocriticism**. 1996. Disponível em: http://godl.eve-files.com/media/0912/Some_Principles.pdf. Acesso em: 2 jan. 2017, às 17h.

LENDA viva. **Xamanismo**. Disponível em: <http://www.lendaviva.com.br/site/xamanismo.html>. Acesso em: 18 dez. 2018, às 23h.

MACNEW, J. **Mary Oliver and the Tradition of Romantic Nature Poetry (1989)**. Board of Regents of the University of Wisconsin System. Disponível em: <http://about.jstor.org/terms>. Acesso em: 10 set. 2017, às 21h.

MIES, M.; SHIVA, V. **Ecofeminismo**. Tradução Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

MUSEU Casa de Cora Coralina. **A vida**. Disponível em: <http://www.museucoracoralina.com.br/site/a-vida/>. Acesso em: 17 out. 2018, às 9h.

OLIVER, M. **American Primitive**. New York: Penguin Press, 1983.

_____. **New and Selected Poems**. New York: Penguin Press, 1992.

_____. **Swan**. New York: Penguin Press, 2010.

_____. **Upstream: Selected Essays**. New York: Penguin Press, 2016.

_____. **Devotions**. New York: Penguin Press, 2017.

PAULA, D. P. **O processo criativo e a personalidade criadora: um estudo da poética de Anaís Nin no poema em prosa A casa do incesto**. 2016. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20943/1/2016_DamianaPereiraPaula.pdf. Acesso em: 1 jun. 2016, às 11h.

PLUMWOOD, V. **Feminism and the Mastery of Nature**. London: Routledge, 1993.

PULEO, A. H. Mulher, Feminismo e ecologia. **Revista Eco 21**, Rio de Janeiro, Edição 97 Disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>. Acesso em: 26 nov. 2018, às 00h17.

REVISTA Biografia. **Cora Coralina** [poeta e contista brasileira]. Disponível em: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2012/12/cora-coralina-poeta-e-contista.html>. Acesso em: 27 dez. 2018, às 22h50.

ROSENDO, D. **Filosofia ecofeminista: repensando o feminismo a partir da lógica a dominação**. Disponível em:

http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/4_ROSENDO,D.%20Filosofia%20ecofeminista.pdf. Acesso em: 26 dez. 2018, às 23h.

RUECKERT, W. Literature and ecology: an experiment in Ecocriticism. *In: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. (ed.). **The Ecocriticism Reader: Landmarks in literary ecology.** Georgia, EUA: British Library, 1996.*

SCHLENZ, M. **Survival Stories: Toward an Ecology of Literary Criticism** (University of California, Santa Bárbara). Reunião da Associação de Salt Lake City de Literatura Ocidental. Utah: 6 out. 1994. Disponível em: <http://www.asle.org/site/resources/ecocritical-library/intro/defining/schlenz/>. Acesso em: 20 abr. 2017, às 22h.

SHIVA, V. **Staying Alive: women, ecology and development.** London: Zed Books, 1988.

SHRIVER, M. Maria Shriver Interviews the Famously Private Poet Mary Oliver. **Oprah.com Magazine. 2015.** Disponível em: <http://www.oprah.com/entertainment/maria-shriver-interviews-poet-mary-oliver/all#ixzz5EK6MfrVc>. Acesso em: 20 ago. 2017, às 9h.

SOARES, A. Apontamentos para uma crítica literária ecofeminista. **Revista Garrafa, UFRJ, abr./jun. 2009.** Disponível em: http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa18/apontamentosparauma_angelicasoares.pdf. Acesso em: 3 jun. 2017, às 15h.

SUPERINTERESSANTE. **As divindades femininas: no princípio eram deusas.** Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/as-divindades-femininas-no-principio-eram-as-deusas/>. Acesso em: 25 dez. 2018, às 14h.

TAYLOR, D. **What is ecocriticism** (Converse College). Reunião da Associação de Salt Lake City de Literatura Ocidental. Utah: 6 out. 1994. Disponível em: <http://www.asle.org/site/resources/ecocritical-library/intro/defining/taylor/>. Acesso em: 7 mar. 2017, às 23h.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural.** Tradução de João Roberto Martins Filho. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

THOREAU, H. D. **Walden.** Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2011.

THORNBUR, K.; BUEL, L.; HEISE, U. Literature and Environment. **Annual Reviews Resour,** aug. 2011. Disponível em: http://environment.harvard.edu/sites/default/files/Buell_Heise_Thorner_ARER_2011_Lit_and_Env.pdf. Acesso em: 19 fev. 2017, às 21h.

WORSTER, D. **The Wealth of Nature: Environmental History and the Ecological Imagination.** New York: Oxford University Press, 1993.

Estão presentes nos seus bancos
seus livros desusados, suas lousas que ninguém mais vê,
meus colegas lembrados.

Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das
atrasadas.

E volto a ser Aninha,
aquela em que ninguém
acreditava.

CASA VELHA DA PONTE

(Estórias da Casa Velha da Ponte, 2014, p.7)

CASA VELHA DA PONTE...

Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.

Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escarras da velhice. Desde quando ficaste assim?

Eu era menina e você já era a mesma, de paredes toscas, de beiradão desusado e feio, onde em dias de chuva se encolhiam as cabras soltas da cidade. Portais imensos para suas paredes rudes de barrotins e enchimento em lances sobrepostos salientes.

Folhas de portas pesadas de árvores fortes descomunais serradas a mão, unidas e aparelhadas, levantadas para a entrada e saída de gigantes homens feros, duros restos de bandeira. Fechaduras anacrônicas, chavões de broca, gonzos rangentes de feito estranho e pregos quadrados.

MINHA CASA VELHA DA PONTE... assim a vejo e conto, sem datas e sem assentos. Assim a conheci e canto com minhas podres letras. Desde sempre. Algum dia cerimonial foste casa nova, num tempo perdido do passado, quando mãos escravas te levantaram em pedra, madeirame e barro. Esquadrejaram tua ossadura bronca, trançaram teus barrotões na cava certa e profunda dos esteios altos, encaixaram teus linhamentos, cumeeiras, pontaletes, freixais, arrochantes e empenas, duras aroeiras, lavradas a machado, com cheiro de florestas, arrastadas em carretões de bois. Vieram os barrotins das taipas e os caibros linheiros, tirados em santa lua. Os envarados de taquara, amarrados com tiras de couro cru em permanência secular. Enchimentos lacrados com viscoso barro goiano, argila de boa loiça que se lacrou para sempre, ao tempo e ao sol, indestrutível casa velha, assentada em pedras brutas e cernes de lei. O capim-musgo viça e cresce nos beirais encachoeirados; celebra em cada advento tua veneranda idade, teu corpo encurvado, marcado de escaras carecido de reparos que ninguém mais faz. Todo o calendário de chuvas repetem-se tuas goteiras lacrimosas e se abrem novas em complicada cadência de gotas indefinidas, e é apenas um rotineiro afastar de cadeiras e malas desusadas para a liberdade de variados pingos, com suas variações de locações diversas a cada chuva de vento forte e renitente. Faz medo subir no velho telha-vã, abrir caminho no encaibrado escuro, no ripado frágil, afastar as telhas coladas pelo tempo na desconfiança de que mais goteiras se abrirão. Com o sol tudo se recompõe. Os móveis voltam aos seus lugares, esquecidos a lástima e o choro manso das pingueiras.

CASA VELHA DA PONTE...

Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas. Gerações de rolinhas fogo-pagô descantam teus anos jubilares, desfilando nas altas cumeeiras,

aninham-se nas mangueiras rotundas e mariscam suas coisinhas, sementinhas de capim na areia limpa do quintal. Geriarcas largartixas, eternas inquilinas dos velhos muros e paredes brechadas se aquecem ao sol balançando sempre a cebecinha astuta.

Minha bisavó falava de seus antigos ancestrais.

O primeiro lembrado de outra bisavó — um certo Thebas Ruiz, recebedor dos quintos reais, antes de morrer enterrou no porão da casa ouro avultado, grossas barras, moedas e mais lavrados. Para não seguir preso para Portugal, prevaricador da Real coroa, sonegador e esbanjador dos Quintos de El-Rei, bebeu seu copo de veneno, tendo antes feito beber ao seu antigo escravo de confiança, que muito sabia e podia contar.

Depois veio um Sargento-mor, bisavô de muitos, português colonial. Um Cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro, prataria. Contava minha bisavó que esse senhor Cônego, feito suas Humanidades em Coimbra, só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro. Um capitão da guarda nacional, que dragonou milhares de homens felizes e analfabetos, capitães, majores e coronéis, enfeitados com galões dourados e vitalícios sem percalços de reforma. Um desembargador da Monarquia — meu pai -, minha mãe viúva. Minhas irmãs, eu, afinal a última sobrevivente de gerações passadas.

Estórias, fantasias de "enterro de ouro", muito ouro que se pesava às arrobas, se encompridavam em barras e arredondavam em moedas e se laboravam em adornos. Escravos escavando em busca dos filhões, veeiros que aprofundavam terra adentro, vigiados de feitores, esfalfando-se em trabalho muscular, nas lavras de um tal Vai-Vem que ainda hoje tem esse nome na posse de terceiros, perto de Goiás. E assim se criou a mística do "enterro do ouro" na Casa Velha da Ponte.

Vultos negros no escuro se buscando, se agarrando, na sombra dos muros e tapumes, atracados num cio vigoroso e animal. De noite, subia das senzalas e dos quadrados um fartum de sexo e de sêmen. Nasciam crioulinhos e as senzalas eram o celeiro e a garantia da sobrevivência dos escravos que se arrebetavam no serviço bruto dos senhores.

Contava minha bisavó de um certo Lourenço, jovem crioulo escravo, que um dia, ameaçado de castigo, rasgou o ventre num desvão da escada. Foi achado, quando o Capitão-do-mato já ia à sua procura, caído, morto, rasgado a faca, com as mãos duras, agarradas aos caracóis do próprio intestino, roto e derramado. Depois de muito tempo, a negada livre. Abolida a escravidão, as famílias empobrecidas, o serviço desorganizado na cidade e nos campos. A miséria das senzalas aos poucos se desfazendo, retiradas as telhas de valia. As taipas desprotegidas e adjetas. A decadência lenta, inexorável mais a mais, dia a dia, tempo a tempo. O pauperismo geral. A melancolia dos senhores definhando-se no saudosismo estéril de negras submissas e amedrontadas, de negros animalizados e crioulinhos regrados a palmatória. Os relhos dependurados, os açoites inúteis, as palmatórias ociosas. O sadismo sem mais onde cevar.

Os velhos muros socados, perdendo sua altura senhorial, caindo lance a lance, num desmoronamento vagaroso e constante até o raso dos alicerces de pedras grossas. Tudo pela falta de uma ou duas telhas que ninguém mais repunha; uns, por estarem perto e outros, por estarem longe. A lástima, a solidão.

A falsa aparência de uma casa grande. Morada de gente envelhecida, injustiçada, incapaz de reagir, empobrecida, triste, cevando um masoquismo inconsciente e mazombo. Cerradas portas e janelas, resguardando de olhar estranho o desmazelo e a pobreza que se instalavam.

A busca aos gravetos do quintal, sempre generosos, para o primeiro fogo, o café da manhã. O pau de lenha. A xícara de sal, a compra resumida de um celamim de arroz...

A batida ansiosa entre velhos e crianças, a intera de vintém de cobre para alcançar o valor de verde e cheiroso quilo de café.

Os grandes inventos da pobreza disfarçada... Beldroegas... Um esparregado de folhas tenras de tomateiro. Mata-compadre de pé de muro. Ora-pro-nóbis, folhas grossas e macias, catadas das ramas espinhentas dum moiteiro de fundo de quintal. Refogados, gosmentos, comidos com angu de farinha e pimenta-de-cheiro, que tudo melhorava, estimulando glândulas vorazes de subalimentados.

O grande quintal gerador de abóboras, pepinos, quiabos e mandioca, abandonado ao mato invasor, na falta do braço escravo. Mangueiras, jabuticabeiras. Goiabas pelas pontas. Frutas no tempo certo. No tempo certo, vermelhas açucenas surgindo, místicas e solitárias, no seu caule esguio, entre pedras calcinadas na aridez da terra cascalhenta.

Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. Andei por mundos ignotos e cavalguei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à velha CASA DA PONTE, barco centenário encajado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colonial, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia, velha casa de tantos que se foram.

Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d'água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira. Biquinha, és banho e refrigério, copo de água cristalina e azul para sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida.

CASA VELHA DA PONTE, és para o meu cântico ancestral uma benção madrinha do passado.

TODAS AS VIDAS

(Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, 2006, p. 31-33).

Vive dentro de mim
 uma cabocla velha
 de mau-olhado,
 acorada ao pé do borralho,
 olhando pra o fogo.
 Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho.

Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
 A mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola.
 Quitute bem-feito.
 Panela de barro.
 Taipa de lenha.
 Cozinha antiga
 toda pretinha.
 Bem cacheada de picumã.
 Pedra pontuda.
 Cumbuco de coco.
 Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
 A mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada, sem preconceitos,
 de casca-grossa,
 de chinelinha,
 e filharada.

Vive dentro de mim
 A mulher roceira.
 - Enxerto da terra,
 meio casmurra.
 Trabalhadora.
 Madrugadeira.
 Analfabeta.
 De pé no chão.
 Bem parideira.
 Bem criadeira.
 Seus doze filhos,
 Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
 a mulher da vida.
 Minha irmãzinha...
 tão desprezada,
 tão murmurada...
 Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
 Na minha vida –
 A vida mera das obscuras.

O CÂNTICO DA TERRA

Hino do lavrador

(Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, 2006, p. 210)

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Estrilho

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

ORAÇÃO DO MILHO

Introdução ao Poema da Milho
(Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, 2006, p. 156-157)

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.
Ponho folhas e hastes, e se me ajudardes, Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.
Sou a planta primária da lavoura.
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
e de mim não se faz o pão alvo universal.
O justo não me consagrou Pão da Vida, nem
lugar me foi dado nos altares.
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre.
Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
alimento de rústico e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
coroados de rosas e espigas,
quando os hebreus iam em longas caravanas
buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
e Jesus abençoava os trigais maduros,
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão
do eito.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
Sou a farinha econômica do proletário.
Sou a polenta do imigrante e amiga dos que começam
a vida em terra estranha.
Alimento de porcos e do triste um de carga.
O que me planta não levanta comércio, nem vantagem
dinheiro.
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos
paióis.
Sou o cacho abastecido donde ruma o gado.
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que
amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.
Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,

que me fizestes necessário e humilde.
Sou o milho.

MEU EPITÁFIO

(Meu livro de cordel, 2001, p. 106)

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

RIO VERMELHO

(Vila Boa de Goyas, 2001, p. 101-103)

Goiás tem um rio que a recorta, dividindo a cidade em duas partes iguais. É o antigo e lendário rio de ouro e minerações passadas em cujas ribas agrestes o bandeirante plantou o marco da primeira descoberta.

Nasci nas margens desse rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou e perfumou a flor da minha adolescência, acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia. As águas sempre correntes, sempre apressadas, quando passavam pela velha casa onde nasci, iam mais vagarosas, mais lentas e contavam-me longas e formosíssimas histórias das margens por onde andavam, dos bosques onde refletiam a verde roupagem das árvores, do ignoto donde vinham e do desconhecido para onde iam, cantando e falando e correndo sempre...

E eu ficava longas e compridas horas, olhando pasmada para essas águas que corriam, corriam sem nunca se deterem, sem nunca se cansarem, atenta para essas histórias de maravilhas e de sonhos que só eu ouvia. Nas noites de abril, quando o luar vem levar nas águas a alvura de seus véus e a cidade dorme e sonha sob um vasto coradouro de linhos e cambraias. Nas noites escuras, em que as águas espelham a verde luz do verde olhar dos astros, o rio tem estremecimentos das serenatas distantes...

Pelas cheias, quando as chuvas lentas e monótonas fazem os dias goianos úmidos e tristonhos, a água do rio toma cor de sangue do seu nome e num coro de vozes formidandas entoa um cantochão funéreo e grave.

Troncos arrancados, galharadas verdes onde fremiram asas e balouçaram ninhos, detritos, resíduos, escórias e sedimentos, as águas encachoeiradas lavam e arrastam com violenta fúria...

Depois, a vazante; e o rio, no comprido de seu leito, recai na acalmia do ordinário curso.

As águas volvem a correr compassivas e mansas com a mesma feiticeira mansidão que embalou e deu asas aos sonhos de minha adolescência.

Meus ouvidos ouvem sempre a voz amiga, oh!, águas longínquas de minha terra, sempre a correr, sempre a cantar coleando as margens, dormitando um instante na tranquilidade profunda do remanso, despenhando-se das pedras, vencendo as distâncias, afloradas das largas folhas de taioba e nenúfares verdes, ecoando nas noites de verão a coral sinfonia dos sapos e das rãs que moram no recôncavo das tuas pedras!..

Depois, oh!, rio, de espelhares as pontes, refletires os cais que te marginam e estreitam e as casas que te comprimem e apertam, além, já longe, amplias e cresces, bebendo sôfrego os regatos e córregos humildes que encontras no teu curso, até que, afinal, tu mesmo, grande, enorme, volumoso, entras, te ajustas, confundindo-te para sempre nas águas vastas, ermas e azuis do mais belo dos rios, do desconhecido e maravilhoso Araguaia.

Longe de ti, oh!, Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas águas, meus ouvidos anseiam pela tua voz brandiciosa e sedativa que despertou complacente as ilusões da minha adolescência...

Oh! Águas antigas e tranquilas! corréis, corréis e eu vendo-vos correr, ouvindo-vos cantar, fiava e desfiava sempre a teia luminosa de meus sonhos.

Oh!, águas feiticeiras, cúmplices do meu grande infortúnio lavai uma vez, na tua piedosa cheia, os sedimentos e resíduos da minha dorida amargura...

Longe, longe, junto à casa onde nasci, passais aligeiradas, correndo e cantando, falando e contando sempre as lendas de Anhanguera e as lendas de Goiá.

Rio abaixo, ao abandono, boiou e rodou, perdendo-se para sempre, a teia emaranhada de meus sonhos mortos...

Na minha alma, hoje, também corre um rio, um longo e silencioso rio de lagrimas que meus olhos fiaram uma a uma e que há de ir subindo, subindo sempre, até afogar e submergir na tua profundez sombria a intensidade da minha dor!

AS MARAVILHAS DA FAZENDA PARAÍSO

(Vintém de cobre: meias confissões de Aninha, 1996, p. 87-91)

No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,
nos anos da minha adolescência,
era certa e esperada aquela comunicação anual.
A volta dos casais de João-de-Barro,
para levantar suas casinhas novas
nos galhos do grande jenipapeiro.
Raramente retocavam alguma casa velha
das muitas que resistiam pelas forquilhas.
Preferiam fazer novas. Chegavam em alarido,
gritadores alegres. Gente de casa, dizia rindo meu avô.
Era o tempo sagrado da reprodução.

Todo o terreiro se alegrava e acompanhava com ternura

aquela querência, o labor daquelas construções,
o esforço daqueles passarinhos.
Nada mais expressivo do que o João-de-Barro e sua
companheira
procurarem o rego d'água, amassarem o barro com o bico
e, com as garrinhas, voarem com as pelotas
e darem começo à casinha, orientada para o sul,
trazendo de começo sua divisão interna,
a camarinha do amor onde renovavam
e defendiam sua espécie.

Ao amanhecer do dia, eram os primeiros a dar as horas
e partirem para o trabalho.

Era aquela matinada. O sol dourando a serrania azul,
distante.

O terreiro serenado. O fogo alegre dos moradores.

Bandos de papagaios em formação ritmada e alta
se mandando para as matas do outro lado.

Araras azuis e vermelhas, aos pares, voando mais baixo,
gralhando, acompanhando o bando alto, verde, em
mescla de ouro.

Esperávamos a volta pela tarde, na mesma formação
esquadriada,

enquanto as andorinhas esvoaçavam aninhadas
nos beirais do velho casarão.

Vinha dos campos e da mangueira um cheiro fecundo
de vegetais e de apoio, mugidos intercalados da vacada,
que à tarde mansamente descia dos pastos,
procurando a frente da fazenda.

O terreiro rústico participava desses encantamentos.

Naquela comunhão sagrada e rotineira, a gente se
sentia feliz

e nem se lembrava de que não havia nenhum dinheiro
na casa.

Pela manhã, muito cedo, meu avô ia verificar o moinho
de fubá

de milho, o rendimento da noite.

O velho e pesado monjolo subia e descia compassado,
escachoando água do cocho, cavado no madeirame
pesado e bruto.

Siá Balbina — madrugada no posto,
fumegando seu pito de barro, de cabo longo.

Comandava com velha prática, vaidade e prepotência,
o monjolo, o forno de barro, a farinha.

Tinha umas tantas galinhas, acostumadas à sua moda,
organizava os ninhos e eram ninhadas de ovos e
pintalhada

criada mansamente à sua volta.

Com isso, ela supria a mesa dos melhores frangos
e galinhas velhas, para a canja do meu avô.
Ciríaco, seu filho, molecote, afilhado de meu avô, no curral,
separava os bezerros e ajudava o vaqueiro Fortunato
a baldear para as copas os potes de leite espumado.

Siá Nicota, mulher do vaqueiro, era encarregada
dos queijos, requeijão e coalhadas para a merenda.
Tomava conta do terreiro e da galinha de fora do
monjolo.

Sabia curar o gogo e ovo virado, oveiro caído.
Era responsável pelos frangos da panela
e separava as velhas galinhas condenadas.
A vacada solta partia para os campos e barreiros solitários.
Os bezerros cabritando, cabo levantado.
Animais raçoeiros bufavam nos cochos.
Rolinhas em bando mariscavam na casa do monjolo,
cantando suas comidinhas fartas.
Pelos coqueiros altos, gritavam bandos vagabundos de
joão-Congo,
Beija-flores, povis, garrinchas e caga-sebos, tico-ticos
familiares

penduravam seus ninhos pelas pontas.
Na horta, tia Nhá-Bá colhia couve para o almoço e
flores para a capela.
Tudo era vida no terreiro interno do casarão.
Seriemas dos cerrados confraternizavam-se com as
galinhas

na ração do milho.
No rego-d'água as patas ensinavam natação aos
patinhos penugentos.
Galos velhos e novos comboiavam a galinhada para
os pastos.
E partia das mangueiras e abacateiros frondosos o
arrulho gemido da juriti.

Às sete horas, vinha para cima da grande mesa familiar,
rodeada de bancos pesados e rudes, a grande panela
de mucilagem,
mingau de fubá canjica, fino e adocicado,
cozido no leite ainda morno do curral.
Era o primeiro repasto do dia, que meu avô presidia
Como um velho chefe patriarcal na cabeceira da mesa,
sorvendo de permeio, goles de café amargo.
Às nove horas, vinha o almoço. Uma toalha grossa de tear
recobria o Taboado escuro.
Meu avô dizia curta oração. Nós o acompanhávamos
com o prato e a colher na mão.
Ele era servido, depois os pratos iam sendo deslocados
um a um, primeiro os mais velhos.

Muitos filhos à nossa volta.
Cada nascer de um filho
será marcado com o plantio de uma árvore simbólica.
A árvore de Paulo, a árvore de Manoel,
a árvore de Ruth, a árvore de Roseta.

Seremos alegres e estaremos sempre a cantar.
Nossas panificadoras terão feixes de trigo enfeitando
suas portas,
teremos uma fazenda e um Horto Florestal.
Plantaremos o mogno, o jacarandá,
o pau-ferro, o pau-brasil, a aroeira, o cedro.
Plantarei árvores para as gerações futuras.

Meus filhos plantarão o trigo e o milho, e serão padeiros.
Terão moinhos e serrarias e panificadoras.
Deixarei no mundo uma vasta descendência de homens
e mulheres, ligados profundamente ao trabalho e à terra
que os ensinarei a amar.

E eu morrerei tranquilamente dentro de um campo
de trigo ou
milharal, ouvindo ao longe o cântico alegre dos ceifeiros.

Eu voltarei...
A pedra do meu túmulo
será enfeitada de espigas de trigo
e cereais quebrados
minha oferta póstuma às formigas
que têm suas casinhas subterra
e aos pássaros cantores
que têm seus ninhos nas altas e floridas
frondes.

Eu voltarei...

DAS PEDRAS

(Meu livro de cordel, 1996, p. 11)

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,

uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras
cresceu a minha poesia
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.

COISAS DE GOIÁS: MARIA

(Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha, 1996, p. 39)

Maria das muitas que rolam pelo mundo.
Maria pobre. Não tem casa nem morada.
Vive como quer.
Tem seu mundo e suas vaidades. Suas trouxas e seus
botões.
Seus haveres. Trouxa de pano na cabeça.
Pedacos sobras, retalhada.
Centenas de botões, desusados, coloridos, madre pérola,
louça,
vidro, plástico, variados, pregados em tiras pendentes.
Enfeitando. Mostruário.
Tem mais, uns caídos, bambinelas, enfeites, argolas,
coisas dela.
Seus figurinos, figurações, arte decorativa,
criação, inventos de Maria.
Maria grampinho, diz a gente impiedosa da cidade.
Maria sete saias, diz a gente impiedosa da cidade.
Maria. Companheira certa e compulsada.
Inquilina da Casa Velha da Ponte.
Digo mal. Usucapião tem ela, só de meu tempo,
vinte e seis anos.

Tão grande a Casa Velha da Ponte...
Tão vazia de gente, tão cheia de sonhos, fantasmas e
papelada,
tradicional papéis de circunstância.
Seus fantasmas, enterro de ouro. Lendas e legendas.
Cabem todas as Marias desvalidas do mundo e da
minha cidade.
Quem foi o pai, e a mãe e a avó de Maria?
Quantos anos tem Maria? Como foi que nasceu? De que
jeito sobreviveu?
Estacou no tempo, procura sempre no quintal seus
grampinhos

repassados na densa e penteada camada capilar,
onde acomoda em equilíbrio singular seus mistérios...
Teres e mordomias e seus botões alegres, coloridos,
seriados,
chapeando a veste, que por ser pobre não deixa de ser
nobre,
resguarda sua nudez casta, inviolada.
Sete blusas, sete saias, remendos, cento de botões
cem números de grampinhos. Muito séria, não dá
confiança.
Garrafa de plástico inseparável. Água, leite, mezinha,
será...

Entre, Maria, a casa é sua.
Nem precisa mandar. Seus direitos sem deveres,
vai pela manhã e volta pela tarde.
Suas saias, seus botões, seus grampinhos, seu sério,
muda e certa.
Maria é feliz. Não sabe dessas coisas sutis e tem quem
a ame.
Uma família distinta da cidade, que a conheceu em
tempos
dá referência: Maria tinha até leitura e fazia crochê,
ponto de marca, costurava.
Tem a moça Salma, humana e linda, flor da cidade,
luz da sociedade goiana, ela preza Maria e fala
como fala a generosidade das jovens: Maria me contava
estórias,
quando eu era pequena.
Fui carregada nos braços da Maria.

Meus filhos e netos quando chegam perguntam:
“E Maria, ainda dorme aqui?”
Todos gostavam de Maria, e eu também

Estas coisa dos Reinos
da
cidade de Goiás.

Anexo B – Entrevista completa de Maria Shriver com a poeta Mary Oliver em Inglês

Maria Shriver interviews the famously private poet Mary Oliver

The Exclusive Interview
By Maria Shriver

PAGE 1



Oliver and Shriver in Hobe Sound, Florida.

O guest editor Maria Shriver visits the masterly Mary Oliver to hear about the bold new course she's charting in her poetry and her life.

One of my greatest joys is poetry. I read it almost every day, and I've even taken a stab at writing some of my own. A poem I wrote for my mother when she was dying really helped me get through that hard time. I have so many poets I rely on.

My brother Timothy turned me on to Mary Oliver about ten years ago. He thought I'd like her poems because she's such an independent woman, and he was right. Her work is uplifting and full of courage — it's about the natural world, but also about larger themes like love, survival, gratitude, joy — and it spoke to me. I started quoting her in speeches, and even put one poem, "The Journey," on my desk, where I still read it often.

The more I learned about Mary, the more there was to admire: not just her words but the unconventional life she lived in Provincetown, Massachusetts, with her partner, the photographer Molly Malone Cook, who died of cancer in 2005. And I was overjoyed when —

after politely declining my invitations for six straight years — Mary finally agreed to read at my annual Women's Conference in California last fall, joining speakers like Michelle Obama and Eve Ensler. Though she's a Pulitzer Prize winner and America's best-selling poet, Mary almost never gives interviews, and you could have heard a pin drop when she took the stage. (Her fans are everywhere; Laura Bush is one, Martha Beck another.)

Mary was gracious enough to see me again in December, to talk about herself and her work for this special issue of O. As we spoke, I was thrilled to hear her describe herself as a "reporter," since my daughter has called my own poems "reporter poetry" (as opposed to real poetry). Suddenly, I had a bond with one of my heroes!

As the afternoon unfolded, Mary opened up about spirituality, life callings, and how, at 75, she's finally come to terms with loss and her troubled childhood — and has never felt happier.

START READING MARIA SHRIVER'S INTERVIEW WITH MARY OLIVER

PAGE 2

Maria Shriver: Mary, you've told me that for you, poetry is and always was a calling. How do you know when something is a calling?

Mary Oliver: When you can't help but go there. We all have a hungry heart, and one of the things we hunger for is happiness. So as much as I possibly could, I stayed where I was happy. I spent a great deal of time in my younger years just writing and reading, walking around the woods in Ohio, where I grew up. I often say if you could lay out all the writing I did in those years, it would go to the moon and back. It was bad, it was derivative. But when you love what you're doing, honestly, you can get better.

Maria Shriver: When you would wander in the woods and write, did people ever think you were crazy?

Mary Oliver: My parents didn't care very much what I did, and that was probably a blessing. But in Provincetown now, there's a little story that is sweet. They say if Mary is taking a walk, and she begins to walk slower and slower, and finally she's standing still scribbling, you know it was a successful walk.

Maria Shriver: Because you always walk with a notepad.

Mary Oliver: Yes, always. It's very important to write things down instantly, or you can lose the way you were thinking out a line. I have a rule that if I wake up at 3 in the morning and think of something, I write it down. I can't wait until morning — it'll be gone.

Maria Shriver: What does it mean to you to be a poet?

Mary Oliver: I consider myself kind of a reporter — one who uses words that are more like music and that have a choreography. I never think of myself as a poet; I just get up and write. For most of my life, I haven't had the structure of an actual job. When I was very young and decided I wanted to try to write as well as I could, I made a great list of all the things I would never have.

Maria Shriver: Wouldn't have?

Mary Oliver: Would not have, because I thought poets never made any money. A house, a good car, I couldn't go out and buy fancy clothes or go to good restaurants. I had the

necessities. Not that I didn't take some teaching jobs over the years — I just never took any interesting ones, because I didn't want to get interested. That's when I began to get up so early in the morning — you know I'm a 5 A.M. riser — so I could write for a couple of hours and then give my employer my very best second-rate energy [laughs].

Maria Shriver: Did you ever ask yourself, "Why am I doing this? Should I change course and maybe try to get some of the things on that list?"

Mary Oliver: Never. I've always wanted to write poems and nothing else. There were times over the years when life was not easy, but if you're working a few hours a day and you've got a good book to read, and you can go outside to the beach and dig for clams, you're okay.

Maria Shriver: So many kids and people feel "different," and they think they're the only ones who feel that way.

Mary Oliver: It wasn't that I wished I could be like everybody else. I very much wished not to be noticed, and to be left alone, and I sort of succeeded.

Maria Shriver: Sort of succeeded? You're one of the best-known writers around.

Mary Oliver: But that's the public person. Apparently, I've been considered a recluse.

Maria Shriver: Yes, I was going to ask you about that.

Mary Oliver: I didn't know I was a recluse. I mean, I know many people in Provincetown — fishermen, Portuguese people, young people. If the plumber says, "How's your work going?" I'm very easy with that. But if somebody I don't know comes to town and calls me up and says, "I love your work. I'm here for three days, could I take you to lunch?" — well, that is something I can't do. It's hard to meet a stranger — you give of yourself — and if I did that, I'd want to do it well. I'd have to leave my desk, or the woods, and I don't want to.

Maria Shriver: Are you happiest sitting at the desk or walking in the woods?

Mary Oliver: Probably walking in the woods, because I do feel like I vanish and become part of the natural world, which for whatever reason has always felt safe to me. But my mind is more invested when I'm working on a poem at my desk, and that's fun. In order to be good, you have to really love the work of it.

PAGE 3

Maria Shriver: Why did you first turn to a creative art?

Mary Oliver: Well, I think because with words, I could build a world I could live in. I had a very dysfunctional family, and a very hard childhood. So I made a world out of words. And it was my salvation.

Maria Shriver: Do you have a favorite word?

Mary Oliver: A few [laughs]. Love, mirth, praise, constancy...

Maria Shriver: What about a favorite poet?

Mary Oliver: I suppose it would have to be Whitman, unless it's Rumi or Hafiz. And I do love Emerson's poetry. And of course I named my dog Percy after Shelley. And how could anybody not love Keats.

Maria Shriver: I love Rumi.

Mary Oliver: Absolutely. And it is what I love — to contain both the spiritual life and the life in this world — that he does so beautifully.

Maria Shriver: Do you think it's possible to contain the spiritual world and also be of the "real world" in 2011?

Mary Oliver: I definitely believe that. And I think if you skimp on one or the other, you're not getting the whole show. You have to be in the world to understand what the spiritual is about, and you have to be spiritual in order to truly be able to accept what the world is about.

Maria Shriver: When you talk of the spiritual, though, you're not talking about organized religion.

Mary Oliver: I'm not, though I do think ceremony is beautiful and powerful. But I've also met some people in organized religion who aren't so hot. I've written before that God has "so many names." To me, it's all right if you look at a tree, as the Hindus do, and say the tree has a spirit. It's a mystery, and mysteries don't compromise themselves — we're never gonna know. I think about the spiritual a great deal. I like to think of myself as a praise poet.

Maria Shriver: What does that mean?

Mary Oliver: That I acknowledge my feeling and gratitude for life by praising the world and whoever made all these things.

Maria Shriver: Is that the poet's goal? Or is the goal to make people look at nature in a different way? Is it to touch their soul? Is it for them to feel delight?

Mary Oliver: All of those things. I am not very hopeful about the Earth remaining as it was when I was a child. It's already greatly changed. But I think when we lose the connection with the natural world, we tend to forget that we're animals, that we need the Earth. And that can be devastating. Wendell Berry is a wonderful poet, and he talks about this coming devastation a great deal. I just happen to think you catch more flies with honey than with vinegar. So I try to do more of the "Have you noticed this wonderful thing? Do you remember this?"

Maria Shriver: You try to praise.

Mary Oliver: Yes, I try to praise. If I have any lasting worth, it will be because I have tried to make people remember what the Earth is meant to look like.

Maria Shriver: You were talking earlier about how you felt happy writing and being in nature, so you moved toward happiness. So many people think that poets are tortured souls.

Mary Oliver: Well, we went through a whole period of confessional poets. And I think a lot of people — certainly Sylvia Plath and Anne Sexton — got therapy mixed up with the work they were doing, and that's a shame. I may be wrong, but it seems like they felt they could heal themselves through writing, and it didn't work. I don't usually mess around with what makes me unhappy when I'm writing. I want to write poems that will comfort, maybe amuse, enliven other people. I don't mean that the world is all great and wonderful. But I'm careful to — I try to keep the emphasis on the good and the hopeful.

Next: Oliver reveals a dark secret from her past and how she dealt with losing her life partner

PAGE 4

Maria Shriver: So you never wanted your poetry to be a place where you worked out your own struggles. And yet "The Journey," my all-time favorite poem, seems to deal with darker themes.

Mary Oliver: Well, looking back, I'm shocked to see that I wrote that. Because I was always very private about my life, and yet the poems in *Dream Work* [1986] are not so private as I thought. I'm glad I wrote them, and I'm doing a little more of that now — using personal material. I want to be braver and more honest about my life. When you're sexually abused, there's a lot of damage — that's the first time I've ever said that out loud.

Maria Shriver: You were sexually abused as a child?

Mary Oliver: I was very little. But I had recurring nightmares; there's damage.

Maria Shriver: Can you tell me about that?

Mary Oliver: Well, that's why I wanted to be invisible, I'm sure. And it certainly made it hard to trust. But with the help of a few real good people, I finally feel healed — kind of late in life. I've been working with a wonderful guy for the past five years or so.

Maria Shriver: A therapist in Provincetown?

Mary Oliver: Yes. I'm now able to understand, one, that it happened, which a child fights and doesn't want to acknowledge, and two, that it affected certain things in my behavior. It was probably the reason I left home the day after I graduated from high school — I couldn't wait a minute. And why I was needy a great deal of my life, because I didn't get sufficient mother-love and protection. That can make people very — well, there are millions of people walking around the world who had insufficient childhoods, and I just happen to be one of them.

Maria Shriver: Why is now the time to write more personally? Has age made you braver?

Mary Oliver: I think what's made me braver are the forerunners who have dared to tell. At your conference, I was very moved by Eve Ensler's courage. I now know it is a subject or theme I will not be avoiding. There will always be birds, but I'm gonna broaden out a little bit, or maybe a lot. I don't know.

Maria Shriver: Does the thought of broadening out excite you, scare you, relieve you?

Mary Oliver: It excites me. I mean, it feels like a freedom.

Maria Shriver: One line of yours I often quote is, "What is it you plan to do with your one wild and precious life?" What do you think you have done with your one wild and precious life?

Mary Oliver: I used up a lot of pencils.

Maria Shriver: [Laughs.]

Mary Oliver: What I have done is learn to love and learn to be loved. That didn't come easy. And I learned to consider my life an amazing gift. Those are the things.

Maria Shriver: You have lived a very unique life, a life really individual and fearless.

Mary Oliver: Well, it was never a temptation to be swayed from what I wanted to do and how I wanted to live. Even when Molly got ill, I knew what to do. They wanted to take her off to a nursing home, and I said, "Absolutely not." I took her home. That kind of thing is not

easy. I used to go out at night with a flashlight and sit on a little bench right outside the house to scribble poems, because I was too busy taking care of her during the day to walk in the woods.

Maria Shriver: You had a 40-year relationship with Molly. How did her death change your life?

Mary Oliver: I was very, very lonely.

Maria Shriver: You've written in your work that you rarely spent any time apart. How did you avoid being crushed by losing her?

Mary Oliver: I had decided I would do one of two things when she died. I would buy a little cabin in the woods, and go inside with all my books and shut the door. Or I would unlock all the doors — we had always kept them locked; Molly liked that sense of safety — and see who I could meet in the world. And that's what I did. I haven't locked the door for five years. I have wonderful new friends. And I have more time to be by myself. It was a very steadfast, loving relationship, but often there is a dominant partner, and I was very quiet for 40 years, just happy doing my work. I'm different now.

Next: Oliver on winning the Pulitzer and why poems are meant to be read and heard.

PAGE 5

Maria Shriver: You've come into your own more?

Mary Oliver: Yes. Kind of late, but it has happened.

Maria Shriver: You told me when we were walking that you've never been happier.

Mary Oliver: It's true.

Maria Shriver: We live in a society where people think they're too old at 55 or 60 to do anything else. And you're 75! I find it fascinating that you've become happier, you're braver, you're more excited, you're healed from the early trauma of sexual abuse.

Mary Oliver: I'm also something else I never was — I'm funny! [Laughs.]

Maria Shriver: How did winning the Pulitzer [in 1984] change your life?

Mary Oliver: Well, they say that in 1941, the question everybody was asking was, "Where's Pearl Harbor?" After I won the Pulitzer, everyone was saying, "Who is Mary Oliver?" I'd already written my fifth book, and I don't think I'd ever given a reading. I was washing the dishes when the phone rang [laughs].

Maria Shriver: And what did you think?

Mary Oliver: Well, when the local TV station called and asked if they could come up, I said no. I was at that time — boy, you have really got me talking now — at the time I was shingling our house, if you can believe it. I went to the dump to gather up old shingles, my usual routine, and one fellow who saw me said, "Didn't I see you on television last night?" I wasn't on television myself, but they'd shown a picture of me. And then another friend came by, a painter, and she said, "Ha-ha, what are you doing, looking for your old manuscripts?" [Laughs.] That was Provincetown — it was wonderful. My life didn't change, except that I started to get more work published, and I started to do readings.

Maria Shriver: Are you ever amazed when you walk out onto the stage that there are several thousand people sitting there just to hear you read your poems?

Mary Oliver: I think, "These people are all hoping they're not going to be put to sleep. They hope they're going to hear something that means something to them."

Maria Shriver: That's a lot of pressure! You always say, though, that poems are meant to be read.

Mary Oliver: Oh, they are. They're meant to be read and heard.

Maria Shriver: It's different if I hear you speak "The Journey" than if I read it.

Mary Oliver: Yes, it is different, but not too different if I've done a good job with the poem, with the words I use, the line breaks. Poets these days don't seem to know much about mechanics. Donald Hall says a poem has two lives — there is the statement that you're making, and there is the poem's sensual body. The words you use, the layout... I'm fascinated by that.

Maria Shriver: Do you have a favorite poem?

Mary Oliver: That I wrote? Not yet. You're supposed to love all your children [laughs]. Actually, my favorite poem is always the one I'm working on.

Maria Shriver: And what's the one you're working on now?

Mary Oliver: Several. I've got about 15 or 18.

Maria Shriver: Is there a brave one in there?

Mary Oliver: It's not typed up yet, but yeah, there is a brave one [laughs].

Read more: <http://www.oprah.com/entertainment/maria-shriver-interviews-poet-mary-oliver/all#ixzz5RhbMM4hV>

Photo: Rob Howard

Published 03/09/2011

Anexo C – Tradução para o Português da entrevista concedida pela poeta Mary Oliver à jornalista Maria Shriver

Maria Shriver entrevista a famosa e reservada poeta Mary Oliver

Entrevista Exclusiva
Por Maria Shriver

PÁGINA 1



Oliver e Shriver em Hobe Sound, Florida.

A jornalista convidada, Maria Shriver, visita a magistral poeta Mary Oliver para ouvir sobre o novo e ousado curso que ela está traçando para sua vida e sua poesia.

Uma das minhas maiores alegrias é a poesia. Eu leio quase todos os dias, e até tentei escrever alguns poemas. Um poema que escrevi para minha mãe quando ela estava morrendo realmente me ajudou a superar esse momento difícil. Eu tenho muitos poetas em quem confio, diz Schriver.

Meu irmão Timothy me apresentou à Mary Oliver há cerca de dez anos. Ele achou que eu fosse gostar dos poemas dela porque Oliver é uma mulher independente, e ele estava certo. Seu trabalho é edificante e cheio de coragem — é sobre o mundo natural, mas, também, sobre temas importantes como o amor, sobrevivência, gratidão, alegria — isso me calou

profundamente. Comecei a citá-la em discursos e até coloquei um poema, "The Journey", na minha mesa, e ainda o leio com frequência.

Quanto mais eu aprendia sobre Mary, mais eu a admirava: não apenas suas palavras, mas a vida não convencional que ela vivia em Provincetown, Massachusetts, com sua parceira, a fotógrafa Molly Malone Cook, que morreu de câncer em 2005. E eu fiquei muito feliz quando, depois de recusar educadamente meus convites, por seis anos consecutivos, Mary finalmente concordou em participar da minha conferência anual de mulheres na Califórnia, no outono passado, juntando-se a palestrantes como Michelle Obama e Eve Ensler. Embora seja uma vencedora do Prêmio Pulitzer e a poeta mais vendida dos Estados Unidos. Mary quase nunca dá entrevistas. Quando ela subiu ao palco, podíamos ouvir um alfinete cair no chão (seus fãs estão em toda parte; Laura Bush é uma, Martha Beck é outra).

Mary foi graciosa o suficiente para me ver novamente em dezembro, para falar sobre si mesma e sobre seu trabalho para esta edição especial. Enquanto conversávamos, fiquei emocionada ao ouvi-la descrever-se como uma "repórter": minha filha havia chamado meus próprios poemas de "poesia repórter" (em oposição à verdadeira poesia). De repente, eu tinha um vínculo com uma das minhas heroínas!

À medida que a tarde passava, Mary se abria sobre a espiritualidade, os chamados da vida e como, aos 75 anos, quando finalmente chegou a um acordo com a perda por conta de uma infância conturbada — e por nunca ter se sentido realmente feliz.

COMECE A LER A ENTREVISTA CONCEDIDA POR MARY OLIVER A MARIA SHRIVER

PÁGINA 2

Maria Shriver: Mary, você me disse que, para você, a poesia é e sempre foi um chamado. Como você sabe quando algo é um chamado?

Mary Oliver: Quando você não pode deixar de fazê-lo. Todos nós temos um coração faminto, e uma das coisas das quais temos fome, é a felicidade. Eu permaneci o máximo que pude onde eu me sentia feliz. Passei muito tempo da minha juventude apenas escrevendo e lendo, andando pelo bosque em Ohio, onde cresci. Costumo dizer que se eu pudesse expor toda a escrita que fiz naqueles anos, ela iria até a lua e voltaria. Foi ruim, foi profundo, mas quando você ama o que está fazendo, sinceramente, você pode melhorar.

Maria Shriver: Quando você andava e caminhava pelo bosque escrevendo, as pessoas achavam que você era louca?

Mary Oliver: Meus pais não se importavam muito com o que eu fazia e isso, provavelmente, foi uma bênção. Mas em Provincetown, agora, há uma pequena história que é doce. Eles dizem que se Mary está fazendo um passeio, e começa a caminhar lentamente, rabiscando, sabemos que a caminhada foi bem sucedida.

Maria Shriver: Porque você sempre anda com um bloco de notas...

Mary Oliver: Sim, sempre. É muito importante escrever as coisas instantaneamente, ou você pode perder a maneira como você estava pensando sobre elas. Eu tenho uma regra que se eu acordar às 3 da manhã e pensar em algo, escrevo. Eu não posso esperar até amanhecer — a ideia vai embora.

Maria Shriver: O que significa para você ser uma poeta?

Mary Oliver: Eu me considero uma espécie de repórter – alguém que usa as palavras, que são mais como músicas, e que têm uma coreografia. Eu nunca penso em mim como uma poeta; Eu apenas me levanto e escrevo. Durante a maior parte da minha vida não tive a estrutura de um trabalho real. Quando eu era muito jovem, decidi que queria escrever da melhor maneira que pudesse, e fiz uma lista grande de todas as coisas que eu nunca teria.

Maria Shriver: não teria?

Mary Oliver: Não teria, porque eu achava que os poetas não ganhavam dinheiro para comprar uma casa, um bom carro. Eu não poderia sair e comprar roupas luxuosas, ou ir a bons restaurantes. E eu tinha as minhas prioridades. Não que não tenha tido alguns empregos como professora ao longo dos anos — mas eu nunca tive nenhum trabalho realmente interessante para mim, porque eu não queria me envolver demasiadamente com um. Foi quando comecei a me levantar bem cedo pela manhã – você sabe que eu levanto às cinco da manhã — assim, eu podia escrever por algumas horas e, então, dar ao meu empregador minha melhor energia secundária [risos].

Maria Shriver: Você já se perguntou: "Por que estou fazendo isso? Devo mudar de rumo, e talvez tentar obter algumas das coisas dessa lista?"

Mary Oliver: nunca. Eu sempre quis escrever poemas e nada mais. Houve momentos ao longo dos anos em que a vida não era fácil, mas se você está trabalhando algumas horas por dia, e tem um bom livro para ler. e pode ir para à praia procurar por moluscos, você está okay.

Maria Shriver: Muitas crianças e pessoas se sentem "diferentes", e pensam que são as únicas que se sentem assim.

Mary Oliver: Não significa que eu quisesse ser como todo mundo. Desejei muito não ser notada, e ser deixada sozinha e, de certa forma, consegui.

Maria Shriver: Um tipo de sucesso? Você é uma das escritoras mais conhecidas por aí.

Mary Oliver: Mas essa é a pessoa pública. Aparentemente, eu ainda sou considerada reclusa.

Maria Shriver: Sim, eu ia te perguntar sobre isso.

Mary Oliver: Eu não sabia que era reclusa. Quero dizer, conheço muitas pessoas em Provincetown — pescadores, portugueses, jovens. Se o encanador disser: "Como vai o seu trabalho?" Eu lido muito bem com isso. Mas se alguém que eu não conheço chega à cidade, me liga e diz: "Eu amo o seu trabalho. Estou aqui por três dias, posso levá-la para almoçar?" – bem, isso é algo que eu não consigo fazer. É difícil encontrar um estranho – se entregar — e, se eu fizesse isso, gostaria de fazê-lo bem. Eu teria que deixar minha escrivadinha, ou o bosque, e eu não quero fazer isso.

Maria Shriver: Você é mais feliz sentada na mesa ou caminhando pelo bosque?

Mary Oliver: Provavelmente caminhando pelo bosque, pois eu sinto como se eu desaparecesse e me tornasse parte do mundo natural que, por alguma razão, sempre me pareceu seguro. Mas minha mente é mais seletiva quando estou trabalhando em um poema na minha mesa, e isso é divertido. Na verdade, você precisa realmente amar o seu trabalho.

PÁGINA 3

Maria Shriver: Por que você escolheu uma arte criativa?

Mary Oliver: Bem, acho que com as palavras eu poderia criar um mundo em que eu pudesse viver. Eu tive uma família muito disfuncional, e uma infância muito difícil, então, eu fiz um mundo de palavras. E foi minha salvação.

Maria Shriver: Você tem uma palavra favorita?

Mary Oliver: Algumas [risos] Amor, alegria, elogio, constância ...

Maria Shriver: Que tal um poeta favorito?

Mary Oliver: Suponho que seria Whitman, a menos que seja Rumi ou Hafiz. E eu também amo a poesia de Emerson. É claro que eu nomeei meu cachorro Percy depois de Shelley. E como alguém poderia não amar Keats?

Maria Shriver: Eu amo Rumi.

Mary Oliver: Absolutamente. É o que eu amo — abordar tanto a vida espiritual como a vida deste mundo — o que ele faz lindamente.

Maria Shriver: Você acha que é possível ser do mundo espiritual e, também, do "mundo real" em 2011?

Mary Oliver: Eu definitivamente acredito que sim. Acho que se você economizar em um ou outro, você não está recebendo o espetáculo por inteiro. Você precisa estar no mundo para entender sobre o que é o espiritual, e você precisa ser espiritual para realmente saber aceitar o mundo como ele é.

Maria Shriver: Quando você fala do espiritual não está falando sobre uma religião.

Mary Oliver: Eu não tenho uma religião, embora eu ache que cerimoniais são lindos e poderosos. Mas eu também conheci algumas pessoas que seguem uma religião mas não são tão calorosas. Eu escrevi antes que Deus tem "tantos nomes". Para mim, tudo bem se você olhar para uma árvore, como fazem os hindus, e disser que a árvore tem um espírito. É um mistério, e os mistérios não se comprometem — nunca vamos entendê-los. Eu penso muito sobre o espiritual. Eu gosto de pensar em mim como uma poeta do louvor.

Maria Shriver: O que isso significa?

Mary Oliver: Que reconheço meu sentimento de gratidão pela vida louvando o mundo e quem fez todas essas coisas.

Maria Shriver: Esse é o objetivo da poeta? Ou o objetivo é fazer as pessoas olharem para a natureza de uma maneira diferente? É para tocar a alma deles? É para eles sentirem prazer?

Mary Oliver: Tudo isso. Eu não tenho muita esperança de que a Terra permaneça como era quando eu ainda era criança, já está muito alterada. Mas acho que quando perdemos a conexão com o mundo natural, tendemos a esquecer que somos animais, que precisamos da Terra. E isso pode ser devastador. Wendell Berry é um poeta maravilhoso e fala muito sobre essa devastação vindoura. Eu só acho que você pega mais moscas com mel do que com vinagre. Então, tento questionar coisas como "Você notou que coisa maravilhosa? Você se lembra disso?"

Maria Shriver: Você tenta elogiar.

Mary Oliver: Sim, eu tento elogiar. Se eu tiver algum valor duradouro, será porque tentei fazer as pessoas se lembrarem de como a Terra deve ser.

Maria Shriver: Você estava falando anteriormente sobre como você se sentiu feliz escrevendo e estando na natureza, então você “se mudou” para a felicidade. Tantas pessoas pensam que os poetas são almas torturadas.

Mary Oliver: Bem, nós passamos por um período inteiro de poetas confessionais. E eu acho que muitas pessoas — certamente Sylvia Plath e Anne Sexton — fizeram terapia misturada com o trabalho que estavam fazendo, e isso é uma vergonha. Eu posso estar errada, mas parece que eles sentiram que poderiam se curar por meio da escrita, e isso não funcionou. Eu não costumo mexer com o que me deixa infeliz quando estou escrevendo. Eu quero escrever poemas que consolem, que talvez possam entreter e animar outras pessoas. Não quero dizer que o mundo seja totalmente lindo e maravilhoso, mas sou cuidadosa — tento manter a ênfase no bom e no esperançoso.

PRÓXIMA PÁGINA: Oliver revela um segredo obscuro de seu passado e diz como ela lidou com a perda de sua parceira de vida.

PÁGINA 4

Maria Shriver: Então você jamais quis que sua poesia fosse uma maneira de resolver suas próprias lutas. No entanto, "The Journey", meu poema favorito de todos os tempos, parece lidar com temas mais sombrios.

Mary Oliver: Bem, olhando para trás, fico chocada ao ver que escrevi isso. Porque eu sempre fui muito reservada em relação a minha vida e, no entanto, os poemas no livro *Dream Work* (1986) não são tão particulares quanto eu pensava. Fico feliz por tê-los escrito e estou fazendo um pouco mais disso agora — usando conteúdo pessoal. Eu quero ser mais corajosa e sincera sobre a minha vida pessoal. Quando se sofre uma agressão sexual, muitos danos permanecem — essa é a primeira vez que eu falo sobre esse assunto em voz alta.

Maria Shriver: Você sofreu violência sexual quando criança?

Mary Oliver: Eu era muito pequena. Mas eu tive pesadelos recorrentes; há danos.

Maria Shriver: Você pode me falar mais sobre isso?

Mary Oliver: Bem, é por isso que eu queria ser invisível, tenho certeza. E, certamente, isso me tornou uma pessoa desconfiada. Mas com a ajuda de algumas pessoas realmente boas, eu, finalmente, me sinto curada — posso finalmente confiar em alguém que me ajude. Eu tenho feito terapia com um profissional maravilhoso nos últimos cinco anos.

Maria Shriver: Um terapeuta em Provincetown?

Mary Oliver: Sim. Agora sou capaz de entender, primeiro, o que aconteceu para que uma criança lutasse tanto para não ser notada e, segundo, como isso afetou certas coisas no meu comportamento. Foi, provavelmente, a razão pela qual saí de casa no dia seguinte a minha formatura no colegial — não pude esperar um minuto sequer. E por que eu era carente de uma boa parte da minha vida? Porque não recebi amor e proteção materna. Saber lidar com essa dor pode fazer muito bem às pessoas. E existem milhões de pessoas que tiveram infâncias precárias vagando pelo mundo e, eu, simplesmente, sou uma delas.

Maria Shriver: Por que agora é a hora de escrever mais abertamente? A idade te fez mais corajosa?

Mary Oliver: Eu acho que o que me tornou mais corajosa foram os precursores que ousaram falar sobre si mesmas primeiro. Fiquei muito emocionada com a coragem de Eve Ensler ao falar sobre si numa conferência. Agora sei que é um assunto ou tema que não vou evitar. Sempre haverá pássaros, mas vou ampliar um pouquinho, ou talvez muito. Eu não sei.

Maria Shriver: Será que o pensamento de se expandir te instiga, te assusta ou te alivia?

Mary Oliver: Isso me instiga. Ou seja, parece liberdade.

Maria Shriver: Uma frase sua que cito com frequência é: "O que você planeja fazer com sua única vida selvagem e preciosa?" O que você acha que fez com sua vida selvagem e preciosa?

Mary Oliver: Eu usei muitos lápis.

Maria Shriver: [risos]

Mary Oliver: O que eu fiz foi aprender a amar e aprender a ser amada. Isso não foi fácil. E aprendi a considerar minha vida um presente incrível. É isso.

Maria Shriver: Você viveu uma vida muito única, uma vida realmente individual e destemida.

Mary Oliver: Bem, nunca foi uma tentação ser influenciada pelo que eu queria fazer e como queria viver. Mesmo quando Molly adoeceu, eu sabia o que fazer. Eles queriam levá-la para uma casa de repouso onde cuidam de enfermos, e eu disse: "Absolutamente não". Eu a levei para casa. Esse tipo de coisa não é fácil. Eu costumava sair à noite com uma lanterna e sentar em um pequeno banco do lado de fora da casa para rascunhar poemas, pois naqueles dias eu estava sempre muito ocupada cuidando dela para caminhar no bosque durante o dia.

Maria Shriver: Você teve um relacionamento de 40 anos com Molly. Como a morte dela mudou sua vida?

Mary Oliver: Eu fiquei muito solitária.

Maria Shriver: Você escreveu em seu trabalho que raramente passavam algum tempo separadas. Como você evitou ser devastada ao perdê-la?

Mary Oliver: Eu decidi que quando ela morresse eu faria de duas, uma coisa: ou eu compraria uma pequena cabana no bosque, entraria nela com todos os meus livros e fecharia a porta, ou eu iria destrancar todas as portas (nós sempre as mantivemos trancadas, Molly gostava dessa sensação de segurança), para ver o que eu poderia encontrar no mundo. E eu escolhi destrancar as portas. Não tranco mais a porta há cinco anos. Eu tenho novos amigos maravilhosos. E eu tenho mais tempo para ficar sozinha. Foi um relacionamento muito firme e amoroso, mas muitas vezes ela era uma parceira dominante, e fiquei muito quieta por 40 anos, apenas feliz por fazer o meu trabalho. Mas agora eu sou diferente.

PRÓXIMA PÁGINA: Oliver fala do prêmio Pulitzer, e por que os poemas são para serem lidos e ouvidos.

PÁGINA 5

Maria Shriver: Você se sente mais interessada?

Mary Oliver: Sim. Um pouco tarde, mas aconteceu.

Maria Shriver: Você me disse, quando estávamos caminhando, que você nunca foi tão feliz quanto agora.

Mary Oliver: É verdade.

Maria Shriver: Vivemos em uma sociedade em que as pessoas pensam que estão muito velhas aos 55 ou 60 anos para fazerem qualquer coisa. E você tem 75 anos! Acho fascinante que você se torne mais feliz, mais corajosa, mais animada e curada do trauma da agressão sexual sofrida na infância.

Mary Oliver: Eu também sou alguém que eu nunca fui antes — sou engraçada! [Risos]

Maria Shriver: O fato de ganhar o prêmio Pulitzer [em 1984] mudou o que na sua vida?

Mary Oliver: Bem, eles dizem que, em 1941, a pergunta que todos estavam fazendo era: "Onde está Pearl Harbor?" Depois que ganhei o Pulitzer, todos estavam dizendo: "Quem é Mary Oliver?" Eu já escrevi meu quinto livro, e acho que nunca fiz uma leitura. Eu estava lavando a louça quando o telefone tocou [risos].

Maria Shriver: E o que você achou?

Mary Oliver: Bem, quando a emissora de TV local ligou e perguntou se eles poderiam aparecer, eu disse que não. Eu estava naquele tempo (garota, você realmente me fez falar agora) mudando de casa, se é que você pode acreditar. Fui ao depósito de lixo para reunir telhas velhas, minha rotina habitual, e um sujeito que me viu disse: "Eu não te vi na televisão ontem à noite?" Eu não estava na televisão, mas eles mostraram uma foto minha. E então outra amiga veio, uma pintora, e disse: "Ha-ha, o que você está fazendo, procurando seus manuscritos antigos?" [Risos] Isso foi Provincetown — foi maravilhoso. Minha vida não mudou, exceto, que comecei a publicar mais trabalhos e a fazer leituras.

Maria Shriver: Você já ficou surpresa quando subiu ao palco onde havia milhares de pessoas sentadas apenas para ouvir você ler seus poemas?

Mary Oliver: Eu penso: "Essas pessoas estão esperando que não sejam adormecidas. Elas esperam ouvir algo que tenha significado para elas".

Maria Shriver: Isso é muita pressão! Você sempre diz, porém, que os poemas devem ser lidos.

Mary Oliver: Oh, eles devem. Eles são feitos para serem lidos e ouvidos.

Maria Shriver: É diferente ouvir você declamar "A Jornada", do que se eu mesma a lesse.

Mary Oliver: Sim, é diferente, mas não muito diferente se eu tiver feito um bom trabalho com o poema, com as palavras que uso, as quebras de linha. Poetas de hoje em dia parecem não saberem muito sobre mecânica. Donald Hall diz que um poema tem duas vidas — há a afirmação que você está fazendo, e há o corpo sensual do poema. As palavras que você usa, o layout... Eu sou fascinada por isso.

Maria Shriver: Você tem um poema favorito?

Mary Oliver: Que eu escrevi? Ainda não. Você deve amar todos os seus filhos [risos]. Na verdade, meu poema favorito é sempre aquele em que eu estou trabalhando.

Maria Shriver: Em qual você está trabalhando agora?

Mary Oliver: vários. Eu tenho cerca de quinze a dezoito agora.

Maria Shriver: Tem um ousado aí?

Mary Oliver: Ainda não foi digitado, mas sim, há um ousado [risos].

Leia mais: <http://www.oprah.com/entertainment/maria-shriver-interviews-poet-mary-oliver/all#ixzz5RhbMM4hV>

Foto: Rob Howard

Publicado em 03/09/2011

Anexo D – Contos e poemas completos de Mary Oliver em Inglês e respectivas traduções para o português

PROVINCETOWN

(Upstream, 2016, p. 171 à 175)

Give me a fish, I eat for a day:
teach me to fish, I eat for a lifetime.

Fisherman's Motto

Now let me fingers and pencils and my beloved old machine with its letters and numbers fly over the sweet harbor and gaze instead into the town itself. A tiny town as towns and cities are now, but to me it held a perfect sufficiency. Front Street and Back Street. Of course, they had other names, but this is town talk. One traffic light, one doctor, one drugstore. A scattering of restaurants, saloons. And the boatyards.

Most of the town lived for its fishing, a rough trade taken on, for the fish then were plenty. Many of the men were from Portugal, the islands. Not all, of course, but their hardiness was noticeable. Men, and boys in small boats that scarcely ever carried emergency gear for the men. Which meant at times the loss of both, the boat and its crew. When a boat did not return there was grieving in more than one house. Still, the next morning the boats went out, without their brothers. It felt close to nobility.

A memory: hauling the net up to the surface of the water and onto the deck was not easy work; the men had to be strong, quick, and accurate. In the morning sun, a few of the old men, retired now, would often gather together on the bench in front of the New York Store. Not one of them had all ten fingers.

Speaking of the net, which sank deeply and broadly, many a curiosity might appear along with the catch. Once, a human leg bone. Certainly, in these days, it would have been taken to the police station, not so in the time I am talking of, but instead it was carried to the priest at the Catholic Church. Where because of an old leg wound from the war, the owner of this piece of body was identified. Missing is only missing to insurance companies, but now the insurance would be paid, if the family had such. A blessing to a whole family.

The town was full of nicknames — a few I remember: Moon, Iron Man, Jimmy Peek (in remembrance of his grandfather, who, it is said, peeked a great deal). And then there was Flyer, owner of the boatyard. One winter, already of a great age, his shoulders stiffened into uselessness. He filled two pails with sand and water and carried them everywhere he went, the entire winter. By spring, his shoulders were fine. You do not meet such people everywhere.

I don't mean to slight the women of the town. Visiting a Portuguese house often deeply snuggled among flowers, it took no more than three minutes from my knock before I would find myself sitting in front of a bowl of streaming, delicious Portuguese soup and adding my own voice to the family chatter.

Provincetown has what we called Mediterranean light, which for years had brought artist to set up their easels on the shore, on the dunes, on street corners, or perhaps in their own

houses. Writers came as well. No occupation was considered elite. Provincetown became the place to come not only for the light but for the friendliness that sustained all of us, or so it seemed. I meet the plumber in the hardware store, “How’s your work going?” he would say. Pretty good, I’d answer, and how about you? “Pretty well”, he would say. And we would both ramble off smiling, feeling the sweetness of it.

And then the terrible change began. The great rafts of fish began to vanish. Overfishing, climate change, and little boats that were growing older every year were the causes. In other towns, larger boats were built to travel farther out the sea, something the Provincetown fleet could not do.

A town cannot live on dreams. The change was slow but harsh. The young men and women, boys and girls left to find work and to build another life. And the town became, not all at once but steadily, a town of pleasure. People swarmed in on weekends, and they still do. And it will no doubt go on. And there is no blame in this. The town had to find another way to live.

The tourist business was in. Late into the night the bands played. Closing hours changed, became later. There were weekend people and people who could afford a longer stay or buy a summer home. At the same time, I must say that many of the changes were important. A home for young artists and painters was established as well as a scientific center for the study of our coastal waters. But generally it became just, well, different. One could say it fast became a place to visit or live for a while, and to spend money. Not so much in which to live a life. To dance and make noise, though I do not mean to criticize all frolic. It was just, well, different.

I don’t know if I am heading toward heaven or that other, dark place, but I know I have already lived in heaven for fifty years. Thank you, Provincetown.

PROVINCETOWN

(Upstream, 2016, p. 171)

Dê-me um peixe, eu como por um dia:
ensina-me a pescar, eu como por toda a vida.

Lema do pescador

Agora, deixe-me dedos e lápis e minha amada máquina velha com suas letras e números voando sobre o doce porto e deixe-me olhar para a própria cidade. Uma pequena cidade como vilas e cidades são agora, mas para mim, ela possuía uma suficiência perfeita. Front Street e Back Street. Claro, elas tinham outros nomes, mas é como se fala na cidade. Um semáforo, um médico, uma farmácia. Restaurantes espalhados, salões. E os estaleiros.

A maior parte da cidade vivia da pesca, um comércio difícil, pois havia muitos peixes. Muitos dos homens eram de Portugal, das ilhas. Nem todos, claro, mas tinham uma resistência perceptível. Homens e meninos que em pequenas embarcações quase nunca levavam equipamentos de emergência para os tripulantes. O que significava, por vezes, a perda de ambos, do barco e de sua tripulação. Quando um barco não retornava, havia luto em mais de uma casa. Ainda assim, na manhã seguinte, os barcos saíam novamente sem seus irmãos. Parecia um ato nobre.

Uma memória: transportar a rede para a superfície da água e para o convés não era tarefa fácil; os homens tinham de ser fortes, rápidos e precisos. No sol da manhã, alguns dos mais velhos, aposentados agora, costumavam se reunir no banco em frente à loja de Nova York. Nenhum deles tinha todos os dez dedos.

Falando da rede, que afundou profunda e amplamente, muitas curiosidades podem aparecer junto com a sua captura. Uma vez, apareceu um osso de perna humana. Certamente, no mesmo instante, deveria ter sido levado à delegacia de polícia, mas não o fizeram. Diferentemente, foi levado ao sacerdote da igreja católica e este, por causa de uma ferida velha, ferida de guerra, identificou o homem ao qual pertencia aquele osso. Faltavam apenas as companhias de seguros, agora o seguro poderia ser pago, caso os familiares tivessem direito a isso. Uma bênção para toda a família.

As pessoas da cidade se chamavam frequentemente por apelidos — alguns dos quais me lembro: Lua, Homem de Ferro, Jimmy Peek (em memória de um avô, que, segundo seu neto, espreitou um ótimo negócio). E depois havia o Flyer, dono do estaleiro. No inverno, já com idade avançada, seus ombros ficaram rígidos e inúteis. Ele enchia dois baldes com areia e água e os carregava de um lado para outro, durante todo o inverno. Na primavera, seus ombros estavam bons. Você não conhece pessoas assim em todos os lugares.

Eu não quero menosprezar as mulheres da cidade. Visitando uma casa portuguesa, que no mais das vezes, era profundamente aconchegante com suas muitas flores, não demorava mais do que três minutos, nas minhas contas, para eu me encontrar sentada em frente a uma tigela de *streaming*, deliciosa sopa portuguesa, acrescentando a minha própria voz, à conversa familiar.

Provincetown tem o que chamamos de luz mediterrânea, que durante anos levava os artistas a montarem seus cavaletes na praia, nas dunas, nas esquinas das ruas ou, talvez, em suas próprias casas. Escritores também vieram. Nenhuma ocupação foi considerada elite. Provincetown tornou-se um lugar para vir não apenas pela luz que tinha, mas pela simpatia que de todos nós, seus habitantes, ou assim parecia ser. Eu me encontrava com o encanador na loja de ferragens, “Como vai o seu trabalho?” Ele dizia. Muito bem, eu respondia. E você? “Muito bem”, ele dizia. E ambos saíamos sorrindo, sentindo a sutileza desse momento.

E então a terrível mudança começou. As grandes jangadas de peixe começaram a ficar escassas. A pesca excessiva, a mudança climática e os pequenos barcos que envelheciam a cada ano, eram as causas da mudança. Em outras cidades, barcos maiores foram construídos para viajarem mais distante ao mar, algo que a frota de Provincetown não podia fazer.

Uma cidade não pode viver de sonhos. A mudança foi lenta, mas dura. Os jovens, homens e mulheres, meninos e meninas partiram para encontrar trabalho e para construir outra vida. E a cidade tornou-se, não de uma só vez, mas gradativamente, uma cidade de prazeres. As pessoas invadiam a cidade nos finais de semana, e assim continua até hoje. E, sem dúvida, continuará sendo. E não há culpado nisso. A cidade tinha de encontrar outra maneira para viver.

O negócio turístico chegou. Tarde da noite as bandas tocavam. Horários de encerramento mudaram, passaram a ser mais tarde. Havia pessoas de fim de semana, e pessoas que podiam pagar uma estadia mais longa, ou comprar uma casa de veraneio. Assim, devo dizer que muitas das mudanças foram importantes. Foi fundada uma casa para jovens artistas e pintores, bem como um centro científico para o estudo das nossas águas costeiras. Mas, no geral, tornou-se apenas bem diferente. Pode-se dizer que, rapidamente, Provincetown se tornou um lugar para visitar ou viver por um tempo, e para gastar dinheiro e, não, exatamente, para viver uma vida. Para dançar e fazer barulho, embora, eu não queira aqui criticar o povo que faz isso. Apenas se tornou muito, muito diferente.

Não sei se estou indo para o céu ou para aquele outro lugar escuro, mas eu sei que já vivi no céu por cinquenta anos. Obrigada, Provincetown.

MAY

(American Primitive, 1983, p. 53)

May, and among the miles of leafing,
blossoms storm out of the darkness —
windflowers and moccasin flowers. The bees
dive into them and I too, to gather
their spiritual honey. Mute and meek, yet theirs
is the deepest certainty that this existence too —
this sense of well-being, the flourishing
of the physical body — rides
near the hub of the miracle that everything
is a part of, is as good
as a poem or a prayer, can also make
luminous any dark place on earth.

MAIO

(American Primitive, 1983, p. 53)

Maio, e entre os quilômetros de folhas,
florescem da escuridão —
orquídeas aéreas e orquídeas sapatinho. As abelhas
mergulham entre elas, e eu também, para recolher
seu mel espiritual. Silencioso e manso, mas neles
está a mais profunda certeza de que esta existência também —
essa sensação de bem-estar, o florescimento
do corpo físico — transita
próximo ao centro do milagre onde tudo
é uma parte, é tão bom
quanto um poema ou uma oração, e também pode
iluminar qualquer lugar escuro na terra.

HUMPBACKS

(American Primitive, 1983, p.60)

There is, all around us,
this country
of original fire.

You know what I mean.

The sky, after all, stops at nothing, so something
 has to be holding
 our bodies
 in its rich and timeless stables or else
 we would fly away.

Off Stellwagen
 off the Cape,
 the humpbacks rise. Carrying their tonnage
 of barnacles and joy
 they leap through the water, they nuzzle back under it
 like children
 at play.

They sing, too.
 And not for any reason
 you can't imagine.

Three of them
 rise to the surface near the bow of the boat,
 then dive
 deeply, their huge scarred flukes
 tipped to the air.

We wait, not knowing
 just where it will happen; suddenly
 they smash through the surface, someone begins
 shouting for joy and you realize
 it is yourself as they surge
 upward and you see for the first time
 how huge they are, as they breach,
 and dive, and breach again
 through the shining blue flowers
 of the split water and you see them
 for some unbelievable
 part of a moment against the sky —
 like nothing you've ever imagined —
 like the myth of the fifth morning galloping
 out of darkness, pouring
 heavenward, spinning; then

they crash back under those black silks
 and we all fall back
 together into that wet fire, you

know what I mean.

I know a captain who has seen them
playing with seaweed, swimming
through the green islands, tossing
the slippery branches into the air.

I know a whale that will come to the boat whenever
she can, and nudge it gently along the bow
with her long flipper.

I know several lives worth living.

Listen, whatever it is you try
to do with your life, nothing will ever dazzle you
like the dreams of your body.

its spirit
longing to fly while the dead-weight bones

toss their dark mane and hurry
back into the fields of glittering fire

where everything,
even the great whale,
throbs with song.

JUBARTES

(American Primitive, 1983, p.60)

Há, ao nosso redor,
este país
de fogo original.

Você sabe o que eu quero dizer.

O céu, sobretudo, se congela no nada, então, algo
tem que estar segurando
nossos corpos
em seus estábulos ricos e atemporais ou, assim,
nós voaríamos para longe.

Fora de Stellwagen
fora de Cape,
as Jubartes se levantam. Carregando suas toneladas

de cracas e de alegria
 elas saltam sobre a água, elas se voltam sob ela
 como crianças
 brincando.

Elas cantam também.
 E por qual razão
 você não pode imaginar.

Três delas
 se levantam sobre a superfície perto da proa do barco,
 então mergulham
 profundamente, suas caldas cheias de cicatrizes
 jogam no ar.

Nós esperamos, sem saber
 exatamente onde isso vai acontecer; de repente
 elas rompem a superfície, alguém começa
 gritando de alegria, e você percebe
 é você mesmo que surge ali com elas
 para cima, e você vê pela primeira vez
 quão enormes elas são, enquanto elas insistem
 e mergulham, e mergulham novamente
 entre as brilhantes flores azuis
 na água dividida, você as vê
 de forma inacreditável
 parte de um momento que em oposição ao céu —
 como algo que você nunca havia imaginado —
 como o mito da quinta manhã galopando
 na escuridão, transbordando
 rumo a Deus, girando; então

elas caem de volta sob aquelas sedas negras
 e todos nós caímos de volta
 juntos, naquele fogo molhado, você
 sabe o que eu quero dizer.

Eu conheço um capitão que as viu
 brincando com algas, nadando
 pelas ilhas verdes, jogando
 os galhos escorregadios para o ar.

Eu conheço uma baleia que vem ao barco sempre que
 ela pode, e cutuca suavemente ao longo do arco
 com sua longa barbatana.

Eu conheço várias vidas que valem a pena viver.

Ouçã, seja o que quer que você tente
fazer com a sua vida, nada vai deslumbrã-lo
como os sonhos do seu corpo.

seu espírito
anseia voar, enquanto o peso morto dos seus ossos

jogam sua crina escura, e voltam rapidamente
para os campos de fogo cintilante

onde tudo,
atê mesmo a grande baleia,
dança com a música.

I OWN A HOUSE

(Swan, 2010, p.38)

I own a house, small but comfortable. In it is a bed, a desk, a kitchen, a closet, a telephone.
And so forth — you know how it is: things collect.

Outside the summer clouds are drifting by, all them with vague and beautiful faces. And there
are the pines that bush out spicy and ambitious, although they do not even know their names.
And there is the mockingbird; over and over he rises from his thorn-tree and dances — he
actually dances, in the air. And there are days I wish I owned nothing, like the grass.

EU TENHO UMA CASA

(Swan, 2010, p.38)

Eu tenho uma casa pequena, mas confortável. Nela há uma cama, uma escrivãzinha, uma
cozinha, um armário, um telefone. E assim por diante — você sabe como é: as coisas se
acumulam.

Quando não é verão, as nuvens ficam à deriva, todas elas como rostos vagos e bonitos. E há
os pinheiros que são ásperos e ambiciosos, embora nem sequer saibam seus nomes. E há o
tordo; mais e mais ele se levanta de seu espinheiro e dança — ele realmente dança no ar. E há
dias que eu gostaria de não ter nada, como a grama.

IN BLACK WATER WOODS

(American Primitive, 1983, p. 82)

Look, the tree
are turning
their own bodies

into pillars

of light,
are giving off the rich
fragrance of cinnamon
and fulfillment,

the long tapers
of cattails
are bursting and floating away over
the blue shoulders

of the ponds,
and every pond,
no matter what its
name is, is

nameless now,
Every year
everything
I have ever learned

in my lifetime
leads back to this: the fires
and the black river of loss
whose other side

is salvation,
whose meaning
none of us will ever know.
To live in this world

you must be able
to do three things:
to love what is mortal;
to hold it

against your bones knowing
your own life depends on it;
and, when the time comes to let it go,
to let it go.

NAS ÁGUAS NEGRAS DO BOSQUE
(American Primitive, 1983, p. 82)

Olhe, a árvore
Está transformando
seus próprios corpos

em pilares

de luz,
estão emitindo as ricas
fragrâncias de canela
e realização,

o longo afunilamento
de taboas
está se abrindo e flutuando sobre
os ombros azuis

das lagoas,
e cada lagoa,
não importa qual seja o seu nome, é

sem nome agora,
Todo ano
tudo
que eu aprendi

na minha vida
me leva de volta à isso: ao fogo
e ao rio negro da perda
cujo outro lado

é salvação,
cujo significado
nenhum de nós jamais saberá.
Para viver neste mundo,

você deve ser capaz
de fazer três coisas:
amar o que é mortal;
segurá-lo

contra seus ossos, sabendo
que sua própria vida depende disso;
E, quando chegar a hora de deixa-lo ir,
deixá-lo ir.

A POEM FOR THE BLUE HERON
(American Primitive, 1983, p. 32-33)

1
Now the blue heron
wades the cold ponds
of November.

In the gray light his hunched shoulders
are also gray.

He finds scant food—a few
numbed breathers under
a rind of mud.

When the water he walks in begins
turning to fire, clutching itself to itself
like dark flames, hardening,
he remembers.

Winter.

2

I do not remember who first said to me, if anyone did:
Not every thing is possible:
some things are impossible,

and took my hand, kindly,
and led me back
from wherever I was.

3

Toward evening
the heron lifts his long wings
leisurely and rows forward

into flight. He
has made his decision: the South
is swirling with clouds, but somewhere,
fibrous with leaves and swamplands,
is a cave he can hide in
and live.

4

Now the woods are empty,
the ponds shine like blind eyes,
the wind is shouldering against
the black, wet
bones of the trees.

In a house down the road,
as though I had never seen these things —
leaves, the loose tons of water,
a bird with an eye like a full moon
deciding not to die, after all —
I sit out the long afternoons
drinking and talking;

I gather wood, kindling, paper; I make fire
after fire after fire.

UM POEMA PARA A GARÇA AZUL

(American Primitive, 1983, p. 32-22)

1

Agora a garça azul
vadeia nas lagoas frias
de novembro.

Na luz cinzenta, seus ombros curvados
também são cinzentos.

Ela encontra a comida escassa —
narinas congeladas sob
uma camada fria de lama.

Quando a água em que ela caminha começa
a se transformar em fogo, agarrando-se a si mesmo
como chamas escuras, endurecendo,
ela se lembra.

Inverno.

2

Não me lembro quem primeiro me disse, se alguém me disse:
Nem tudo é possível:
algumas coisas são impossíveis,

e pegou minha mão, gentilmente,
e me levou de volta
para onde eu estava.

3

No final da tarde,
a garça levanta suas longas asas
e segue em frente

voando. Ela
tomou sua decisão: o Sul
está nublado, mas em algum lugar,
fibroso com folhas e pântanos,
há uma caverna na qual ela poderá se esconder
e viver.

4

Agora os bosques estão vazios,

as lagoas brilham como olhos cegos,
o vento está soprando contra
os ossos pretos e úmidos
das árvores.

Em uma casa na estrada,
como se eu nunca tivesse visto essas coisas antes —
folhas, numa imensidão de água perdida,
um pássaro com os olhos de lua cheia
optando por não morrer, afinal —
eu fico sentada ao longo das tardes
bebendo e conversando;
Eu junto madeira, graveto, papel; Eu faço um fogo
Após o outro.

COLD POEM

(American Primitive, 1983, p. 31)

Cold now.
Close to the edge. Almost
unbearable. Clouds
bunch up and boil down
from the north of the white bear.
This tree-splitting morning
I dream of his fat tracks,
the lifesaving suet.

I think of summer with its luminous fruit,
blossoms rounding to berries, leaves,
handfuls of grain.

Maybe what cold is, is the time
we measure the love we have always had, secretly,
for our own bones, the hard knife-edged love
for the warm river of the I, beyond all else; maybe

that is what it means, the beauty
of the blue shark cruising toward the tumbling seals.

In the season of snow,
in the immeasurable cold,
we grow cruel but honest; we keep
ourselves alive,
if we can, taking one after another
the necessary bodies of others, the many
crushed red flowers.

POEMA FRIO

(American Primitive, 1983, p. 31)

É frio agora.
 Quase no limite. Quase
 insuportável. Nuvens
 aglomeram-se e desaparecem
 no norte vem o urso branco.
 Este comedor matinal de árvores
 Eu sonho com seus rastros gordos,
 o gordo salva-vidas.

Eu penso no verão com suas frutas brilhantes,
 flores tornando-se frutos, folhas,
 punhados de grãos.

Mas talvez no frio seja a hora
 de medirmos o amor que sempre tivemos, secretamente,
 por nós mesmos, o duro amor afiado pela facas
 pelo rio quente do eu, acima de tudo; talvez

seja o significado da beleza
 do tubarão azul nadando em direção às focas acrobáticas.

Na estação da neve,
 no imensurável frio,
 nos tornamos cruéis, porém, honestos; Nós nos mantemos
 vivos,
 se pudermos, agarrando um após o outro
 os corpos necessários, as muitas
 flores vermelhas esmagadas.

THE TURTLE

(New and Selected Poems, 1992, p. 123-124)

breaks from the blue-black
 skin of the water, dragging her shell
 with its mossy scutes
 across the shallows and through the rushes
 and over the mudflats, to the surprise,
 to the yellow sand,
 to dig with her ungainly feet
 a nest, and hunker there spewing
 her white eggs down
 into the darkness, and you think

of her patience, her fortitude,

her determination to complete
 what she was born to do —
 and then you realize a greater thing —
 she doesn't consider
 what she was born to do.
 She's only filled
 with an old blind wish.
 It isn't even hers but came to her
 in the rain or the soft wind,
 which is a gate through which her life keeps walking.

She can't see
 herself apart from the rest of the world
 or the world from what she must do
 every spring.
 Crawling up the high hill,
 luminous under the sand that has packed against her skin.
 she doesn't dream
 she knows

she is a part of the pond she lives in,
 the tall trees are her children,
 the birds that swim above her
 are tied to her by an unbreakable string.

A TARTARUGA

(New and Selected Poems, 1992, p. 123-124)

frestas da pele azul-escuro
 da água, arrastando seu casco
 com seus escudos musgosos
 através do raso, e através dos juncos
 e sobre as planícies lamacentas, para surpresa,
 para a areia amarela,
 para cavar com seus pés desajeitados
 um ninho, e se aninhando ali, deposita
 seus ovos brancos
 na escuridão, e você reflete

sobre sua paciência, sua fortaleza,
 sua determinação para completar
 o que ela nasceu para fazer —
 e então você percebe algo grandioso —
 ela não tem em mente
 o que ela nasceu para fazer.
 Ela só está cheia
 de um antigo desejo cego.
 não é nem dela, mas foi designado a ela

na chuva ou no vento suave,
que é um portão pelo qual sua vida continua existindo

Ela não pode se enxergar
para além do resto do mundo
ou daquele mundo que ela precisa criar
toda primavera.
Subindo a alta colina,
iluminada sob a areia que se acumulou na sua pele.
ela não sonha
ela sabe
ela é uma parte da lagoa em que vive,
os arbustos são seus filhos,
os pássaros que nadam sobre ela
estão ligados a ela por um laço indestrutível.

BONE POEM

(Twelve Moons, 1979. In: New and Selected Poems, p.195)

The little under the tree
Where the owl eats — shrapnel

Of rat bones, gull debris —
Sinks into the wet leaves

Where time sits with her slow spoon,
Where we become singular, and a quickening

From light-years away
Saves and maintains. O holy

Protein, o hallowed lime,
O precious clay!

Tossed under the tree
The cracked bones

Of the owl's most recent feast
Lean like shipwreck, starting

The long fall back to the center —
The seepage, the flowing,

The equity: sooner or late
In the shimmering leaves

The rat will learn to fly, the owl
Will be devoured.

POEMA OSSO

(Twelve Moons, 1979. In: New and Selected Poems, p.195)

O resto sob a árvore
Onde a coruja come — estilhaço

De ossos de rato, detritos de gaivota —
Mergulham nas folhas molhadas

Onde o tempo fica com sua colher lenta,
Onde nos tornamos singulares, e uma aceleração

De anos-luz de distância
Salva e mantém. Oh Santa

Proteína, o santificado cal,
O precioso barro!

Jogado sob a árvore
Os ossos quebrados

Do banquete mais recente da coruja
Inclina-se como um naufrágio, começando

A longa volta ao centro —
O fluxo, suave,

A equidade: mais cedo ou mais tarde
Nas folhas brilhantes

O rato aprenderá a voar, e a coruja
Será devorada.